



TRADUÇÃO DE JOSÉ MANUEL LOPES





SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Para quem quer fugir da rotina

TÍTULO: *Titus - O Herdeiro de Gormenghast*

AUTORIA: *Mervyn Peake*

EDITOR: *Luís Corte Real*

Esta edição © 2007 *Edições Saída de Emergência*

Título original Titus Groan © 1968 *The Estate of Mervyn Peake.*

Publicado originalmente no Reino Unido por Eyre & Spottiswoode, 1946

TRADUÇÃO: *José Manuel Lopes*

REVISÃO: *Idalina Morgado*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA E INTERIORES: *Saída de Emergência*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Guide - Artes Gráficas, Lda.*

1ª EDIÇÃO: *Outubro, 2007*

ISBN: 978-972-8839-88-8

DEPÓSITO LEGAL: 265136/07

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Av. da República, 861, Bloco D, 1º Dtº, 2775-274 Parede, Portugal

TEL E FAX: 214 583 770

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM

*Preferes comer carne? Ou antes ver
Um homem nas nuvens que falasse contigo?*
BUNYAN

A SALA DAS ESCULTURAS DE CORES VIVAS

Gormenghast, ou seja, a massa principal de pedra, aí desde o princípio, teria por si só apresentado uma certa imponente qualidade arquitectónica, não fora a circunfusão das esquálidas habitações que pululavam, como uma epidemia, em torno das muralhas exteriores. Espalhavam-se pela terra alcantilada, cada uma delas debruçada sobre metade do terreno do vizinho, até que, impedidas pelos baluartes do castelo, as partes mais secretas desses tugúrios se apoderavam das grandes muralhas, como lapas que se colassem a uma rocha. Devido a um antigo decreto, outorgara-se a essas residências uma gélida intimidade com a fortaleza, que se avultava muito acima delas. Sobre a irregularidade dos seus telhados, cairiam, época após época, sombras de contrafortes carcomidos pelo tempo, de majestosos torreões já derruídos e, a mais enorme de todas, a sombra da Torre das Pedreneiras. Esta, cheia de irregulares manchas de hera escura, levantava-se como um dedo mutilado por entre o punho cerrado e ossudo de toda essa alvenaria, apontando para o céu como uma blasfémia. De noite, as corujas transformavam-na numa garganta repleta de ecos; durante o dia, permanecia apenas aí, sem voz, entornando a sua longa sombra.

O contacto entre os habitantes do exterior e aqueles que viviam *intramuros* era escasso, excepto sempre que, na primeira manhã de Junho de cada ano, toda a população das habitações de barro estava autorizada a entrar nos Terrenos, a fim de exhibir as esculturas de madeira que havia talhado ao longo do ano. Tais esculturas, ornamentadas como brasões de cores inusitadas, eram geralmente de animais ou de figuras humanas e exe-

cutadas de um modo altamente estilizado e muito peculiar. A competição entre eles, para apresentarem o melhor objecto do ano, era amarga e feroz. A única paixão que tinham, uma vez já extintos os dias de amor, incidia na produção dessas esculturas de madeira e, por entre a lama dos casebres, no sopé da muralha exterior, existia um número de criativos artesãos, cuja qualidade de escultores em chefia os enchia de orgulho e lhes atribuía um lugar por entre as sombras.

Numa determinada altura, no interior da Muralha Exterior, a escassos palmos da terra, as grandes pedras de que a própria muralha era construída avançavam sob a forma de uma prateleira maciça que se estendia, de este a oeste, por cerca de sessenta ou de noventa metros. Essas pedras protuberantes estavam pintadas de branco e era sobre essa espécie de estrado que, na primeira manhã de Junho, as esculturas eram alinhadas todos os anos, para esperarem pela decisão do Conde de Groan. Os trabalhos que se julgavam ser mais bem acabados — e nunca eram escolhidos mais de três — eram, subseqüentemente, relegados para a Sala das Esculturas de Cores Vivas.

Imóveis aí, ao longo do dia, esses enérgicos objectos, com as fantásticas sombras que projectavam nas paredes, movendo-se e alongando-se com o passar das horas e com a inclinação do Sol, exsudavam uma espécie de escuridão apesar de todas as suas cores vivas. O ar entre eles tornava-se túrgido de inveja e de ciúme. Os artesãos ficavam aí como pedintes, rodeados pelas famílias, em grupos silenciosos. Eram grosseiros e prematuramente envelhecidos. Todo o seu ar radiante os abandonara já.

As esculturas que não eram seleccionadas seriam queimadas no pátio, nessa mesma noite, sob o varandim oeste de Lorde Groan. Este costumava ficar aí de pé, olhando para a fogueira e inclinando a cabeça taciturnamente, como se tivesse contristado, para em seguida, quando um gongo soava três vezes na parte interior do edifício, as três esculturas que escapariam às chamas serem transportadas sob a luz do luar. Eram então exibidas junto à balaustrada do varandim, para que a multidão em baixo as contemplasse, e o Conde de Groan pudesse pronunciar em voz alta os nomes dos autores, para que estes avançassem. Quando já estavam mesmo por baixo do lugar onde ele se encontrava, o Conde atirar-lhes-ia os tradicionais rolos de pergaminho que, de acordo com o que neles se escrevia, autorizava esses homens a passearem pelas ameias, sobre os seus acantonamentos, sempre que houvesse Lua cheia, em meses alternados. Nessas noites, em particular, de uma parede na muralha sul de Gormenghast, um observador poderia dar-se conta dessas mesquinhas figuras humanas, cuja arte lhe garantiria essa honra que eles tanto ambicionavam, a de andarem, para cá e para lá, junto às ameias.

Excepto no dia das esculturas, e dada a amplitude permitida aos mais inigualáveis, não existia outra oportunidade, para os que viviam intramuros, de conhecerem essa gente «do exterior», nem, de facto, teriam estes qualquer interesse por esse mundo «fechado», dado que estavam submersos nas sombras das altas muralhas.

Não passariam afinal de pessoas esquecidas: a prole que era lembrada com um certo sobressalto, ou com a irrealidade de um sonho recrudescente. Apenas o dia das esculturas os trazia até à luz do Sol, reavivando memórias de tempos antigos. Pois, tanto quanto Nettel — o octogenário que vivia na torre por cima do ferrugento salão de armas — se poderia recordar, essa cerimónia sempre se realizara. Inúmeras esculturas haviam-se consumido em cinzas, por obediência à lei, mas as escolhidas ainda eram armazenadas na Sala das Esculturas de Cores Vivas.

Essa sala, que se estendia pelo andar superior da Ala Norte, era o domínio de um conservador, Rottcodd, que, dado que ninguém visitava tal local, passava grande parte da sua vida a dormir numa cama de rede que ele instalara ao fundo. Apesar de todas as suas sestas, conheciam-no por jamais ter largado o espanador da mão; o objecto com que ele desempenharia uma das apenas duas tarefas costumeiras, que pareciam ser de rigor nessa longa e silenciosa sala, nomeadamente sacudir o pó das Esculturas de Cores Vivas.

Como peças estéticas, esses trabalhos não lhe despertavam grande interesse, mas, apesar de tudo, ficara agarrado, dada a sua proximidade, a algumas dessas esculturas. Ele seria absolutamente rigoroso sempre que espanejava o Cavalos Esmeralda. Essa Cabeça negra e cor de azeitona, que o contemplava do outro lado do sobrado, bem como o Tubarão Malhado, mereciam-lhe uma atenção especial. Ainda que em nenhuma dessas esculturas o pó se pudesse acumular.

Ao entrar às sete em ponto, de Verão e de Inverno, durante todos os dias do ano, Rottcodd retirava a custo o casaco e enfiava pela cabeça um guarda-pó muito largo que lhe descia até aos tornozelos. Com o seu espanador debaixo do braço, era seu hábito inspeccionar sagazmente, por cima dos óculos, a vastidão dessa sala. O seu crânio era escuro e pequeno, como uma bala corroída de mosquete, e os seus olhos, por detrás da cintilação desses óculos, eram miniaturas gémeas da sua cabeça. Todos três estavam em constante movimento, como se para compensar o tempo que passavam a dormir, a cabeça a balancear, de um modo mecânico, de um lado para o outro, e os olhos, como se seguindo as instruções dessa esfera parental à qual estavam ligados, examinando aqui, ali e por todo o lado, nada em particular. Após ter procedido a uma rápida vistoria, por cima dos óculos, e depois de ter repetido todo esse procedimento, ao longo de toda a extensão

da Ala Norte, tendo já vestido o guarda-pó, Rottcodd costumava aliviar o seu sovaco esquerdo da presença do espanador de penas e, com essa arma bem levantada, avançar, sem mais hesitações, para a primeira das esculturas que ficasse à sua direita. Situada no último andar da Ala Norte, essa sala nada tinha que ver com o que normalmente se designa como tal, pois assemelhava-se mais a uma mansarda. A única janela, aí existente, situava-se na parede do fundo, no lado oposto da porta por onde Rottcodd entrava, vindo da parte superior do edifício. Dava muito pouca luz. As persianas de madeira estavam sempre fechadas. A Sala das Esculturas de Cores Vivas estava iluminada dia e noite por seis enormes candelabros suspensos do tecto e espaçados de três em três metros. Nunca se permitia que as velas se extinguíssem ou pingassem, o próprio Rottcodd encarregava-se disso, antes de se retirar às nove da noite. Guardavam-se caixas de velas brancas na pequena e escura antecâmara antes da porta da sala, onde se encontravam também, sempre prontos a serem usados, o guarda-pó do conservador, um enorme livro para os visitantes, já branco de poeira, e um escadote. Não havia nem mesas nem cadeiras, nem qualquer outra peça de mobiliário, à excepção da cama de rede, junto à janela, onde Rottcodd dormia. O sobrado de tábuas estava branco do pó que, ao ser tão regularmente retirado das esculturas, não tinha outro lugar onde cair e se acumulara semelhante a cinzas, em especial nos quatro cantos da sala.

Após ter espanejado a primeira escultura à direita, Rottcodd prosseguia, mecanicamente, ao longo desse alinhado desfile de cores, parando, por momentos, diante de cada peça, com os olhos a percorrerem-na de alto a baixo, por toda a superfície, e a cabeça a balancear visivelmente sobre o pescoço, antes mesmo de usar o espanador de penas. Rottcodd não era casado. Quando o conhecíamos pela primeira vez, apercebíamos-nos de uma distante indiferença e de um nervosismo que fazia com que as mulheres o detestassem. Porém, tinha uma vida ideal, sozinho dia e noite nessa longa mansarda. Ocasionalmente, por uma ou outra razão, um criado ou um membro do pessoal da casa fazia-lhe uma visita inesperada, sobressaltando-o com alguma questão relacionada com o ritual. Então, o pó instalar-se-ia uma vez mais nessa sala, juntamente com a alma do Sr. Rottcodd.

Quais seriam os seus devaneios quando estava instalado na sua cama de rede, com a sua cabeça de bala escura pousada no braço flectido? Com que sonharia, hora após hora, anos após ano? Não seria fácil apercebermo-nos de que grandes pensamentos pudessem atormentar a sua mente, nem de que — apesar das esculturas cujos contornos de cores vivas surgiam sobre essa poeira, como uma perspectiva que se aprofundasse, semelhante a uma estrada para um imperador — Rottcodd fizesse qualquer tentativa para aliviar o seu isolamento, mas antes que ele gostava dessa mesma

solidão, mantendo sempre, bem dentro da sua cabeça, o horror que lhe provocaria a presença de qualquer intruso.

Contudo, numa tarde húmida, um visitante veio perturbá-lo. Quando estava deitado na sua cama de rede, a sua sesta foi bruscamente interrompida por uns quantos abanões no puxador da porta, algo que se fazia em vez da prática mais familiar de bater com os nós dos dedos sobre os painéis da mesma. O som escoou por essa longa sala, para se aninhar no pó fino do chão de tábuas. O sol espremeu-se por entre as finas estrias das persianas das janelas. Mesmo numa tarde quente, abafada e doentia como essa, tais persianas estavam fechadas e a luz das velas inundava essa divisão de um brilho incongruente. Logo que ouviu o puxador da porta a abanar, Rottcodd sentou-se de repente na cama. Os pequenos riscos de luz empoeirada, que se libertavam por entre as tabuinhas das persianas, listavam-lhe a cabeça escura com a claridade brilhante de um outro mundo. Ao baixar-se sobre a cama, vimo-la a balancear-se sobre os ombros, e os seus olhos, como setas, percorreram a porta de alto a baixo, incidindo, vezes sem conta e após tão rápida inquirição, sobre as agitações do puxador. Segurando o espanador de penas com a mão direita, Rottcodd começou a avançar por essa iluminada avenida, com os pés a levantarem a cada passo nuvens de poeira. Quando por fim se aproximou da porta, o puxador já não vibrava. Baixando-se imediatamente e apoiando-se num joelho, colocou o olho direito junto à fechadura e, tentando controlar as oscilações da cabeça, e os caprichos do seu olho esquerdo (que estava ainda a tentar examinar a superfície vertical da porta), lá pôde finalmente, à força de muita concentração, observar, a cerca de seis centímetros do olho que tinha na fechadura, um outro olho que não era seu, sendo não apenas de uma cor diferente do seu berlinde de ferro, mas estando, o que era ainda mais convincente, do outro lado da porta. Esse terceiro olho, que se entregava a uma actividade semelhante à de Rottcodd, pertencia a Flay, o criado taciturno de Sepulchrove, Conde de Gormenghast. Para este, estar quatro divisões mais adiante ou um andar mais acima do seu amo, era algo de muito raro nesse Castelo. O facto de se ausentar sequer da beira do Conde era algo de anormal. Contudo, aparentemente, nessa abafada tarde de Verão, era o olho do Sr. Flay que se encontrava do lado de fora da fechadura da Sala das Esculturas de Cores Vivas, e, como será de presumir, o resto do seu corpo. Ao reconhecerem-se mutuamente, ambos os olhos se desviaram, instantaneamente, e o puxador de latão voltou a abanar, chocalhado pela mão do visitante. Rottcodd rodou a chave na fechadura e a porta abriu-se lentamente.

O Sr. Flay parecia preencher toda a cercadura da porta, ao aparecer aí de pé e de braços cruzados, observando, de um modo inexpressivo, o homem pequeno diante dele. Era como se um rosto anguloso como o

dele não conseguisse enunciar qualquer frase, mas antes como se em vez de sons, algo de mais quebradiço, mais antigo, algo de mais seco emergisse, qualquer coisa talvez mais semelhante a uma apara ou a um fragmento de pedra. No entanto, os severos lábios abriram-se. «Sou eu» disse ele, dando um passo em frente, com as articulações dos joelhos a estalarem. Os seus passos pela sala — de facto, a sua passagem pela vida — eram acompanhados por esses estalidos, um a cada passo, que poderíamos comparar ao som de pequenos ramos secos a partirem-se.

Rottcodd, vendo que efectivamente era ele, convidou-o a entrar, com um irritante gesto de mão, fechando a porta atrás dele.

A conversação nunca fora um dote do Sr. Flay, de modo que, durante um longo período de tempo, este olhou desconsoladamente em frente, para só depois, após o que para Rottcodd teria parecido uma eternidade, levantar uma mão ossuda para se coçar atrás de uma orelha. Em seguida, fez a sua segunda observação: «Ainda aqui, pelo que vejo...» com uma voz muito forçada.

Rottcodd, sentindo que não haveria grande necessidade para lhe responder, encolheu os ombros e começou a percorrer o tecto com o olhar.

O Sr. Flay retomou a sua compostura e continuou: «Disse-lhe que ainda estava por aqui, não é Rottcodd?» Olhou amargamente para a estátua do Cavallo Esmeralda. «Ainda aqui, pelo que vejo...»

«Estou sempre aqui» observou Rottcodd, baixando os seus óculos cintilantes e percorrendo o rosto de Flay, com uma expressão inquisitiva. «Todos os dias, sem excepção. Tem feito muito calor. Está mesmo abafado. Desejava alguma coisa?»

«Nada» disse Flay, voltando-se para o outro com algo de ameaçador na sua atitude. «Não quero *nada*.» Limpou então a palma das mãos às ancas, onde o tecido escuro adquirira o lustro da seda.

Rottcodd espanejou um pouco de cinza dos seus sapatos e inclinou a sua cabeça de bala. «Ah...» limitou-se ele a dizer, com uma certa frieza.

«Está a dizer “Ah”» disse Flay, voltando as costas a Rottcodd e começando a percorrer essa avenida colorida, «mas olhe que lhe digo que é bem mais do que “ah”...»

«É claro» disse o outro. «Muito mais, permita-me dizê-lo. Mas não estou a perceber. Sou apenas um Conservador.» Ergueu então mais o corpo e ficou com os bicos de pés mergulhados nessa poeira.

«Um quê?» perguntou Flay, quase oscilando por cima da cabeça do outro. «Um conservador?»

«É isso mesmo» disse Rottcodd, abanando a cabeça.

Flay articulou um som ríspido e gutural. Para Rottcodd isso significava que o outro nada percebera, para mais estava aborrecido pelo facto de

esse homem ter invadido o seu domínio.

«Conservador» disse Flay, após um longo e horrível silêncio. «Posso contar-lhe uma coisa. Sei uma coisa...»

«Pois bem...» disse Rottcodd.

«Vou-lha contar» disse o outro. «Mas primeiro, em que dia estamos? Em que mês e em que ano estamos? Responda-me.»

Rottcodd sentiu-se um pouco confuso com tais perguntas, mas já começava a ficar um pouco curioso. Era tão óbvio que esse homem magro tinha algo para lhe contar que respondeu: «Estamos no oitavo dia do oitavo mês. Não estou certo do ano, mas porque mo perguntou?»

Com uma voz quase inaudível, Flay repetiu: «O oitavo dia do oitavo mês...» Os seus olhos eram quase transparentes, como se num país de feias colinas pudéssemos encontrar, entre rudes pedregulhos, dois lagos que reflectissem o céu. «Venha cá» disse ele. «Venha aqui, Rottcodd, vou contar-lhe. Você não percebe Gormenghast, o que acontece em Gormenghast — as coisas que acontecem — de modo algum... Lá em baixo é onde tudo aconteceu. Por baixo desta Ala Norte. Que coisas são estas aqui? Estas coisas de madeira? De nada já servem, afinal... Poderá encarregar-se delas, mas de nada lhe irão servir. Tudo está a mudar. O Castelo está a mudar. Hoje, pela primeira vez durante anos, o meu Senhor está sozinho. Já não está sob o meu olhar.» Flay mordeu um dos nós dos dedos. «Está nos aposentos da Senhora, é onde ele está. Está fora de si com tanta alegria: não me quer ao pé dele, não me deixa ver Aquele que chegou. Mas olhe que chegou mesmo, está lá em baixo e ainda não o vi.» Flay mordeu o nó de um dedo da outra mão, como se para compensar a sensação anterior. «Ninguém ainda aí entrou. É claro que não. Eu serei logo a seguir. Os pássaros estão pousados e alinhados no espaldar da cama. Corvos, estorninhos, os mais frágeis de todos e a gralha branca. Há um peneireiro com as garras espetadas na almofada. A minha Senhora alimenta-os com migalhas. Com grãos e bocadinhos de côdeas. Mal viu o seu recém-nascido. Herdeiro de Gormenghast. Nem sequer olha para ele, mas o nosso Lorde mal consegue desviar dele os olhos. Vi-o através das grades. Precisa de mim mas não me deixa entrar?... Está a ouvir-me?»

De certo que o Sr. Rottcodd o ouvia. Em primeiro lugar, nunca antes na sua vida vira Flay a falar tanto; em segundo lugar, as notícias de que um filho finalmente nascera nessa antiga e histórica Casa de Groan era, apesar de tudo, uma novidade interessante para um conservador que vivia sozinho no último andar dessa desolada Ala Norte. Ora aí estava qualquer coisa com que ocupar a cabeça nos tempos mais próximos. Era verdade, tal como o Sr. Flay observara, que ele, Rottcodd, não poderia, com todas as probabilidades, tomar o pulso ao Castelo deitado na sua cama de rede, pois,

na realidade, o conservador nem sequer suspeitara que vinha um herdeiro a caminho. As refeições chegavam-lhe através de um minúsculo elevador que deslizava pela escuridão, desde a área em que vivia a criadagem, muitos andares mais abaixo. À noite, dormia nessa antecâmara, logo, não tinha qualquer contacto com o mundo nem com tudo o que nele acontecia. O Flay trouxera-lhe verdadeiras notícias. De qualquer modo, detestava que o incomodassem, mesmo quando lhe traziam informação dessa magnitude. O que lhe passava então por essa cabeça, em forma de bala, era uma questão relativa ao aparecimento do Sr. Flay. Por que razão teria este, que, de um forma geral, nem sequer teria levantado uma sobrancelha para lhe reconhecer a presença — por que motivo se dera ao trabalho de subir tantas escadarias para chegar a uma parte do castelo que, para ele seria tão estranha, forçando assim uma conversa perante uma personalidade tão reservada? Percorreu então o Sr. Flay com a rapidez do seu olhar, e surpreendeu-se ao perguntar: «E a que devo atribuir a sua presença, Sr. Flay?»

«O quê?» disse este. «De que está a falar?» Olhou com certo desprezo para Rottcodd e os seus olhos tornaram-se vítreos.

Na verdade, o Sr. Flay surpreendera-se a si mesmo. Por que razão se teria ele, de facto, dado ao trabalho de contar a Rottcodd novidades que para ele eram tão importantes? Porquê Rottcodd, de entre tanta gente que conhecia? Continuou a olhar muito para o conservador, durante longos momentos e, quanto mais se atardava e ia pensando, mais claro se tornava para ele que o que lhe fora perguntado seria, para não dizer outra coisa, desconfortavelmente pertinente.

Esse homem pequeno, diante dele, fizera-lhe uma pergunta bem simples e directa. Parecia-lhe, todavia, uma questão complicada. Deu uns quantos passos desajeitados em direcção ao Sr. Rottcodd e então, forçando-se a meter as mãos nos bolsos das calças, voltou-se muito lentamente para ele.

«Ah...» disse, por fim, «estou a ver o que quer dizer, Rottcodd — já estou a ver o que quer dizer.»

O outro estava ansioso por se voltar a recostar na sua cama de rede e poder dar-se ao luxo de ficar mais uma vez sozinho, porém, o seu olhar dirigiu-se ainda mais presto para o rosto do visitante, ao ouvir essa observação. O Sr. Flay tinha dito que percebia o que ele dissera. Estaria a falar a sério? Era muito interessante. Que teria ele, *com efeito*, querido dizer com isso? Que teria o Sr. Flay visto, precisamente? Sacudiu então um diminuto grão de pó da cabeça dourada de uma dríade.

«Está então interessado no nascimento que ocorreu lá em baixo?» perguntou.

Flay ficou aí parado, por momentos, como se não tivesse ouvido

nada, mas, após alguns minutos, era óbvio que mal poderia acreditar no que ouvia. «Interessado!» gritou ele, com uma voz áspera e cava. «Interessado?! A criança é um Groan. Um autêntico Groan, um varão. Um desafio para a Mudança! Mas não haverá *Mudança*, Rottcodd. Não haverá qualquer Mudança!»

«Ah...» disse Rottcodd. «Estou a ver o que quer dizer, Sr. Flay. Mas o nosso Lorde não estava a morrer?»

«Não» disse o Sr. Flay. «Não estava a morrer, mas *as línguas não caem nas bocas!*» e dirigiu-se para as persianas de madeira, com longos passos de garça, levantando nuvens de pó atrás dele. Quando estas assentaram, Rottcodd pôde observar melhor a sua cabeça angular, cor de pergaminho, que se encostava ao lintel da janela.

O Sr. Flay não se poderia sentir plenamente satisfeito com a sua resposta à pergunta de Rottcodd, acerca das razões da sua visita à Sala das Esculturas de Cores Vivas. Enquanto permanecia aí, junto à janela, essa pergunta repetia-se vezes sem conta na sua cabeça. Porquê Rottcodd, de entre tantas pessoas? No entanto, sabia que, assim que ouvira falar do nascimento de um herdeiro, quando a sua natureza severa fora tão violentamente agitada, que ele se encontrara em pulgas para comunicar o seu entusiasmo a outra pessoa e Rottcodd viera-lhe logo à cabeça. Como nunca fora muito comunicativo nem dado a entusiasmos, fora-lhe difícil, mesmo sob o desgaste emocional de tal advento, informar Rottcodd acerca de tais factos. E, tal como já fora mencionado, surpreendera-se a si mesmo, não apenas por se ter dado a esse trabalho, mas por o ter feito em tão escasso espaço de tempo.

Voltou-se, e viu que o Conservador estava muito inquieto junto ao Tubarão Malhado, com a sua pequena cabeça, de cabelo muito curto, a mover-se para cá e para lá como a de um pássaro, cruzando os dedos das mãos sobre o espanador de penas. Podia dar-se conta que Rottcodd esperava, delicadamente, que ele se fosse embora. Em suma, o Sr. Flay sentia uma estranha disposição. Surpreendera-se com o facto de o conservador não se ter admirado sequer com as notícias, e ficara ainda mais surpreso por se ter apressado a trazer-lhas. Retirou então do bolso um enorme relógio de prata e colocou-o horizontalmente na palma da mão. «Tenho que ir» disse ele, desajeitadamente. «Está a ouvir-me, Rottcodd? Tenho que me ir embora...»

«Foi muito simpático da sua parte ter-me vindo visitar» disse o outro. «Não se importa de assinar o seu nome no livro dos visitantes, antes de sair?»

«Não! Não sou nenhum visitante.» Flay quase levantou os ombros até às orelhas. «Já estou com o Senhor há trinta e sete anos. Assinar um

livro...» acrescentou ele, com desprezo, e cuspiu para o canto mais distante dessa sala.

«Como quiser...» disse o Sr. Rottcodd. «Mas creia que era à secção do livro, onde se registam as visitas do pessoal, que eu me estava a referir.»

«Não!» exclamou Flay.

Ao passar pelo conservador, a caminho da porta, olhou cuidadosamente para ele e reparou que essa questão o magoava. Porquê? O Castelo estava inundado pela alegria desse nascimento. Tudo se parecia acender com conjecturas. Não havia controlo. Havia comentários à boca fechada que se espalhavam por essa fortaleza. Por todo o lado: nos corredores, sob arcarias, em claustros, refeitórios, cozinhas, dormitórios e vestíbulos o mesmo se passava. Por que motivo escolhera ele o sensaborão do Rottcodd? Só então, de súbito, se deu conta. Quem sabe se, subconscientemente, se tivesse apercebido de que tais notícias não seriam novidade para mais ninguém, que Rottcodd seria com um terreno virgem para a sua mensagem. Esse conservador, que vivia sozinho entre Estátuas de Cores Vivas, era o único em quem poderia confiar tais boas novas, sem se arriscar a sentir a sua dignidade ofendida. Era também o único que, se bem que tal conhecimento não lhe despertasse qualquer entusiasmo, o receberia como uma novidade.

Após ter resolvido esse problema, que o atormentava, e de se ter apercebido vagamente de que tal conclusão era particularmente mundana e banal, de que não havia motivo para que a sua alma tivesse gritado pelos corredores e pelas escadas até aos ouvidos de Rottcodd, o Sr. Flay, com passinhos discretos, continuou a andar pelos corredores da Ala Norte e pelos degraus de pedra da escada em caracol, que conduzia ao pátio empedrado, sentindo entretanto uma inexplicável desilusão, a sensação de uma perda de dignidade e o sentimento de estar agradecido pelo facto de a sua visita a Rottcodd não ter sido observada, pois este estava bem escondido do mundo, nessa sua Sala das Esculturas de Cores Vivas.

A GRANDE COZINHA

À medida que Flay ia passando pelo arco dos criados e descia os doze degraus que conduziam ao corredor principal da área da cozinha, deu-se conta de uma mudança brusca na sua disposição. A solidão do santuário do Sr. Rottcodd, que ainda permanecia na sua mente, fora violada. Aí, por entre os corredores de pedra, confirmava agora todos os sintomas de uma alegria irreverente. O Sr. Flay encolheu os ombros ossudos e, com as mãos nos bolsos do casaco, puxou a roupa para a frente, de modo que o seu hábito

negro parecia dividir os seus punhos fechados. O tecido estava esticado ao ponto de parecer rasgar-se na parte detrás. Olhou desiludidamente para a esquerda e para a direita e depois continuou a avançar, com as suas longas pernas de aranha a estalarem, à medida que abria caminho por entre uma caterva de serviçais. Estes estavam a rir-se grosseiramente e à socapa, uns para os outros, e um deles, de certo o mais espirituoso, ia contorcendo o rosto, tão maleável como pasta de vidraceiro, em trejeitos que pareciam libertar-se-lhe do crânio, se é que ele possuía um sob essa carne elástica. O Sr. Flay passou à pressa por eles.

O corredor estava vivo. Grupos de figuras de avental misturavam-se para se separarem em seguida. Uns cantavam; outros discutiam. Outros ainda colavam-se às paredes, mudos de cansaço, com as mãos a balançarem dos pulsos, ou abanando-as estupidamente ao som da última melodia vinda da cozinha. Esse clamor era sem tréguas. Tecnicamente, essa era mais a atmosfera com que Flay gostava de se deparar, ou, pelo menos, era a mais apropriada para essa ocasião. A falta de entusiasmo, que Rottcodd revelara, chocara-o. Pelo menos aí, o tradicional acatamento da felicidade, perante o nascimento de um herdeiro de Gormenghast, continuava a ser observado. Porém, ele próprio não poderia mostrar quaisquer sinais de entusiasmo, enquanto estivesse rodeado pelos outros. Ao caminhar ao longo desse corredor apinhado, e ao franquear as passagens escuras que conduziam ao matadouro, com o seu terrível mau cheiro a sangue fresco; as padarias, com um odor aprazível a pães doces; e as escadas que davam acesso às adegas e à rede subterrânea das caves do Castelo, sentiu uma certa satisfação, ao verificar quantos folgazões se desviavam para o deixarem passar, pois o seu posto de alto servidor em chefia do Conde era digno de respeito, e a boca ríspida, bem como as austeras rugas que se aninhavam muito fixas na sua testa protuberante, eram já aviso suficiente.

Nem sempre Flay aprovava a felicidade dos outros. Via nessa mesma felicidade sementes de independência e, na interdependência, sementes de revolta. Mas numa ocasião como essa era diferente, pois todos pareciam aderir, rigorosamente, ao espírito da convenção, de modo que, entre as costelas, o Sr. Flay sentia já os arrebatamentos de um certo prazer.

Chegara então ao local onde, à sua esquerda e a meio caminho do corredor dos criados, as pesadas portas da cozinha se encontravam entreabertas. Em frente dele, alongando-se em escura perspectiva, pois não havia aí quaisquer janelas, o resto do corredor prolongava-se silenciosamente. Não existiam portas de ambos os lados desse corredor que, ao fundo, terminava numa parede de pedra. Essa passagem inútil estava, como seria de esperar, geralmente vazia, mas o Sr. Flay deu-se conta de que alguns vultos se esguiavam pelas sombras. Simultaneamente, ensurdeceu por instantes

devido a um grande alarido e um fragor de passos pesados e de coisas a cair.

Quando o Sr. Flay entrou na Enorme Cozinha, o vapor e toda a concentração de calor tremendo atingiram-no. Era como se o seu corpo tivesse recebido um golpe. Não apenas a doentia atmosfera da cozinha parecia mais concentrada, devido aos raios de Sol que aí penetravam fumegando, em vários locais, pelas altas janelas; mas também, dado o tumulto das festividades, os lumes encontravam-se perigosamente acesos. Porém, o Sr. Flay acreditou que tal situação teria que ser mesmo assim. Até se chegou a aperceber de que os quatro grelhadores, onde se forçava pedaço após pedaço de carne, e as portas metálicas com as suas laças manivelas, até os fornos começarem a falhar dada a imoderada quantidade aí colocada, estavam afinados com a natureza legítima da ocasião. O facto de ninguém ter ideia do que estava a fazer, nem por que razão o fazia, era irrelevante. A Condessa acabara de dar à luz e essa não era altura para comportamentos racionais.

As paredes dessa vasta divisão, que transpiravam uma cálida humidade, estavam construídas com blocos de pedra cinzenta e constituíam a preocupação de um grupo de dezoito homens, conhecidos como os «Desencardidores Cinzentos». Fora deles o privilégio, ao tornarem-se adolescentes, de descobrirem que, por serem filhos dos seus pais, as carreiras lhes tinham sido desenhadas e que, diante deles, se estenderiam vidas sempre iguais, que consistiriam nessa tarefa pouco imaginativa mas muito louvada. O trabalho deles seria assim o de se certificarem de que, todas as manhãs, o vasto chão cinzento e as altaneiras paredes da cozinha voltariam a estar impecavelmente limpos. Todos os dias do ano, três horas antes do nascer do dia, até cerca das onze da manhã, quando os escadotes e os andaimes se tornavam um obstáculo para os cozinheiros, os Desencardidores Cinzentos tinham que satisfazer a sua vocação hereditária. Devido à natureza de tais tarefas, os seus braços tinham-se tornado extraordinariamente fortes e, quando deixavam que as suas mãos enormes pendessem livres, havia mais do que um simples eco do simiesco. Se bem que estes homens parecessem rudes, eram parte integrante da Grande Cozinha. Sem esses Desencardidores Cinzentos, algo de muito chão, muito intenso e por demais real faltaria de certo, aos olhos de um sociólogo que fizesse pesquisa nessa divisão repleta de vapor, e quisesse completar um leque de temperamentos, uma gama dos mais baixos valores humanos.

Através de uma proximidade diária com esses grandes blocos de pedra, os rostos dos Desencardidores também pareciam feitos do mesmo material. Não havia qualquer tipo de expressão nos seus dezoito rostos, a não ser que essa ausência se pudesse considerar por si só uma expressão. Desse modo, apenas falavam dessas pedras, somente viam e ouviam através

delas, se bem que fossem tradicionalmente surdos. Os seus olhos, porém, estavam aí, pequenos e espalmados, como moedas e a própria cor das paredes, como se durante as longas horas de observação profissional, a pedra cinzenta se tivesse neles reflectido, indelevelmente, uma vez por todas. Sim, os olhos ainda aí estavam, trinta e seis ao todo, os dezoito narizes e os contornos das bocas, semelhantes às rígidas fendas que dividiam as pedras, também aí estavam. Ainda que nada de físico parecesse faltar nesses dezoito rostos, seria impossível perceber neles o mais leve sinal de animação e, mesmo que num enorme alguidar, cheio com as suas feições, as tivéssemos misturado e cada uma dessas feições tivesse sido escolhida ao acaso para ser pregada num manequim de cera, em qualquer ângulo ou lugar mais caprichoso, não teria feito qualquer diferença, pois mesmo a composição mais fantástica e mais engenhosa nunca poderia sequer tentar dar vida a um arranjo em que as suas partes intrínsecas estivessem mortas. Ao todo, contando as orelhas que, em certas ocasiões, poderiam parecer monstruosamente expressivas, esses cento e oito traços eram incapazes, na melhor das hipóteses, de produzirem entre eles, individualmente ou em conjunto, a mais esbatida sombra de qualquer coisa que, por baixo deles, pudesse ainda estar viva.

Tendo observado toda a excitação que em torno deles crescera nessa Grande Cozinha, mas impedidos de compreenderem o que se passava, por falta de ouvido, durante as últimas duas ou três horas, tinham sido incapazes de se juntar ao espírito de festa que contagiara o coração e as entra-nhas do pessoal da cozinha.

Mas aí e então, nesse dia dos dias, depois de finalmente terem tomado conhecimento da chegada do novo Lorde, os dezoito Desencardidores Cinzentos estavam deitados lado a lado sobre o empedrado, por debaixo da grande mesa, completamente bêbados. Tinham assim honrado essa ocasião, se bem que já não fizessem parte desse contexto. Tinham sido empurrados para debaixo da mesa como se fossem meros barris de cerveja, e de facto eram-no.

Através de um clamor de vozes na Grande Cozinha, que se elevou e se esvaiu, que mudou de ritmo, e aí permaneceu até que um estridente auge ou que um asmático deslizar sonoro atingisse uma nova pausa, que seria então perturbada por uma hedionda gargalhada, por um murmúrio fascinado, ou pela rude desobstrução de uma garganta — através dessa espessa e entretecida meada de louca confusão, o ressonar lento e pesado dos Desencardidores Cinzentos continuara como um tema familiar de dolorosa persistência.

A favor desses mesmos Desencardidores, deverá ser dito que não foi antes de as paredes e o chão da cozinha estarem impecavelmente limpos

que eles atacaram a bebida, como se tivessem sido desmamados à força. Mas também não eram apenas eles os que tinham sucumbido. Essa mesma inquestionável prova de lealdade poderia ser observada em não menos de quarenta membros da cozinha, que, tal como os Desencardidores Cinzentos, reconhecendo a garrafa como o verdadeiro meio através do qual dar azo à sua afeição pela família dos Groan, estavam a ter visões e a sonhar.

O Sr. Flay, após ter limpo o suor que já lhe escorria pela frente, com a mão semelhante a uma garra, permitiu que os seus olhos se atardassem por momentos sobre os corpos inertes e escorçados dos ébrios Desencardidores Cinzentos. As suas cabeças estavam voltadas para ele, apresentando o cinzento-aço de um cabelo cortado quase rente. Por baixo da mesa, uma sombra alojara-se, e o resto dos seus corpos, retrocedendo em linhas paralelas, em breve foi devorado pela escuridão. Ao vê-los pela primeira vez, a única coisa em que pensou foi numa fila de ouriços-cacheiros completamente enrolados, demorou-lhe mesmo algum tempo até se ter dado conta de que estava apenas a olhar para uma fila de crânios com pedaços de cabelo eriçado. Satisfeito com essa constatação, o seu olhar vagueou ressentidamente pela Grande Cozinha. Tudo aí era uma confusão, mas, por detrás do fluxo de vultos deslizantes e desse caos temporário de mesas de pernas para o ar, ou do chão pelo qual tinham espalhado potes de caldo, tabuleiros de ir ao forno, tigelas e pratos partidos e pedaços de comida, o Sr. Flay conseguia ver ainda os objectos principais e mantê-los na sua mente como pontos de referência, pois a cozinha parecia flutuar diante dos seus olhos numa bruma pegajosa. Dividida por uma pesada parede de pedra na qual se situava uma porta de madeira rija, havia uma despensa onde se empilhavam as carnes frias, se penduravam as carcaças de animais e, num recesso dessa mesma parede, o enorme espeto. Numa mesa fixa, que se estendia ao longo dessa parede, viam-se grandes tigelas, capazes de comportarem cinquenta porções. Os potes para os caldos pareciam ferver eternamente em lume brando e o chão em redor dos mesmos era uma confusão de líquidos sépia, de cascas de ovos que já tinham flutuado nesses referidos potes para clarificarem o caldo. A serradura, que todas as manhãs costumavam espalhar regularmente pelo chão, amontoava-se agora em vários sítios, embebida em vinho. E onde, dispersos pelo chão, pequenos pedaços de gordura tinham sido atirados ou pisados, essa mesma serradura dava-lhes uma aparência de rissóis. Penduradas pelas paredes gotejantes havia filas de facas afiadas e de outros objectos metálicos: facas para trincar, para esfolar e cutelos com duas pegas. Por baixo, tinham colocado uma mesa para desmanchar carne, que mediria quatro metros por dois e meio, escortanhada e já lascada devido aos anos de muito uso.

Do outro lado dessa divisão, à esquerda do Sr. Flay, via-se um enorme caldeirão. Uma fileira de fornos e uma pequena porta funcionavam como pontos de referência. As portas desses fornos estavam escancaradas e chamas ácidas saltavam perigosamente, à medida que a gordura, que tinha caído em cima do lume, ia fervendo e libertando um certo mau cheiro.

O Sr. Flay sentia-se dividido. Detestava o que via, pois de todas as divisões do castelo era a cozinha a que ele mais odiava, e por uma boa razão; e contudo, um entusiasmo, no seu corpo de espantalho, fazia com que se desse conta de como tudo estava certo. É óbvio que não poderia analisar os seus sentimentos nem tal ideia lhe teria sequer ocorrido, mas ele era de tal modo uma parte de Gormenghast que poderia instintivamente dizer se o essencial das suas tradições, poderosas e sem desvios, se desenrolavam através dos canais apropriados.

Porém, o facto de o Sr. Flay apreciar, como se por motivos profundos, a rude vulgaridade da Grande Cozinha, de modo algum atenuava o seu desprezo pelas figuras humanas que via diante dele como indivíduos. Ao pousar o olhar num e noutra, a satisfação que a princípio sentira por os ver colectivamente transformou-se em repulsa ao observá-los um de cada vez.

Uma prodigiosa viga torcida e enrolada em espiral flutuava, ou assim lhe parecia devido a essa névoa, através da vastidão da Grande Cozinha. Aqui e ali, ao longo da parte de baixo, viam-se ganchos de ferro, por baixo dos quais, como sacos meio cheios de serradura, pois tão sem vida eles pareciam, estavam dois pasteleiros; um velho cozinheiro de peixes; um exímio em assados, com as pernas tão cambadas que quase descreviam um vago círculo; um especialista em legumes, com o cabelo ruivo; e cinco cozinheiros de molhos, com cachecóis verdes ao pescoço. Um deles, ao fundo do lugar onde Flay se encontrava, tremia um pouco, mas à parte disso, tudo era imobilidade. Estavam todos muito felizes.

O Sr. Flay deu alguns passos e a atmosfera fechou-se em torno dele. Tinha estado junto à porta sem ser observado, mas agora que se encontrava no meio desse recinto, um folgazão, dando um súbito salto pelo ar, agarrou-se a um dos ganchos da escura viga. Ficou aí suspenso por um braço, esse pequeno homem cretino com um rosto onde se parecia concentrar um aberto descaramento... Deveria possuir uma força anormal para o seu tamanho, pois, apesar de poder suspender da mão todo o peso do corpo, ainda se conseguiu erguer de modo a que a sua cabeça tocasse no gancho de ferro. Quando o Sr. Flay passou por baixo dele, esse anão, torcendo-se com uma velocidade incrível até ficar de cabeça para baixo, agarrou-se à viga com as pernas, deixando cair o resto do corpo na vertical e ficando com o rosto a escassos centímetros dos olhos do Sr. Flay. Sorriu grotescamente

para ele, com a cabeça ao contrário, antes que o outro pudesse ter feito qualquer coisa senão parar abruptamente. O anão conseguiu então trepar para cima da viga e estava já a correr por ela, de gatas, com uma agilidade mais fácil de se encontrar em selvas do que em cozinhas.

Um urro tremendo, elevando-se sobre toda essa cacofonia, fez com que ele voltasse a cabeça e se esquecesse do anão. Ao longe, à sua esquerda, na sombra de um pilar de suporte, ele podia vislumbrar a vaga mas inconfundível silhueta de algo que sempre estivera entranhado no seu cérebro como um tumor, desde que entrara nessa enorme cozinha.

SWELTER

O cozinheiro chefe de Gormenghast, equilibrando o corpo com dificuldade sobre um tonel de vinho, estava a falar com um grupo de aprendizes com os seus tristes casacos no fio e pequenos gorros brancos na cabeça. Agarravam-se aos ombros uns dos outros para se sentirem mais confiantes. Os seus rostos de adolescentes a suarem, devido ao calor dos fornos aí tão perto, estavam bastante surpreendidos e, quando se riam ou aplaudiam essa enormidade por cima deles, era com um fervor um pouco louco e de sicofanta. Logo que o Sr. Flay ficou a poucos metros desse grupo, ouviu-se um outro urro, como ele ouvira há bem pouco tempo, rolando pelo calor, por cima do tonel de vinho.

Esses jovens moços de cozinha tinham ouvido esse urro muitas vezes antes, mas nunca o tinham associado a outra coisa que não fosse ira. A princípio, como seria de esperar, tinha-os assustado, mas em breve perceberam que, nesse dia, não havia qualquer irritação no seu tom.

O chefe de cozinha, ao erguer-se muito acima deles, bêbado, pedante e cheio de arrogância, estava a divertir-se bastante.

Enquanto os aprendizes oscilavam, já um pouco bebidos, em torno do tonel de vinho, com os rostos a reflectirem e a absorverem a luz que jorrava de uma alta janela, também, de um modo delirante, se estariam a divertir. Esses ecos pareciam esvanecer-se ante os urros disparatados do chefe de todos os chefes de cozinha, e nesse círculo mole, em torno do tonel, continuavam a bater febrilmente com os pés, dando guinchos agudos de divertimento, pois tinham visto um sorriso inane que se despendia da mancha desfocada dessa enorme cabeça, por cima deles. Nunca antes se tinham eles dado a tais liberdades na presença do chefe, e tentavam desafiar-se uns aos outros, na tomada dessas até aí nunca vistas liberdades. Rivalizavam assim, para obterem favores, gritando o seu nome o mais alto que podiam. Tentavam prender-lhe o olhar. Estavam todos muito cansados e sentiam-se

pesados após tantas bebidas por dentro desse calor, mas pareciam viver sem medo, à custa das ébrias reservas de uma energia nervosa. Todos, excepto um rapaz de ombros muito levantados que preservara um agastado silêncio durante o desenrolar dessa cena. Este detestava esse indivíduo, por cima dele, e desprezava os seus colegas aprendizes. Estava encostado contra o lado mais sombrio de um pilar, fora do ângulo de visão do chefe.

O Sr. Flay estava aborrecido, mesmo num dia desses, devido a essa cena. Se bem que a aprovasse em teoria, na prática parecia-lhe que o espectáculo era demasiado desagradável. Lembrava-se, quando conhecera Swelter, de como ele e o chefe de cozinha tinham, logo de imediato, antipatizado um com o outro e de como essa sensação mútua se viera a agravar. Para Swelter era fastidioso ver a figura ossuda e desgrenhada do criado-mor de Lorde Sepulchrave, nessa cozinha. O único paliativo para esse aborrecimento era a oportunidade que lhe trazia de poder exhibir o seu mais aguçado sentido de humor, à custa do Sr. Flay.

Este, ao penetrar no espaço de Swelter, cheio de quentes vapores, apenas trazia consigo um objectivo. Provar, a si mesmo e aos outros, que ele, como servidor pessoal de Lorde Groan, nunca poderia ser incomodado por qualquer membro do pessoal.

Para manter bem claro tal facto para si mesmo, procedia por vezes a uma inspecção da área onde viviam os criados, contudo, nunca entrava na cozinha sem sentir um mal-estar no estômago e nunca saía de lá sem um tédio renovado.

As longas faixas de luz solar, que se reflectiam das paredes húmidas por dentro de um vapor quase cintilante, tinham riscado o corpo do chefe de cozinha com estrias de uma claridade fantasmagórica. Visto de baixo, o efeito era o de um volume de uma brancura cálida e vaga e de um cinzento que se dissolvia em pântanos de meia-noite — de um volume que se elevava e se esbatia entre os barrotes. Tal como mereceria essa ocasião, ele apoiou-se contra um pilar de pedra a seu lado e, ao fazê-lo, as manchas de luz deslizaram pela brancura degradada do uniforme que usava. Quando o Sr. Flay pusera os olhos nele, a cabeça do cozinheiro estava inteiramente na sombra. Sobre ela, o chapéu alto da sua profissão elevava-se friamente, uma vaga vela de mezena semiperdida num céu incerto. Nesse efeito total havia de facto algo que lembrava um galeão.

Uma das estrias de luz reflectida oscilava, de um lado para o outro, sobre o seu ventre volumoso. Esse charco de luz, em particular, movendo-se para a frente e para trás de um modo hipnótico, contornava, uma vez por outra, uma ilha vermelha de vinho entornado. Parecia saltar desse tecido mosqueado sempre que a luz aí se prendia, em agudo contraste com o claro-escuro, e desafiar assim as leis da tonalidade. Esse sinal sem detalhes

da devassidão de Swelter, tomando em atenção a curva inchada de pano, apresentava para o Sr. Flay, até certo ponto, algo de fascinante. Durante um minuto viu-o aparecer e desaparecer, para reaparecer uma vez mais — um losango carmesim, à medida que o corpo por detrás dele ia oscilando.

Outra vaga irreflectida de bater de pés e de gritos quebrou esse encanto e, levantando os olhos, olhou com reprovação em redor. De súbito, por momentos, a memória do Sr. Rottcodd, na sua enorme sala poeirenta e vazia, assaltou-lhe a consciência, e Flay sentiu-se chocado ao dar-se conta de quanto preferia — a esse inferno de divertimento santificado pela ocasião — a tépida e até certo ponto desleal auto-suficiência do conservador. Colocou-se então num ponto privilegiado, onde poderia observar sem ser visto, e, desde aí, reparou que Swelter se estava a equilibrar nas pernas, fazendo sinais com a sua enorme mão gorda, para que os adolescentes em baixo não falassem tão alto. Flay reparou como a habitual truculência do seu tom de voz e dos seus modos se tinham alterado nesse dia, para se tornarem enfarinhados, presos de uma convivialidade eivada de chumbo e de açúcar, numa repelente intimidade mais repulsiva ainda do que todas as suas raivas. A sua voz baixava das sombras em grandes rolos de som, como as notas doentias de um prodigioso e esboroado sino de feltro.

A sua mão macia amansara a agitação dos aprendizes e permitiu que a sua voz pastosa se lhe desprendesse da boca.

«Que chatice!...» e nessa meia-luz abriu os braços de modo a fazer rebentar os botões da sua túnica, um deles voando pela sala e surpreendendo uma barata que subia pela parede do lado oposto. «*Xuntem-se, xuntem-se todos e ouxam-me* bem, meu pequeno mar de rostos atentos, aproximem-se, meus pequeninos.»

Os aprendizes avançaram então, tropeçando e pisando os pés uns dos outros, ficando o que ia na dianteira quase esborrachado contra o tonel de vinho.

«*É axim... é axim mesjmo...*» disse Swelter, olhando muito para eles desde o seu poleiro. «Agora já *xão* uma pequena família feliz. Muito *xel-xionada* e avançada.»

Em seguida pôs a mão gorda por uma fenda do seu traje branco e retirou uma garrafa de um bolso fundo. Arrancando-lhe a rolha com os lábios, que pareciam ter uma fantástica muscularidade, bebeu de uma vez um quartilho sem afastar a rolha, pois tinha colocado um dedo no gargalo para dividir os jactos de vinho em dois, que lhe encheram as bochechas e que assim lhe deslizaram pela garganta, com um gorgolejar seco, até atingirem as indescritíveis pregas e ravinas, mais abaixo.

Os aprendizes voltaram a bater com os pés e davam empurrões uns aos outros num acesso de alegria e admiração.

O chefe retirou então a rolha e rodou-a entre o indicador e o polegar, e, satisfazendo-se com o facto de esta nem sequer se ter molhado durante toda essa operação, voltou a pô-la na garrafa que deslizou em seguida para o seu bolso fundo.

Mais uma vez levantou a mão para impor silêncio e já só se ouviam umas quantas respirações pesadas de excitação.

«Agora digam-me uma *coija* meus querubins malcheirosos. Digam-me e não *xe* enganem. Quem *xou* eu? Digam-me lá...»

«Swelter» gritaram eles. «O Sr. Swelter!»

«E é tudo o que *xabem*? É tudo o que sabem, meu pequeno mar de caras? Calados todos e escutem-me bem, *xou* o chefe de todos os chefes de cozinha de Gormenghast, já fui moço e homem durante quarenta anos, belo e louco, de dia e de noite, pela areia e pela serradura, entre bruxas e sarilhos, e por tudo isso posto num saco, com um molho de aloés e grãos de pimenta conservados em vinagre.»

«Com grãos de pimenta conservados em vinagre» gritaram os aprendizes abraçando-se a si mesmos e aos outros. «Quer que o cozinhemos, patrão? Que ponhamos tudo num caldeirão, muito bem mexido? Oh, que prato maravilhoso, patrão, que prato mais maravilhoso!»

«*Xilêncio!*» gritou o chefe. «*Xilêncio*, meus lindos meninos. Silêncio, meus anjinhos a arrotarem. Venham mais até aqui, com as *voxas* caritas de natas batidas e já vos vou dizer quem *xou*.»

O rapaz de ombros muito levantados, que não tomara parte nesse divertimento, retirou um pequeno cachimbo, feito de um ramo de absinto cheio de nós e encheu-o deliberadamente. A sua boca não tinha expressão, pois não se curvava nem para cima nem para baixo, mas os seus olhos eram escuros e quentes, repletos de um ódio amadurecido. Estavam semicerrados, mas a sua eloquência parecia arder-lhe entre as pestanas, ao ver esse indivíduo sobre o tonel a debruçar-se perigosamente.

«Escutem agora muito bem» continuava essa voz, «e vou dizer-vos exactamente quem *xou*, depois vou cantar-vos uma cantiga, e *voxês* vão logo *xaber* quem é que está a cantar, meus magrinhos filetes sem *xabor*.»

«Uma cantiga, uma cantiga!» exclamaram em coro, com vozes fininhas.

«Primeiro» disse o chefe, inclinando-se ainda mais e atirando-lhes cada palavra, como uma bala de canhão coberta de açúcar, «primeiro, não *paxo* do Abiatha Swelter, o que quer *dijer*, *xe* bem que *voxês* não o *xaibam*, que *xou* o *xímbolo* da excelência e da fartura. Sou o paizinho da excelência e da fartura. Quem *dixe* eu que era?»

«Abafer Swelter» gritaram.

O chefe ajeitou-se melhor sobre as suas pernas inchadas e deixou

que a boca lhe descaísse até que os outros se perdessem entre as sombras dos seus quentes gafanhotos.

«Abiatha» respondeu ele, lentamente, dando ênfase ao «A» central. «Abiatha. Que *dixe* eu que o meu nome era?»

«Abiatha» gritaram novamente.

«É *ixo*, é *ixo*. Abiatha. Estão a ouvir-me, minhas minhoquinhas podres, estão a ouvir?...»

Os aprendizes deram-lhe a entender que o estavam a ouvir com muita atenção.

Antes de continuar, o chefe voltou a pegar na garrafa. Dessa vez, segurou no gargalo com os dentes e inclinou a cabeça para trás até que essa ficasse na vertical, bebeu-a e depois cuspiu-a por cima das cabeças dessa multidão fascinada. O som do vidro escuro a partir-se sobre as lajes foi afogado por gritos de aprovação.

«A comida» disse Swelter, «é uma *coija xelestial*, e a bebida ainda mais fascinante — *exas* flores de *flatulênxia*... *Exes* rebentos gasosos... *Aproximem-se*, venham até aqui que eu vou cantar. Vou elevar o meu *coraxão* até *exas* vigas e vou cantar uma cantiga, uma velha *canxão* muito triste, muito cheia de dor... *Aproximem-se*...»

Era impossível para os aprendizes ficarem mais perto desse chefe de cozinha, mas gritaram e encorajaram-no a cantar, voltando para cima os seus rostos enlevados.

«Oh, que belos *pedaxos* de carne de assar *voxês* me parecem...» disse Swelter, olhando muito para eles e limpando as mãos contra os lábios grossos. «Que grupo de lombinhos *xoculentos*... Pois *xão*, pois *xão*... mas tão desajeitadinhos... *Ouxam*, minhas pichazinhas mansas, as *voxas* avozi-nhas até vão dar *xaltos* de prazer nas campas. Vamos pô-las aos *xaltos* meus queridos, pô-las ao *xaltos*... e que *xalto* para elas, para mim e para os vermes que as roem... Onde é que está o Steerpike?»

«Steerpike! Steerpike!» gritaram os rapazes, os que estavam à frente, inclinando para trás as cabeças em bicos de pés; os que estavam mais atrás elevaram as cabeças e olharam em volta. «Steerpike! Steerpike! Ele está por aqui, Sr. Swelter! Olhe, ali está ele! Aqui está ele, meu senhor, por detrás deste pilar!»

«*Xilêncio!*» gritou o chefe, inclinando a cabeça em forma de cabaça na direcção dos rostos ansiosos, à medida que o rapaz de ombros muito subidos tentava avançar.

«Aqui está ele! Aqui está ele!»

Steerpike, esse rapaz, parecia incrivelmente pequeno quando se aproximou desse monumento.

«Vou cantar para ti, Steerpike, para ti!...» murmurou o cozinheiro,

debatendo-se e apoiando-se, com uma mão, contra a parede do pilar que já começava a ficar escorregadia devido à condensação do calor, já com minúsculas veias de humidade a descenderem por essa lisa superfície. «Para ti, meu pantominas de quinas, meu traquinas, meu limpa minas... — para ti, meu horroroso, insidioso e espantoso bode cretino e lambareiro num redil de mau cheiro.»

Os aprendizes tremiam de alegria.

«Para ti, *xó* para ti, meu novelo de bilis de gato azedada. *Xó* para ti! Ouçam bem, meus diligentes com barrigas de conscientes... Estão m'ouvir? Pois a coisa é *axim*. É uma cantiga com mais de *xem* anos, a mais melancólica de todas as *canxões*...»

Swelter parecia esquecer-se de que ia cantar e, depois de ter limpo o suor das mãos na cabeça de um rapazinho que estava aí mais abaixo, voltou a olhar fixamente para Steerpike.

«E porquê para ti, meu raiozinho de sol *apodrexido*? Porquê *xó* para ti? Já estás a ficar inchado, meu pequenino — a ficar mais inchado do que *xeria* de esperar, tu que ainda és mais *inxignificante* do que o sangue de um arminho e tão distante de qualquer *coija* próxima da natureza — agora diz-me, ou antes, não me digas, por que *rajão* as tuas orelhas, mais apropriadas para papel de apanhar moscas, *xão*, por qualquer motivo que *xó* tu *xabes*, tão desprovidas de pêlo? Que te propões fazer a *xeguir*, nesta miserável *xalganhada*? *Xó* te vejo a andar de um lado para o outro, com *exas* tuas pernas fininhas. Já descobri os teus modos. Estás sempre a arfar que nem um cão, por esta minha cozinha. Olhas para tudo com os teus *inxolentes* olhinhos de animal. Já te vi a fazê-lo. Já te vi a olhar para mim. Agora estás a olhar para mim... Steerpike, minha *impaxiente* avezinha arrullhadora, que quere-rá *ixo* dizer e por que *rajão* deverei cantar para ti?»

Swelter inclinou-se um pouco para trás e parecia estar a reflectir melhor sobre a sua pergunta, ao limpar a testa com a manga do casaco. Mas nem sequer esperou pela resposta, abriu os braços pendentes para o lado e, até certo ponto, na órbita desse imenso arco, algo pareceu esvanecer-se.

Steerpike não estava bêbado. Enquanto estava junto aos pés do Sr. Swelter, apenas sentia desprezo e raiva pelo homem que ainda no dia anterior lhe dera uma palmada na cabeça. Mas, contudo, não podia fazer nada, senão ficar onde estava, empurrado e recebendo os encontrões dos protegidos que se colavam atrás dele, e ficar à espera.

Mais acima, a voz do patrão continuava: «É uma *canxão*, meu querido Steerpike, acerca de um monstro *axim* como tu, se ao menos *foxe* maior e ainda mais monstruoso... É uma *canxão* para um monstro *xem coraxão* que a ouvirá muito bem, meu furunculozinho vadio... Mais perto,

mais perto!... Não se podem aproximar mais, para ouvirem esta obra-prima das *canxões* fúnebres?»

O vinho começara já a redobrar a sua actividade subversiva no cérebro do chefe de cozinha. Estava agora quase a suportar-se tão-somente contra o pilar suado, e a inclinar-se tremendamente.

Steerpike olhou para ele por baixo da sua fronte ossuda. Os olhos do cozinheiro estavam esbugalhados, como bolhas injectadas de sangue. Um dos seus braços parecia escorrer, como um peso morto, contra essa superfície de suporte. O enorme volume da cara parecia ter-lhe descaído e assemelhava-se agora a gelatina.

Um buraco surgia nessa cara e, através dele, flutuava uma voz que se tornara então mais fraca.

«*Xou o Xwelter*» repetia, «o grande chefe de cozinha Abiatha *Xwelter*, um cozinheiro do *Xenhor* Conde, de todos os *xenhores* e furores que aqui *xe poxam* gerar. Abiafa Swelter, homem e rapaz, rapariga e fitas de *xetim*, muitas cozinhas, quarenta anos de frio e de *xol*, onde está o carcanhol... *espepo* e cabeludo como o Entrudo! Sou um cantor, *ouxam* bem, *ouxam-me* bem...»

O Sr. Swelter inclinou então a cabeça sobre o seu peito pintalgado de vinho, sem mexer os ombros, e fez um esforço para ver se a sua audiência estava suficientemente preparada para as suas notas de abertura. Mas nada podia ver por baixo dele, excepto esse «pequeno mar de rostos» ao qual aludira. Porém, esse pequeno mar era agora invisível para ele, dada a quantidade pantanosa de vapor.

«Estão m'ouvir?»

«Sim, sim, a canção, a cantiga!...»

Swelter voltou a baixar a cabeça por dentro desse confuso remoinho, e depois levantou a mão direita, já sem forças. Esforçou-se ainda vagamente por se desviar do pilar para poder recitar os seus versos sob uma perspectiva mais imponente, mas, incapaz de controlar esse esforço, caiu para trás, e então, à medida que um vasto sorriso inane se abria na metade inferior do seu rosto, e enquanto o Sr. Flay o ia observando, com a sua boca severa descaída para baixo, esse chefe de cozinha começou, lentamente, a enrolar-se sobre si mesmo, como se se preparasse para morrer. A cozinha tornara-se silenciosa como um túmulo aquecido. Por fim, através desse silêncio, o som de um ténue gorgolejar começou a infiltrar-se, no entanto, se era o primeiro verso ou o poema há muito esperado, ninguém poderia dizer, pois o chefe de cozinha, como um galeão, começara a guinar através da forma como se ancorava. Ouviu-se o som de algo a espalhar-se quando uma área de sete lajes deixou de se ver, sob uma massa cataléptica de gordura encharcada em vinho.

A garganta do Sr. Flay alterara-se progressivamente. À medida que esses horríveis minutos iam passado, ele fora invadido por uma repulsa tão acesa que, se não fosse esse chefe de cozinha estar rodeado de jovens, ele teria agredido esse bêbado. Assim, limitara-se a mostrar-lhe os seus dentes cor-de-areia, fixando muito os olhos, por uma última vez, nesse cozinheiro, com uma expressão de incrível ameaça. Por fim, desviara a cabeça e cuspira. Em seguida, empurrando para o lado quem quer que fosse que se lhe atravessasse no caminho, continuara, com grandes passos de esqueleto, até chegar a uma porta estreita na parede oposta àquela por onde entrara. Pela altura em que o monólogo de Swelter se arrastava já para a sua crapulosa conclusão, o Sr. Flay continuava a andar, cada passo distanciando-o mais metro e meio do fedor e da horrível cena da cozinha.

O seu fato preto, remendado nos cotovelos e junto ao colarinho, com um tecido lustroso de cor sépia, não lhe caía muito bem, mas pertencia-lhe, do mesmo modo como uma cabeça de tartaruga emergindo da concha ou o colar de penas de um abutre pertenceriam a esse réptil ou a esse pássaro. A sua cabeça, ossuda e cor de pergaminho, era já parte desse tecido lustroso. Erguia-se do último andar desse alto edifício negro, como se nunca tivesse conhecido outra residência.

Enquanto o Sr. Flay ia percorrendo as passagens até essa parte do Castelo onde Lorde Sepulchrave fora deixado sozinho, pela primeira vez em várias semanas, o conservador, dormindo descansadamente na Sala das Esculturas de Cores Vivas, ressonava sob a persiana. A cama de rede ainda balançava um pouco, mas muito pouco, devido ao modo como o Sr. Rottcodd para aí se atirara, depois de ter fechado a sala à chave, logo que o Sr. Flay saíra. O sol era abrasador, através das persianas, enchendo de ouro o pedestal onde se erguia uma escultura, e invadindo também, com as suas listas de tigre, o chão de tábuas.

A luz do dia, enquanto o Sr. Flay continuava a andar, ainda atravessava um dedo pela janela da cozinha, iluminando o transpirado pilar de pedra que agora já não teria que dar apoio ao chefe, pois essa esponja caíra já do tonel abaixo, logo que o Sr. Flay desaparecera, e ainda estava estendida junto à tribuna de onde discursara.

Em torno dele, viam-se agora umas quantas fatias de carne cobertas de serradura. Havia um cheiro intenso a gordura queimada, mas, à parte do vulto desse chefe, deitado de borco, dos Desencardidores Cinzentos por baixo da mesa e do homem que se suspendera da viga, não havia mais ninguém nessa enorme divisão sobreaquecida. Cada homem e cada rapaz,

que ainda conseguia mexer as pernas, fora em busca de locais mais refrescantes.

Steerpike vira, com uma mistura de espanto, alívio e maldoso divertimento, o dramático fim da oratória do Sr. Swelter. Por momentos, ficara aí a olhar para o corpo morto manchado de vinho do seu patrão, estendido a seus pés. Em seguida, olhando em volta e verificando que estava sozinho, dirigira-se à porta por onde o Sr. Flay saíra, e não demorou muito até estar a correr pelas passagens, voltando à esquerda e à direita, num esforço desesperado para encontrar ar fresco.

Nunca antes usara essa porta específica, mas imaginava que em breve encontraria o seu caminho para uma área exterior e para um local onde pudesse estar à sua vontade. Contornando uma ou outra esquina, reparou então que se perdera nesse labirinto de corredores de pedra, iluminados, aqui e ali, por luzes de velas, bem mergulhadas em cera e colocadas em nichos ao longo das paredes. Já desesperado, com as mãos na cabeça, à medida que ia correndo, e depois de ter contornado outra esquina, viu de súbito um vulto, a atravessar rapidamente a passagem em frente dele, que não se preocupava em olhar nem para a direita nem para a esquerda.

Logo que o Sr. Flay — pois era o criado do Conde que se dirigia aos aposentos do seu Senhor — desapareceu de vista, Steerpike espreitou a uma esquina, tentando quanto possível manter-se a uma certa distância que lhe permitisse abafar o som dos seus passos. Mas era quase impossível, dado que o andar semelhante ao de uma aranha do Sr. Flay, para além de poder abarcar grandes espaços, pressupunha, nessa sua marcha pausada, a forma lenta com que cada um dos seus pés pousava no chão. Contudo, Steerpike, sentindo que essa seria a altura apropriada para se escapar desses longos corredores, continuava a segui-lo o melhor que podia, na esperança que o Sr. Flay pudesse em breve desembocar num pátio fresco ou num espaço aberto que o pudesse finalmente libertar. Por vezes, quando as velas se encontravam espaçadas entre cada nove ou doze metros, o Sr. Flay deixava de se ver e apenas o som dos seus passos sobre as lajes poderia guiar quem o seguia. Então, muito devagar, quando a sua silhueta errática se aproximava da próxima aura de cera gotejante, começava, pouco a pouco, a transformar-se num vago vulto, até que, ao aproximar-se da vela, ele aparecesse como um espantalho cor de tinta, um louva-a-deus de cartão escuríssimo, accionado por cordas. Em seguida, a progressão da luz encontrava o seu reverso e, logo que ele passava diante da chama, Steerpike vê-lo-ia nitidamente, como um objecto iluminado contra as profundezas dessas áleas de pedra ainda a serem percorridas. O lustro, nesse momento, tornara-se visível no tecido muito fino que lhe cobria os ombros, os músculos gêmeos e verticais do seu pescoço elevavam-se então do colarinho esfarrapado em toda a cla-

ridade da sua nudez. À medida que avançava, a luz ia esmorecendo nas suas costas e Steerpike acabava por o perder, ouvindo-lhe tão-só os estalidos das articulações dos joelhos e os seus pés, atingindo as lajes, até que a próxima vela o voltasse a esculpir uma vez mais. Praticamente exausto, primeiro pela atmosfera insuportável da Grande Cozinha e agora por essa jornada que lhe parecia não ter fim, o rapaz, pois ele não teria mais de dezassete anos, deixou-se cair para o chão devido ao cansaço, atingindo as lajes com um baque e com as botas a arrastarem-se asperamente pela pedra. Esse ruído fez com que Flay parasse subitamente e se voltasse com lentidão, levantando os ombros até às orelhas. «Que é isso?» perguntou com uma voz áspera, olhando para a escuridão por detrás dele.

Não houve resposta. O Sr. Flay começou a percorrer o seu caminho no sentido inverso, com a cabeça inclinada para a frente e os olhos perscrutadores. Ao avançar, chegou junto à luz de uma das velas, na parede. Aproximou-se, mantendo ainda os seus olhos pequenos a observar a escuridão e, já junto à parede, arrancou a vela, a que estava agarrada a uma grande superfície de sebo. Com a ajuda dessa luz, em breve descobriu o rapaz, no centro do corredor, alguns metros mais adiante.

Inclinou-se, baixou esse pedaço de cera cintilante a escassos centímetros de Steerpike, que caíra de cabeça para baixo, e observou essa massa de braços e pernas imóveis. O som dos seus passos e os estalidos dos joelhos tinham dado lugar a um silêncio absoluto. Franziu a boca e tentou endireitar-se melhor. Depois voltou o corpo do rapaz com o pé. Tal gesto despertou logo Steerpike do seu desmaio. Este ergueu-se ainda trémulo, num cotovelo.

«Onde estou?» perguntou, com um murmúrio. «Onde estou?»

«Com que então, uma das pequenas ratazanas do Swelter» pensou Flay para consigo, ignorando a pergunta. «Um dos moços do Swelter... uma das suas ratazanas sem pêlo.» «Levanta-te, que estás tu a fazer aqui?» disse o Sr. Flay, em voz alta. «Que estás aqui a fazer?» e colocou a vela junto ao rosto do rapaz.

«Não sei onde estou» disse o jovem Steerpike. «Estou perdido. Perdido. Levem-me até à luz do dia...»

«Perguntei-te que estavas tu a fazer aqui... e que é que fazes aqui?» inquiriu Flay. «Não quero os rapazes do Swelter por estas bandas. Raios os partam!»

«Mas eu *não quero* estar aqui. Leve-me até à luz do dia e eu vou-me logo embora. Para longe.»

«Para longe? Para onde?»

Steerpike estava agora em controlo dos seus sentidos, ainda que continuasse a sentir muito calor e um grande cansaço. Notara o tom sar-

cástico na voz do Sr. Flay logo que este dissera: «Não quero os rapazes do Swelter por estas bandas» de modo que, quando este lhe perguntara: «Para longe, para onde?», Steerpike não demorou a responder-lhe: «Para qualquer lado, para qualquer lado bem longe desse famigerado Sr. Swelter.»

Flay olhou para ele uma ou duas vezes, abrindo várias vezes a boca para falar, mas acabando sempre por a fechar em seguida.

«Novo?» disse Flay, olhando inexpressivamente para o rapaz.

«Eu?» perguntou o jovem Steerpike.

«Sim, *tu!*» disse Flay, olhando por cima da cabeça do aprendiz.

«Novo?»

«Tenho dezassete anos» disse Steerpike, «mas sou novo nessa cozinha.»

«Quando?» perguntou Flay, que costumava omitir grande parte das suas frases.

Steerpike, que parecia conseguir decifrar essa espécie de conversa estenográfica, respondeu:

«No mês passado. Quero deixar esse maldito Swelter» acrescentou, jogando a única cartada possível e olhando para a vela que continuava acesa em frente dele.

«Então estavas perdido...» observou Flay, após alguns instantes, mas talvez com menos ódio no seu tom. «Perdido pelas Passagens de Pedra, não é? Uma das ratazanazinhas do Swelter, perdida nestas Passagens de Pedra...» e voltou a levantar mais uma vez os seus ombros ossudos.

«O Swelter caiu que nem uma pedra» disse Steerpike.

«Tens muita razão» disse Flay. «Estava a celebrar. E tu que fizeste?»

«Fiz?» perguntou o rapaz. «Quando?»

«Não estás cheio de contentamento?» perguntou o idoso, com o rosto semelhante a uma caveira. A luz da vela já começava a falhar. «Não te sentes muito feliz?»

«Não sinto qualquer felicidade» disse Steerpike.

«O quê?! Não sentes qualquer felicidade? Então trata-se de rebelião, pura e simples...»

«Sim, mas só em relação ao Sr. Swelter.»

«Swelter! Swelter! Deixa o nome desse energúmeno agarrado aos óleos e às gorduras. Não menciones sequer esse nome nas Passagens de Pedra. Swelter! Sempre esse maldito Swelter! Cala-te. Pega nesta vela e põe-na no nicho. Vamos. Caminha à minha frente. Com que então rebelião... Vais à minha frente, para a esquerda, para a esquerda, para a direita, volta agora à esquerda, depois à direita... Já te vou ensinar a sentires-te infeliz quando nasce um Groan... continua... sempre em frente...»

O jovem Steerpike ia obedecendo às instruções, que, por detrás dele, lhe iam sendo comunicadas.

«Nasceu um Groan...» disse Steerpike com um tom de voz que poderia ter sido interpretado como uma pergunta ou uma afirmação.

«Pois nasceu» disse Flay, «e tu por aqui aos encontrões pelas Passagens. Comigo, meu rapaz. Já te vou mostrar o que isso quer dizer. Um Groan varão... Com que então novo. Dezassete, não é?... Nunca irás perceber. Nunca. Volta à direita e depois à esquerda — outra vez... através desse arco... Ah, um corpo novo debaixo das pedras velhas... — e logo um rapaz do Swelter... Não gostas dele, pois não?»

«Não.»

«Ah...» disse Flay. «Espera aqui.»

Steerpike esperou, como lhe fora dito e o Sr. Flay, retirando um molho de chaves do bolso e escolhendo uma, com muito cuidado, como se estivesse a lidar com objectos de uma grande raridade, inseriu-a na fechadura de uma porta invisível, pois a escuridão era profunda. Steerpike ouviu o guincho metálico da fechadura.

«Para aqui!» disse Flay, ainda no escuro. «Onde está esse rapaz do Swelter? Anda cá...»

Steerpike avançou, aproximando-se da voz, tacteando com as mãos ao longo da parede desse arco baixo. De repente, estava junto aos trajos do Sr. Flay, que tresandavam a humidade. Estendeu a mão e agarrou o criado de Lorde Groan por uma parte solta da sua longa casaca. O Sr. Flay pousou logo a sua mão ossuda sobre o braço do rapaz, desviando-o, à medida que emitia uns quantos sons guturais, com que tentava desencorajar semelhantes tentativas de intimidade.

«Sala dos gatos» disse Flay, pondo a mão no puxador de ferro da porta.

«Ah» disse Steerpike, tentando concentrar-se e repetindo: «Sala dos gatos» só para preencher o tempo, pois não estava a ver o motivo de tal observação. A única interpretação que poderia dar a esse enunciado era que Flay se estava a referir a ele como a um gato e a exigir que este lhe desse mais espaço. Contudo, não lhe sentira qualquer irritação na sua voz.

«Sala dos gatos» voltou Flay a dizer, como se ruminasse as palavras, e rodou o puxador de ferro. Abriu a porta devagar e Steerpike, olhando para além do vulto do idoso, já não achou que haveria necessidade para uma explicação.

A sala estava inundada pelos últimos raios de Sol. Steerpike ficou aí muito parado, com um formigueiro de prazer a percorrer-lhe o corpo. Sorriu. Uma tapete cobria o chão como uma espécie de pastagem azul. Aí se deitavam em centenas de atitudes decorativas, ou permaneciam imóveis

como esculturas, ou passeavam soberbamente por esse cenário cor de safira, entrelaçando-se uns nos outros como um arabesco vivo, um sem-número de gatos brancos como a neve.

Quando o Sr. Flay percorreu o centro da sala, Steerpike não pôde deixar de observar o contraste entre essa figura escura e errática, com os seus movimentos desajeitados e os seus monótonos estalidos nos joelhos, e a elegância admirável e silenciosa desses gatos brancos. Estes nem sequer ligaram à presença dele ou à do Sr. Flay, excepto pelo facto de terem deixado de ronronar. Há pouco, quando estavam ambos de pé no escuro, antes mesmo de o Sr. Flay ter retirado do bolso o molho de chaves, Steerpike imaginara ter ouvido um rumorejar pesado e profundo, um monótono e marinho troar. Agora tinha conhecimento que tal se devia à proliferação dessa tribo.

Ao passarem por um arco trabalhado, ao fundo dessa sala, e após terem fechado a porta atrás deles, ouviu a vibração das suas gargantas, pois agora que os gatos se achavam mais uma vez sozinhos, regressava esse ronronar, semelhante à voz de um oceano na garganta de uma concha.

«UM BURACO PARA ESPREITAR»

«De quem são eles?» perguntou Steerpike. Estavam agora a subir uns degraus de pedra. A parede, à direita de ambos, estava coberta por um hediondo papel que já se começava a descolar, mostrando as frias superfícies de estuque apodrecido que se escondiam por detrás dele. Uma mistura de muitas cores avivava essa superfície inferior, manchas escuras que tinham uma beleza incrível e submarina. Numa outra área mais seca, onde um enorme pedaço de papel, como a vela de um barco, pendia da parede, o estuque tinha estalado e formado uma rede de intrincadas fissuras, variando em profundidade e assemelhando-se a um mapa, visto de uma grande altitude, de algum delta fabuloso. Milhares de viagens imaginárias poderiam ser feitas ao longo desses rios de um mundo por explorar.

Steerpike voltou a repetir a pergunta: «De quem são eles?»

«De quem são o quê?» perguntou Flay, parando nas escadas e voltando-se para trás. «Ainda aí estás? Ainda me andas a seguir?»

«O senhor sugeriu que eu deveria...»

«Está calado» disse Flay, «que queres tu afinal, meu criadinho do Swelter?»

«Esse Swelter que me dá náuseas» disse Steerpike entre dentes, com um olho no Sr. Flay, ainda acrescentando: «Esse vil Swelter!»

Houve um momento durante o qual bateu ao de leve nas balaustradas de ferro, com a unha do polegar.

«Nome?» disse o Sr. Flay.

«O meu nome?» perguntou Steerpike.

«Sim, o teu nome, eu pelo menos sei qual é o meu...» O Sr. Flay voltou a pousar a mão ossuda no corrimão, antes de continuar a subir os degraus, mas parou, de sobrancelhas franzidas por cima do ombro, à espera da resposta.

«Chamo-me Steerpike» disse o rapaz.

«Queerpike, não é?» disse Flay.

«Não, Steerpike.»

«O quê?»

«Steerpike, Steerpike.»

«Para quê?» perguntou Flay.

«Desculpe...»

«Então para quê? Já há dois Squeertikes. É a dobrar. Então para quê? Um já chegava para criado do Swelter.»

O jovem achou que seria inútil tentar esclarecer a confusão acerca do seu nome. Concentrou, por momentos, os olhos escuros nessa figura desajeitada, um pouco mais acima dele, e encolheu os ombros imperceptivelmente. Depois voltou a falar sem mostrar nenhum sinal de ressentimento.

«De quem são esses gatos? Será que lho posso perguntar?»

«Gatos?» inquiriu Flay. «Quem é que falou em gatos?»

«Os gatos brancos» disse Steerpike, «todos esses gatos brancos na Sala dos Gatos. A quem pertencem eles?»

O Sr. Flay levantou um dedo. «Pertencem à Senhora» disse. A sua voz áspera parecia fazer parte dessa escadaria apertada de pedra e ferro. «Pertencem à minha Senhora. São os gatos brancos da Senhora, meu criadinho do Swelter. São todos dela.»

Steerpike, prestando muita atenção ao que ouvia, perguntou: «E onde vive a Senhora? Será que estamos perto dos aposentos dela?»

Como resposta, o Sr. Flay limitou-se a apontar para a frente com a cabeça, que lhe saía do colarinho, e disse: «Cala-te, minha coisa inútil de cozinha. Cala a boca, meu garfo engordurado. Falas de mais...» e continuou a subir as escadas, passando por dois patamares. Em seguida, junto a um terceiro, voltou de repente à esquerda e entrou numa divisão octogonal onde se viam enormes retratos de corpo inteiro em grossos caixilhos de talha dourada, olhando para eles, em sete das oito paredes. Steerpike também aí entrou, atrás do idoso.

O Sr. Flay já tinha estado mais tempo ausente do seu Senhor do que pretendia e achava justo, e começara a pensar que o Conde poderia precisar dos seus serviços. Logo que entrou nessa sala octogonal, aproximou-se de

um dos retratos ao fundo e, empurrando o caixilho suspenso um pouco para o lado, revelou um pequeno buraco redondo, na parede apainelada, do tamanho de uma moeda. Colocou o olho junto a esse buraco, enquanto Steerpike observava como as rugas, nessa pele cor de pergaminho, se iam formando sob o osso protuberante na base do crânio do idoso, pois o Sr. Flay tinha não só que se inclinar mas que levantar a cabeça, para obter um ângulo conveniente de visão. O que ele viu era o que ele esperava ver.

Do ponto onde se encontrava, conseguia observar três portas num corredor, pertencendo a porta central ao quarto da Senhora, a septuagésima sexta Condessa de Groan. Essa porta estava pintada de negro e sobre ela via-se a imagem de um enorme gato branco. A parede desse corredor estava coberta com desenhos de pássaros e havia três gravuras de cactos em flor. A porta central estava fechada, mas, tal como o Sr. Flay ia observando, as outras que a rodeavam estavam constantemente a ser abertas e fechadas, e havia gente que circulava apressada através desse corredor, conversando e recorrendo a gestos exagerados, ou que aí ficavam, com os queixos apoiados nas palmas das mãos, como se entregues a uma meditação profunda.

«Anda cá» disse Flay, sem se voltar.

Steerpike pôs-se logo junto ao cotovelo do outro. «Sim» disse ele.

«A porta com o gato é a dela» disse Flay, desviando o olho e esticando os braços e os dedos das mãos, num bocejo cavernoso.

O jovem Steerpike colou então o olho junto ao buraco, evitando que o pesado caixilho dourado se mexesse e segurando-o com o ombro. Quase de imediato, viu-se a observar um homem de peito estreito, de cabelo acinzentado e óculos, que lhe aumentavam os olhos e assim quase lhe pareciam preencher as lentes até à armação de ouro, quando a porta central se abriu e um vulto escuro avançou, fechando silenciosamente a porta atrás dele, com um ar do mais completo desânimo. Steerpike viu-o a olhar para esse homem de cabelo grisalho que inclinava o corpo para a frente, torcendo as mãos. O outro não reparara nisso e começara a andar para lá e para cá, nesse corredor, com uma capa escura que lhe cobria o corpo e se arrastava pelo chão, junto aos calcanhares. Cada vez que passava em frente do médico, pois era essa a profissão desse cavaleiro, inclinava o corpo, mas, tal como acontecera antes, não havia resposta até que, de repente, parando abruptamente diante do médico de serviço, retirou debaixo da capa uma fina vara de prata onde, numa das extremidades, se via um globo de jade negro que parecia arder com um brilho cor de esmeralda. Foi com essa arma pouco usual que essa figura enlutada tocou tristemente no peito do médico, como se estivesse a perguntar se estava alguém em casa. O outro tossiu. Esse objecto de prata e de jade estava agora apontado para o chão e Steerpike sentia-se fascinado ao ver o médico que, após ter passado

a mão pelas suas calças de extravagantes pregas, alguns centímetros acima do tornozelo, se acorrou. Os seus olhos pouco nítidos e enormes pareciam nadar sob essas lentes muito grossas, como um par de medusas, vistas nas profundezas das águas. O seu cabelo de um cinzento-escuro estava penteado para a frente, por cima dos olhos, como uma cobertura de colmo. Apesar da falta de dignidade da sua posição, foi com um grande sentido de estilo que ele se sentou, seguindo com os olhos o cavalheiro que começara a andar lentamente em torno dele. Por fim, a figura com essa vara de prata, acabou por ficar parada.

«Prunesquallor» disse ele.

«Meu Senhor?» disse o médico, inclinando a sua cinzenta meda de feno para a esquerda.

«Está tudo bem, Prunesquallor?»

O médico juntou a ponta dos dedos. «Estou felicíssimo, meu senhor, mesmo muito. Creia que de facto estou, mesmo muito, ah, ah, ah, acredite que mesmo muito.»

«Sob um ponto de vista profissional, imagino» disse Lorde Sepulchrove, pois tal como Steerpike começara a aperceber-se, para sua grande surpresa, esse homem de ar trágico não era senão o septuagésimo sexto Conde de Groan e o dono, como Steerpike então pensou, de todas as coisas: tijolos, armas e glória.

«Profissionalmente...» perguntou o médico a si mesmo, «...que quererá ele dizer?» Em voz alta, limitou-se a responder: «Profissionalmente, meu senhor, quase não tenho palavras para vos dizer quanto estou satisfeito, ah, ah, ah, ah, e também socialmente, não terei que o dizer em vão, mas acredite, ah, ah, que estou mesmo fascinado. Sou um indivíduo que se sente orgulhoso, ah, ah, ah, ah, muito cheio de orgulho.»

O riso do Dr. Prunesquallor era parte do seu modo de conversar e era bastante inquietante, quando ouvido pela primeira vez. Parecia estar fora de controlo como se fosse parte integrante da sua voz, uma espécie de último andar da sua amplitude vocal que apenas se materializava quando o médico se ria. Havia nele algo semelhante ao assobiar do vento contra barrotos altos e havia aí também muito de relincho de cavalo, com um pequeno toque de maçarico-real. Quando a ele se entregava, a boca do médico ficava praticamente imóvel, como a porta entreaberta de um armário. Entre os seus risinhos, falava muito depressa, o que fazia com que a súbita imobilidade das suas belas faces muito bem escanhoadas, nesses momentos, se tornasse ainda mais extraordinária. Esse riso não estava de modo algum relacionado com o humor. Fazia simplesmente parte do seu modo de falar.

«Tecnicamente, mal consigo aguentar tanta satisfação, ah, ah, ah, ih, ih, ah. Oh, foi tudo muito satisfatório, muito mesmo...»

«Ainda bem» disse o Conde, olhando para ele, por momentos. «Deu-se conta de qualquer coisa?...» (Lorde Sepulchrave deu uma olhadela pelo corredor) «Algo de estranho, algo de pouco comum acerca dele?»

«Estranho?» disse Prunesquallor. «Disse pouco comum, meu senhor?»

«Pois disse» acrescentou Lorde Sepulchrave, mordendo o lábio inferior. «Qualquer coisa que não estaria bem? Não deverá ter medo de falar à vontade...»

Mais uma vez, o Conde deu uma olhadela pelo corredor, mas não havia aí ninguém.

«Estruturalmente essa criança é sã que nem um alho, estruturalmente, ah, ah, ah» disse o médico.

«Esqueça-se da estrutura!» disse Lorde Groan.

«Não tenho palavras, meu senhor, não tenho palavras, ah, ah. Creia que não. Mas se não de um ponto de vista estrutural, então como, meu senhor?»

«A sua cara» disse o Conde. «Não viu a cara dele?»

Nesse momento, o médico franziu profundamente o sobrolho e coçou o queixo com a mão. Pelo canto do olho, podia dar-se conta de que o Lorde o estava a observar. «Ah!...» disse ele de um modo pouco convincente, «a cara. O rosto do pequenino Lorde. Ah!...»

«Estou a perguntar-lhe se notou alguma coisa» continuou Lorde Groan. «Fale. Desembuche!»

«Reparei no rosto, meu senhor. Oh, sim, definitivamente...» Dessa vez o médico não se riu, mas arrancou um profundo suspiro do seu peito estreito.

«Pensou ou não pensou que era estranho? Diga-me qualquer coisa...»

«Falando de um ponto de vista profissional» disse Prunesquallor, «teria que dizer que o seu rosto era um pouco estranho...»

«Então quer dizer que é feio?» perguntou Lorde Groan.

«É pouco natural...» disse o médico.

«Afim qual é a diferença, diga-me lá?» inquiriu o Lorde.

«Senhor?» disse Prunesquallor em jeito de pergunta.

«Perguntei se o achava feio e o senhor disse-me que era um pouco estranho... Por que razão terá que rodear tanto as respostas?...»

«Senhor!» disse o médico, mas, como não deu qualquer tom a essa palavra, pouco se conseguia perceber do que dizia.

«Quando digo “feio”, tenha a bondade de usar a palavra. Está a perceber?» Lorde Groan falava em voz baixa.

«Percebo perfeitamente, meu senhor, perfeitamente.»

«Será que o rapaz mete medo?» insistia Lorde Groan, como se para arrumar o assunto. «Será que já alguma vez ajudou num parto de uma criança mais hedionda? Seja sincero.»

«Nunca» disse o médico. «Nunca, ah, ah, ah, ah. Nunca. E nunca um rapaz com uns... ah, ah, ah, nunca um rapaz com uns olhos tão extraordinários...»

«Olhos?» disse Lorde Groan. «Que se passa com os olhos dele?»

«Passa?» gritou Prunesquallor. «Disse que se “passava” qualquer coisa, meu senhor? Então não os viu?...»

«Não!... Depressa! Desembuche! Que têm os olhos? Que se passa com os olhos do meu filho?»

«São violeta.»

FUCHSIA

Quando o Sr. Conde estava a olhar fixamente para o médico, outra figura apareceu, uma rapariga com cerca de quinze anos, com uma cabeleira longa e volumosa. Era um pouco desajeitada nos seus movimentos e, até certo ponto, o seu rosto não era nada bonito, contudo, bastava-lhe uma pequena mudança de atitude para se tornar bela. A sua boca triste era muito bem desenhada e carnuda — os olhos dela pareciam acesos.

Tinha uma écharpe amarela solta no pescoço. O vestido, muito largo, era de um vermelho fogo.

Apesar de andar muito direita, via-se que as suas costas se curvavam já ligeiramente.

«Vem cá» disse Lorde Groan, no momento em que ela ia a passar por ele e pelo médico.

«Sim, pai» disse ela, bruscamente.

«Onde tens estado durante os últimos quinze dias, Fuchsia?»

«Aqui e ali, pai» disse ela, olhando muito para os sapatos.

Com um gesto, atirou a longa cabeleira para trás das costas, como se esta fosse a bandeira de um navio pirata. Ficou então aí, numa posição tão desajeitada quanto nos seja possível conceber. Muito pouco feminina, nenhum homem a poderia ter imaginado.

«Aqui e ali?...» ecoou o pai, com uma voz preocupada. «Que quer dizer “aqui e ali”?... Tens estado escondida? Onde, rapariga?»

«Na biblioteca e na Sala de Armas e tenho passeado muito» disse *Lady* Fuchsia, à medida que os seus olhos tristes se semicerravam. «Ouvi umas intrigas estúpidas acerca da mãe. Dizem que tenho um irmão — idiotas! Idiotas! Odeio-os. Não tenho, pois não? Não é verdade, pois não?...»

«Um irmãozinho» anunciou o Dr. Prunesquallor. «Sim, ah, ah, ah, ah, ah, ah, uma adição pequeníssima, infinitesimal, microscópica à vossa famosa linhagem, encontra-se agora por trás da porta deste quarto. Ah, ah, ah, ah, ih, ih, ih! Oh, sim! Ah, ah! Oh sim, de facto! Olhe que sim...»

«Não!» exclamou Fuchsia, com uma voz tão alta que o médico começou a tossir e o Lorde deu um passo em frente, com as sobrancelhas franzidas e uma curva de tristeza no canto da boca.

«Não é verdade!» gritou Fuchsia, voltando-se de costas para eles e entrelaçando uma grande madeixa de cabelo negro no seu pulso. «Não acredito! Deixem-me ir embora! Quero ir-me embora!»

Como ninguém a estava a agarrar, esse pedido era absolutamente desnecessário e ela voltou-se e começou a correr, com estranhos passos, ao longo do corredor, para lá desse vestíbulo. Depois de a perder de vista, Steerpike ainda a conseguia ouvir, gritando ao longe: «Oh, como eu odeio! Odeio! Odeio! Como eu *odeio* as pessoas! Como eu *odeio* as pessoas!...»

Durante esse tempo, o Sr. Flay tinha estado a espreitar pela janela estreita dessa sala octogonal, e estava preocupado com alguns assuntos relacionados com o modo como ele poderia, da melhor maneira, comunicar a Lorde Groan que ele, Flay, seu criado durante quarenta anos, desaprovava o facto de ter sido posto de lado, por assim dizer, na altura em que o seu amo tivera um filho — na altura precisa em que ele, Flay, lhe teria sido indispensável como aliado. Este estava muito magoado com todo esse assunto e gostaria que Lorde Groan o soubesse. Contudo, ao mesmo tempo, era-lhe difícil pensar de que modo poderia ele comunicar, com uma certa táctica, o seu desgosto a um homem tão entristecido quanto ele. O Sr. Flay roía as unhas ressentidamente. Estivera a essa pequeníssima janela mais tempo do que entendera e voltara-se, com os ombros muito subidos e numa atitude que lhe era típica, para olhar para o jovem Steerpike, de cuja presença já se esquecera. Veio ter então com o rapaz e, pegando-lhe pelas abas do casaco, arrastou-o para o centro dessa divisão. A grande pintura voltou a mover-se, tapando esse buraco por onde tinham estado a espreitar.

«Agora tens que ir...» disse ele. «Já viste a porta dela, meu criadinho do Swelter.»

O rapaz, que estivera perdido nesse mundo por detrás desse painel de carvalho, ficou muito surpreendido e demorou algum tempo até se dar conta do que se estava a passar.

«Ir para onde? Para esse odioso chefe de cozinha?» gritou, por fim. «Oh, não, nunca o farei...»

«Estou demasiado ocupado para te ter aqui» disse o idoso. «Demasiado ocupado e não posso esperar.»

«Ele é feio» disse Steerpike, com um tom de desafio.

«Quem?» perguntou Flay. «Não te quero aqui a falar...»

«Oh, ele é tão feio... Foi Lorde Groan quem o disse, o médico também... Tão hediondo...»

«Quem é feio, meu trapo de cozinha?» disse Flay, abanando a cabeça de um modo grotesco.

«Quem?» disse Steerpike, «o bebé, o que acaba de nascer. Ambos disseram isso. Olhe que é uma coisa terrível...»

«Mas que é isto?» gritou o idoso. «Que raio de mentiras são essas? Quem ouviste tu a falar? Estiveste à escuta de quem? Tenho vontade de te arrancar as orelhas, meu trapo insignificante! Onde estiveste? Anda cá!»

Steerpike, que estava determinado a fugir de uma vez por todas da Grande Cozinha, sentiu um grande interesse em poder arranjar uma ocupação, por esses aposentos, onde pudesse obter mais informação acerca dos seus superiores.

«Se me obrigar a voltar para o Swelter, vou-lhe contar tudo, a ele e aos outros, o que ouvi o Sr. Conde a dizer, e então...»

«Vem já para aqui!» disse Flay entre dentes. «Vem cá imediatamente ou ainda te parto os ossos. Tens estado aí de boca aberta, não tens? Eu já te vou tratar da saúde...» Flay empurrou Steerpike até à entrada, com grandes passadas, e só parou quando estavam ambos no meio de uma passagem estreita antes de uma porta. Esta foi aberta com uma das suas múltiplas chaves do idoso e, empurrando o rapaz lá para dentro, fechou-o à chave.

«SEBO DE VELA E ALPISTA»

Como uma enorme aranha, suspenso por uma corrente metálica, havia um candelabro nesse quarto, três metros acima do sobrado de tábuas largas. Dos seus braços de ferro muito abertos, longas estalactites de cera deixavam cair pálidos pingos, lentamente, gota a gota. Uma mesa tosca, com uma gaveta entreaberta, estava colocada de tal modo sob essa aranha de ferro, que um cone de sebo de vela ia crescendo a olhos vistos, formando uma pirâmide cintilante do tamanho de um chapéu.

Esse quarto estava de tal modo desarrumado que parecia que por ele passara um furacão. Tudo aparentava, de momento, ter sido posto de lado. Até mesmo a cama estava de lado, desviada da parede, a pedir que a pusessem no lugar certo, contra o vermelho papel de parede. Tal como as velas iam pingando ou adquirindo mais intensidade, também os sombreados se iam movendo de um lado para o outro, subindo e descendo pelas paredes, e, através desses movimentos e por detrás da cama, oscilavam as sombras de quatro pássaros. Entre eles, uma enorme cabeça vaci-

lava. Tratava-se da sombra da cabeça da Senhora, da septuagésima sexta Condessa de Groan. Estava recostada em várias almofadas, com um xaile negro em volta dos ombros. O seu cabelo, de um ruivo intenso e brilhante, parecia ter sido abandonado quando lhe estavam a fazer um carrapito no topo da cabeça. Caíam ainda grandes rolos de cabelo sobre os seus ombros, ou amontoavam-se sobre as almofadas, como serpentes a arder.

Os olhos eram de um verde pálido, muito comum nos gatos. Eram olhos grandes. Contudo, em proporção com o seu rosto, pareciam pequenos. O nariz era suficientemente grande para assim surgir por entre a vasta superfície que o rodeava. O efeito que produzia era o de um grande volume, se bem que apenas a sua cabeça, pescoço, ombros e braços se pudessem ver sobre as cobertas.

Uma pega, movendo-se de lado, para cima e para baixo, no seu braço esquerdo, que estava muito bem assente nas cobertas, debicava intermitentemente num monte de grãos que ela tinha na palma da mão. Nos ombros, empoleirava-se-lhe uma alvéola e um enorme corvo adormecido. No espaldar da cama, podiam ainda ver-se dois estorninhos, uma tordoveia e uma pequena coruja. Uma vez por outra, aparecia um pássaro entre as grades de uma janela alta e estreita, que a luz mal atravessava. A hera tinha crescido através desse espaço, vinda do exterior, e começava a estender as suas gavinhas pela parede e pelo papel carmesim. Embora essa hera impedisse qualquer raio de luz que ainda pudesse penetrar nesse quarto, não era suficientemente forte para impedir que os pássaros por ela encontrassem uma passagem por entre os ramos, para virem visitar *Lady* Gertrud, a qualquer hora do dia ou da noite.

«Já chega, já chega, já chega!» disse a Condessa, com uma voz áspera e profunda para a pega. «Já basta por hoje, minha querida...» Esta esvoaçou alguns centímetros pelo ar, para voltar a pousar no seu pulso, agitando as penas; a sua longa cauda batia no edredão.

Lady Groan atirou pelo quarto a alpista que ainda tinha na mão, e a alvéola, saltando do espaldar da cama para a sua cabeça, voltou a levantar voo, após essa aterragem súbita, e volteou pelo quarto, sem parar, durante o seu segundo percurso através das estalactites de cera brilhante, para ir pousar no chão, junto à alpista.

A Condessa de Groan enterrou o cotovelo nas almofadas, atrás dela, que já estavam amassadas e rijas, e elevou todo o volume do seu corpo com os seus braços pesados e fortes. Depois, voltou a descontraí-la, e esticou os mesmos para a esquerda e para a direita ao longo do espaldar da cama, com as mãos pendentes dos pulsos, por sobre as madeiras da cama. A sua boca não tinha uma expressão de tristeza nem de contentamento, ao olhar abstraída para essa pirâmide de cera que se ia acumulando em cima

da mesa. Ela observava cada pingo lento, à medida que estes iam descendo sobre o topo arredondado desse monte e escorriam preguiçosamente, pelas vertentes irregulares, antes de se solidificarem numa pétala carnuda.

Se a Condessa estaria a empreender em qualquer coisa, ou perdida apenas nesse vazio devaneio, seria impossível adivinhar. Reclinava-se aí, imóvel e volumosa, com os braços estendidos ao longo do espaldar de ferro, quando, de súbito, um restolhar nervoso de asas irrompeu no silêncio desse quarto, preenchido pelo odor das velas e, voltando os olhos para essa janela cheia de hera, a quatro metros do chão, a Condessa, sem mesmo mover a cabeça, pôde ver as folhas a afastarem-se e parte do corpo de uma gralha albina emergir, como se se sentisse culpada.

«Ah, ah...» disse ela lentamente, como se tivesse chegado a uma conclusão. «Então és tu, não és?... É essa vadia outra vez de volta. Onde é que ela tem estado? Que tem estado ela a fazer? Em que árvores esteve pousada? Que nuvens atravessou?... Que rapariga mais travessa! Que ramallete de penas brancas. Que ramo atado de travessuras!...»

A gralha estava pousada entre as folhas de hera, agora com a cabeça a oscilar para um e outro lado; a ouvir ou parecendo estar a ouvir qualquer coisa, muito interessada e com uma certa mostra de embaraço, pois, dado o movimento que se revelava por vezes nas folhas de hera, essa gralha branca estava obviamente a equilibrar-se numa e noutra pata.

«Com que então, três semanas» disse a Condessa, «há três semanas que já não vens ter comigo. Eu não era suficientemente boa para ela, não para a Menina Giz, e aqui está ela outra vez a querer ser perdoada!... Oh, sim, quer que eu lhe conceda todos os perdões, parte deles para o seu bico pesado e meses de absolvição para a sua plumagem...»

Então a Condessa voltou a levantar-se mais na cama, encaracolou uma madeixa do seu cabelo fulvo entre o dedo indicador e, com o rosto voltado directamente para a porta, mas sem desviar os olhos do pássaro, disse quase para si mesma e silenciosamente: «Vem cá.» A hera voltou a agitar-se e antes de esse som se ter esvaído, a própria cama vibrou com a chegada da gralha branca.

Ficou no espaldar de baixo, com as patas em volta do varão, olhando para *Lady* Groan. Após um outro instante de imobilidade, a gralha branca começou a dar pequenas passadas pelo espaldar, como se se arrastasse, para em seguida, saltando sobre as cobertas para os pés da Senhora, rodar a cabeça e debicar na sua própria cauda, com as penas do pescoço todas eriçadas, hirta como uma gola gomada. Quando tal acabou, abriu caminho pela ondulada extensão da cama, até que, a poucos centímetros do rosto da Senhora, inclinou a sua enorme cabeça, de um modo muito seu, e grasnou.

«Já vejo que me estás a pedir perdão, não é?» disse *Lady Groan*, «e pensas que está tudo remediado. Que já não te vou perguntar onde estiveste ou por onde voaste durante estas longas três semanas... Então é isso, não é, Menina Giz? Queres que te perdoe por amor aos velhos tempos, não é? Põe aqui o teu velho bico e esfrega-o contra o meu braço. Vem cá, minha branquinha, vem cá...» O corvo que estava pousado no ombro de *Lady Groan* acordou então, levantando ligeiramente uma das suas asas etíopes, ainda um pouco sonolento. Em seguida, dirigiu um olhar irado a essa gralha. Permaneceu aí sentado, já desperto, com um rolo de cabelo ruivo intenso entre as patas. A pequena coruja, como se para tomar o lugar do parceiro, começou então a dormir. Um dos estorninhos mexeu-se, e com três passadas lentas, voltou-se para a parede. A tordoveia não se mexeu e, enquanto as velas continuavam a pingar, uma sombra monstruosa, saída debaixo de um armário muito alto, trepou pelo edredão, antes de voltar, pelo mesmo caminho, para se enfiar por baixo do armário e continuar a chocar os ovos.

O olhar de *Lady Groan* regressara à pirâmide crescente de sebo de vela. Os seus olhos pálidos, ou se concentravam sobre qualquer objecto, de um modo desapiedado, ou pareciam não ver nada, estarem vazios, com a mera sugestão de algo infantil. Foi desse modo abstracto que ela olhou através dessa pirâmide pálida, enquanto as mãos, mexendo-se quase automaticamente, acariciaram com gentileza o peito, a cabeça e o pescoço da gralha branca.

Por momentos, tudo nesse quarto ficou imerso no silêncio mais completo e foi quase com um sobressalto que um bater de nós de dedos, nos painéis da porta do seu quarto, acordou *Lady Groan* desse devaneio.

Os olhos dela adquiriam agora o olhar concentrado e neutro de um gato.

Os pássaros, regressados de novo à vida, bateram simultaneamente as asas até se instalarem numa extremidade do espaldar da cama, onde ficaram a balançar-se, numa linha irregular, cada um deles sempre alerta, de cabeças voltadas para a porta.

«Quem está aí?» perguntou *Lady Groan*, com uma voz pesada.

«Sou eu, minha Senhora» disse uma voz trémula.

«Quem me está a bater à porta?»

«Sou eu, com o Sr. Conde» respondeu a mesma voz.

«O quê?» gritou a Senhora. «Que queres? Por que razão me estás a bater à porta?»

Fosse quem fosse, acabou por elevar a voz nervosamente, dizendo: «É a Ama Slagg. Sou eu, minha Senhora, a Ama Slagg...»

«E que é que queres?» perguntou a castelã, instalando-se melhor na cama.

«Trouxe o pequenino Lorde para a senhora o ver» gritou a Ama Slagg, já não tão nervosa.

«Ah, trouxeste, não foi? Trouxeste o Conde, de modo que queres entrar, não é? Com o Conde...» Houve um momento de silêncio. «Mas para quê? Por que razão mo trazes?»

«Para a senhora o ver, se quiser...» disse a Ama Slagg. «Ele já tomou banho...»

Lady Groan refastelou-se ainda mais nas almofadas. «Queres dizer, esse *novo rebento*, não é?»

«Posso entrar?» gritou a ama.

«Então despacha-te, despacha-te! Pára de estar aí a arranhar a madeira. De que é que estás à espera?»

O ruído do puxador da porta imobilizou os pássaros sobre o espaldar da cama e, logo que a porta se abriu, já todos estavam no ar, forçando caminho, um após outro, por entre as folhas amargas nessa pequena janela.

UM ANEL DE OURO PARA TITUS

A Ama Slagg entrou, trazendo nos braços o herdeiro desses quilómetros e quilómetros de pedra e argamassa; desde a Torre das Pedreneiras ao fosso de água estagnada; das montanhas angulosas ao rio verde-lima onde, doze anos depois, ele iria pescar os horríveis peixes da sua herança.

Ela levou a criança até à cama, voltando-lhe o pequeno rosto para a mãe que olhou muito para ele e disse:

«Onde está esse médico? Onde está o Prunesquallor? Deita a criança e abre a porta.»

A Sr.^a Slagg obedeceu e, ao ficar de costas, *Lady Groan* inclinou-se e observou o menino. Os seus pequenos olhos estavam pastosos de sono e a luz das velas parecia brincar-lhe com a cabeça, moldando-lhe a estrutura do crânio com manchas de sombra passageiras.

«Bem» disse *Lady Groan*, «que queres que faça com ele?»

A Ama Slagg, que tinha cabelos brancos e era muito velha, com círculos vermelhos em volta dos olhos e uma inteligência limitada, olhou muito intrigada para a Senhora.

«Ele já tomou banho» disse ela. «Ele acabou de tomar banho, Deus abençoe o pequenino Conde.»

«E daí?...» interrogou *Lady Groan*.

A velha ama pegou no bebé, com uma certa desenvoltura, e começou a embalá-lo lentamente, em jeito de resposta.

«O Prunesquallor está aí?» repetiu a Senhora.

«Está lá em baixo» disse ela, apontando com um dedo enrugado para o chão. «Sim, acho que ele ainda está lá em baixo, a tomar ponche na Sala Fresca. Sim, minha querida, Deus abençoe o pequenino...»

É óbvio que essa sua última observação se referia a Titus e não ao Dr. Prunesquallor. *Lady* Groan tentou erguer-se um pouco na cama e, olhando para a porta aberta, gritou com a voz mais potente que conseguiu: «SQUALLOR!»

A palavra ecoou ao longo do corredor, pelas escadas e, insinuando-se por baixo da porta e sobre a tapete negra da Sala Fresca, conseguiu, após ter trepado pelo corpo do médico, intrrometer-se simultaneamente em ambos os seus ouvidos, de um modo peremptório ainda que modificado. Mas, se bem que a voz estivesse mudada, foi o suficiente para que Prunesquallor se levantasse imediatamente. Os seus olhos de peixe nadavam-lhe por detrás dos óculos, antes de ficarem muito parados no topo dos mesmos, adquirindo uma expressão de fantástico martírio. Correndo os seus dedos estranhamente formados pela cabeleira cinzenta, esvaziou o copo de ponche de um trago e dirigiu-se para a porta, sacudindo pequenas gotas da bebida do seu colete.

Antes de chegar ao quarto dela, começara a ensaiar a conversa de que estava à espera. O seu insuportável riso pontuaria uma ou outra frase, independentemente do seu conteúdo.

«Minha Senhora» disse ele, ao chegar ao seu quarto onde apenas mostrou à Condessa e à Ama Slagg a sua cabeça, em torno da ombreira antes de entrar, como se alguém o tivesse decapitado. «Minha Senhora, ah, ah, ah, ih, ih. Ouvi a vossa voz lá em baixo e... aqui estou.»

«Já muito bem bebido...» observou a Condessa.

«Ah, ah... Como tem razão... como acertou mesmo... ah, ah, ih, ih, dado que estava, como tão bem o descreveu, a beber, ah, ah... Mas chegou até lá baixo, mesmo até lá baixo...»

«Mas que é que chegou?» interrompeu a Condessa, em voz alta.

«A vossa voz» disse Prunesquallor levantando a mão direita e juntando a ponta do polegar à ponta dos outros dedos minúsculos. «A vossa voz encontrou-me na Sala Fresca. Olhe que me encontrou mesmo!...»

A Condessa olhou profundamente para ele e depois voltou a enterar o cotovelo na almofada.

A Sr.^a Slagg já tinha embalado o bebé até este ter adormecido.

O Dr. Prunesquallor estava a passar um dos dedos por uma estalacite de cera e a sorrir horrivelmente.

«Chamei-o, Prunesquallor, para lhe dizer que amanhã me irei levantar» disse a Condessa.

«Oh, ih, ah, ah, minha Senhora, oh, ah, ah, minha Senhora — *amanhã?*»

«Sim, amanhã» disse ela, «porque não?»

«Falando de um ponto de vista profissional...» começou o médico.

«E porque não?» interrompeu-o a Condessa.

«Ah, ah, isso não é nada costume, é muito estranho, ah, ah, ah, nunca visto... *assim tão depressa?*»

«Então queria-me aqui internada, não era, Prunesquallor? Foi o que eu pensei, foi o que eu adivinhei. Mas vou levantar-me amanhã, logo *pelo nascer do dia.*»

O Dr. Prunesquallor encolheu os seus ombros estreitos e levantou os olhos. Depois, juntando as pontas dos dedos e dirigindo-se ao tecto escuro por cima dele, proferiu: «Eu *recomendei*, mas nunca vos dei uma ordem...» disse ele, num tom que queria dizer que até poderia ter dado ordens se tal fosse o caso. «Ah, ah, ah, oh, não! Eu apenas sugeri...»

«E que me interessam a mim as suas sugestões?!...» disse a Condessa.

«Creia que não eram despropositadas» replicou o médico, ainda a olhar para cima. «Ah, ah, ah, oh, não! Não eram nada despropositadas...» Assim que acabou de falar, os seus olhos baixaram, a grande velocidade, contemplando a imagem da Condessa deitada na cama. Em seguida, ainda mais rapidamente, começaram a nadar por detrás dos óculos. O que ele vira preocupara-o, pois notara na expressão dela uma tal marca de desprezo que, ao desviar dela os olhos, reparou que os seus pés começavam a recuar, um atrás do outro, e que já estava à porta, antes mesmo de ter decidido o que iria fazer. Após ter feito uma rápida vénia, retirou o corpo do quarto.

«Não é uma doçura? Oh, não acha que é o torrãozinho de açúcar mais doce do mundo?» disse a Sr.^a Slagg.

«Quem?» gritou a Condessa, com uma voz tão alta que um fio de cera tremeu pela luz irregular.

O bebé acordou com esse barulho e começou a choramingar. A ama acrescentou, com uma certa hesitação:

«O pequenino Lorde» disse ela, em voz baixa, «esta beleza, este Lorde tão bonito.»

«Slagg» disse ela, «vai-te embora! Gostarei de ver a criança quando ela tiver seis anos. Vê se me arranjas uma ama-de-leite, entre as pessoas que vivem no *Exterior*. Faz-lhe vestidos verdes com as cortinas de veludo. Leva este meu anel de ouro. Põe-no num fio, para que ele o use em volta do

seu pescocinho torto. Chama-lhe Titus. Vai-te embora e deixa-me a porta entreaberta.»

A Condessa pôs a mão por baixo da almofada e retirou uma pequena flauta de cana, pô-la na sua enorme boca e soprou. Duas notas muito doces elevaram-se pelo ar escurecido. Ao ouvir esse som, a Sr.^a Slagg, levantando o anel de ouro das cobertas, para onde a Condessa o atirara, correu desse quarto para fora, tão depressa quanto as pernas lhe permitiam e como se um lobisomem a estivesse a perseguir. *Lady* Groan estava reclinada para a frente na cama, os olhos dela eram semelhantes aos de uma criança: enormes, doces e excitados. Estavam fixos na porta. As mãos tentavam agarrar as margens da almofada. Depois ficou muito hirta.

Na distância, havia um som vibrante que se tornava cada vez mais alto, até parecer encher todo o quarto, quando, de repente, surgiu pela abertura estreita da porta, entrando na fumegante atmosfera desse recinto, uma ondulação de brancura, de tal modo que, em breves instantes, não havia uma única sombra nesse quarto que não estivesse embranquecida de gatos.

SEPULCHRAVE

Todas as manhãs do ano, entre as nove e as dez horas, podê-lo-emos encontrar na Sala de Pedra. É aí, sentado a uma mesa muito comprida, que ele toma o pequeno-almoço. A mesa eleva-se sobre um estrado e, desde o sítio onde se senta, pode observar todo o refeitório. De ambos os lados, de parede a parede, grandes colunas sustentam um tecto pintado, onde querubins se perseguem uns aos outros através de um vasto céu já esboroadado. Deverá aí haver pelo menos milhares deles, entrelaçados entre as nuvens, com os seus membros gordos em movimento e, contudo, sempre parados, pois as suas articulações são imperfeitas. As cores, garridas em tempos, já desbotaram e começaram a apagar-se, e o tecto tem agora uma tonalidade muito subtil de cinzento, verde-musgo, rosa-velho e prateado.

Lorde Sepulchrave talvez se tivesse apercebido dos querubins há muito tempo. Talvez que em criança os tivesse tentado contar mais de uma vez, tal como o seu pai fizera, tal como o jovem Titus, por sua vez, irá tentar fazer. Porém, seja como for, Lorde Groan não pousou os olhos, durante muitos anos, nesse envelhecido firmamento, nem sequer o contemplaria agora. Como poderia ele *amar* esse lugar, se ele próprio fazia parte dele? Nem sequer conseguia conceber um mundo fora dele e a ideia de amar Gormenghast tê-lo-ia chocado. Perguntar-lhe que sentimentos albergava por essa casa hereditária seria como perguntar a um homem o que sentia

em relação à sua mão ou à sua garganta. Porém, o Senhor lembrava-se dos querubins no tecto. O seu bisavô tinha-os pintado com a ajuda de um criado entusiasmado, que caíra de um andaime, de uma altura de vinte metros, e morrera instantaneamente. Segundo parecia, Lorde Sepulchrave só mostrava interesse, nos tempos que iam correndo, pelos volumes da sua biblioteca e na esfera de jade na ponta da sua vara de prata, que ele costumava escrutinar horas seguidas.

Chegando, como era seu hábito, exactamente às nove todas as manhãs, entrava nessa comprida sala, caminhando com uma expressão muito melancólica por entre as filas de longas mesas, onde criados de diferentes estatutos o iriam servir, de pé nos seus lugares, com as cabeças ligeiramente inclinadas.

Ao subir o estrado, ia sempre sentar-se no lado mais distante da mesa, onde tinham colocado um pesado sino de latão que ele tocava. Os criados, sentando-se imediatamente, começavam a sua refeição de pão, vinho de arroz e bolos.

A ementa de Lorde Groan era diferente. Ao sentar-se nessa manhã, na cadeira de espaldar alto, viu diante de si — através de uma névoa de melancolia que lhe assombrava o pensamento e lhe atormentava o coração, minando-lhe o poder, bem como a força dos seus membros — uma toalha imaculadamente branca. A mesa estava posta para duas pessoas. Os talheres brilhavam e os guardanapos estavam dobrados em forma de pavões, pousados decorativamente sobre os dois pratos. Havia um agradável odor a pão, doce e saudável. Havia ovos pintados com cores vivas; torradas amontoadas em forma de pagode, fila sobre fila, e cada uma delas tão frágil como uma folha seca; e peixes, com a cauda na boca, enrolavam-se em travessas de um azul-marinho. Havia café numa cafeteira com a forma de um leão, com o bico a sair-lhe das mandíbulas de prata. Havia toda uma variedade de frutos coloridos, que adquiriam um aspecto estranhamente tropical, nessa sala escura. Havia mel e compotas, geleias e nozes com especiarias. O ancestral prato do pequeno-almoço estava posto no local mais indicado, entre os talheres de ouro dos Groan. No centro da mesa via-se uma pequena taça de estanho com dentes-de-leão e urtigas.

Lorde Sepulchrave estava sentado em silêncio. Não parecia dar-se conta dos acepipes que tinham colocado diante dele, nem mesmo, ao levantar a cabeça por momentos, uma ou duas vezes, parecia contemplar essa enorme e fria sala de jantar nem os criados sentados à mesa. À sua direita, no canto adjacente de um aparador, tinham disposto os talheres e as louças de barro que anunciavam a chegada iminente do companheiro de pequeno-almoço do Senhor. Lorde Groan, com os olhos pousados insistentemente no globo de jade, na extremidade da vara, que ele ia rodando

pacientemente, voltou a tocar o sino de latão e uma porta abriu-se na parede atrás dele. Sourdust entrou, com grandes livros debaixo do braço. Estava vestido de serapilheira carmesim. A barba estava cheia de nós, e os pêlos que a compunham eram brancos e negros. O seu rosto era muito enrugado, como se tivesse sido feito de um papel castanho que uma mão selvagem tivesse amachucado, antes de o alisar à pressa para a estender sobre os tecidos. Os olhos eram encovados e quase se perdiam nas sombras projectadas pela sua fronte saliente, onde, apesar de todas as pregas, se insinuava a amplitude do osso.

Esse homem idoso sentou-se do outro lado da mesa e colocou os quatro volumes ao lado de um frasco de porcelana e, levantando os olhos encovados para Lorde Groan, murmurou estas palavras, com uma voz fraca e trémula, contudo com uma certa dignidade, como não se tratasse apenas de completar esse ritual que, nesse momento, como sempre, ele achava relevante.

«Eu, Sourdust, director da biblioteca e conselheiro pessoal do Sr. Conde, nonagenário e estudioso de tudo o que se relaciona com os Groan, envio ao meu Senhor as saudações de uma manhã escura, vestido como estou de farrapos, dedicado como sou ao estudo dos tomos, e nonagenário como sou no que respeita à minha idade.»

Tudo isso ele dissera de uma assentada. Depois tossiu várias vezes de uma forma desagradável, com a mão no peito.

Lorde Groan descansou o queixo sobre os nós dos dedos que rodeavam o globo de jade. O seu rosto era muito longo e cor de azeitona. Os olhos eram grandes e eloquentemente discretos. As narinas eram móveis e sensíveis; e a boca uma linha fina. Sobre a sua cabeça tinha a coroa de ferro dos Groan, atada com uma faixa por baixo do queixo. Tinha quatro partes salientes semelhantes a pontas de seta. Entre elas suspendiam-se pequenas correntes. Como prerrogativa de toda a sua linhagem, tinha vestido um traje cinzento-escuro.

Parecia não ter ouvido as saudações de Sourdust e, focando os olhos pela primeira vez nessa mesa, partiu o canto de uma das torradas e colocou-o mecanicamente na boca. Manteve-o alojado no interior da bochecha durante grande parte da refeição. O peixe foi servido frio numa travessa. Sourdust serviu-se de um deles, de uma fatia de melancia e de um ovo que tinha a cor de uma chama verde, mas tudo parecia perder a frescura ou o sabor perante os rituais dessa mesa.

Por baixo, na cave que se estendia pelo comprimento dessa sala, já não se ouvia o barulho metálico das facas. À mesa, já tinham passado os jarros de vinho de arroz, que estavam agora vazios. Todos esperavam pelo sinal para iniciarem as suas tarefas.

Sourdust, depois de ter limpo a velha boca com o guardanapo, voltou os olhos para o Senhor que estava então recostado na cadeira, bebendo lentamente um copo de chá, com o olhar distante, como era costume. O bibliotecário estava a observar a sobrançelha esquerda do Conde. Segundo o que o relógio ao fundo da sala indicava, eram já vinte e um minutos para as dez. Lorde Groan parecia estar a olhar através desse relógio. Passaram-se três quartos de um minuto, eram dez segundos — cinco segundos — três segundos — um segundo — para as vinte para as dez. Eram vinte para as dez. A sobrançelha esquerda de Lorde Groan subiu-lhe pela testa, mecanicamente, e ficou aí suspensa sob três rugas. Depois, voltou lentamente ao seu lugar. Nessa altura, Sourdust levantou-se e firmou-se no chão com as suas pernas magras. A serapilheira carmesim, em torno do seu corpo, oscilou nesse momento, e a barba branca e preta, cheia de nós, tremeu loucamente em várias direcções.

As mesas foram de imediato levantadas e dentro de meio minuto o último servidor já desaparecera da sala. A porta dos criados, mais ao fundo, já fora fechada e trancada.

Sourdust voltou então a sentar-se, ofegando um pouco e tossindo de um modo assustador. Depois inclinou-se para a mesa e riscou a toalha, em frente de Lorde Groan, com um garfo.

O Conde voltou os seus olhos negros e líquidos para o velho bibliotecário e conselheiro. «E então?» disse ele, com uma voz distante. «Que se passa, Sourdust?»

«Estamos no nono dia do mês» observou o idoso.

«Ah...» disse o Conde.

Houve um período de silêncio e Sourdust aproveitou esse intervalo para dar mais nós nas madeixas da sua barba.

«O nono...» repetiu o Senhor.

«O nono» murmurou Sourdust.

«Um dia complicado» disse o Conde, com uma certa ironia, «muito complicado.»

Sourdust, inclinando os olhos encovados para o seu senhor, ecoou: «Um dia complicado, o dia nove... sempre um dia complicado...»

Uma grande lágrima rolou no rosto de Sourdust, escorregando pela sua pele enrugada. Os olhos estavam demasiado alojados nessas órbitas sombrias para poderem ser vistos. Mas nunca, sem recorrer ao mínimo sinal ou movimento, sugerira o idoso o facto de se encontrar num estado de desgaste emocional. Nem nunca, salvo em alguns momentos de reflexão relacionados com assuntos acerca das tradições do Castelo, lhe tinham surgido lágrimas, nas sombras sob a sua fronte. O Conde, como se acabasse de ter resolvido qualquer coisa, após uma longa deliberação, inclinou-se para

a frente, pousou a sua vara de prata na mesa e ajustou a coroa de ferro. Em seguida, suportando com as mãos o peso do seu queixo cor de azeitona, voltou-se para o idoso: «Continua» disse ele.

Sourdust enrolou a serapilheira em volta dele de um modo rápido e trémulo e, levantando-se, pôs-se atrás da sua cadeira que ele empurrou alguns centímetros para mais perto da mesa. Então, conseguindo deslizar o corpo ente a cadeira e a mesa, voltou a sentar-se com muito cuidado, sentindo-se mais confortável do que antes. Em seguida, com grande ponderação, franzindo o sobrolho de cada vez que o fazia, começou a empurrar toda uma variedade de pratos, galheteiros, copos, talheres e os acepipes que, por essa altura, já estavam mornos, de modo a formar um semicírculo desimpedido sobre a toalha branca. Só então pegou nos três tomos que tinha junto ao cotovelo. Abriu-os, um após outro, equilibrando-os cuidadosamente nas suas lombadas de carneira, permitindo assim que se abrissem em páginas assinaladas por marcadores bordados.

As folhas do lado esquerdo principiavam todas com uma data e, nos primeiros dos três livros, esta era seguida por uma lista de actividades que deveriam ser desempenhadas de hora a hora, durante o dia, pelo Sr. Conde. Aí se registavam as horas exactas, os trajos a serem usados para cada ocasião e até os gestos simbólicos que ele deveria executar. Diagramas, na página da direita, forneciam informação acerca dos percursos através dos quais o Senhor se deveria aproximar dos vários locais onde se desenrolariam tais operações. Esses diagramas eram pintados à mão.

O segundo tomo estava cheio de páginas em branco e era meramente simbólico, enquanto o terceiro consistia num amontoado de referências cruzadas. Se, por exemplo, o Senhor, Sepulchrave, o Conde de Groan, tivesse menos seis centímetros de altura, os trajos, os gestos e até os percursos teriam sido diferentes dos que eram descritos no primeiro tomo e, outro volume, que fosse mais apropriado, teria que ser escolhido na enorme biblioteca. Se a pele dele fosse um pouco mais branca ou ele fosse mais pesado do que era e, se os seus olhos tivessem sido verdes, azuis ou castanhos, e não pretos — nesse caso, outro conjunto de regulamentos arcaicos teria aparecido nessa manhã, à mesa do pequeno-almoço. Esse sistema complexo só era abarcado, na sua totalidade, por Sourdust. Os seus aspectos de ordem técnica exigiam a devoção de uma vida inteira, embora o espírito sagrado da tradição, revelado através de manifestações diárias, fosse compreendido por todos.

Durante os próximos vinte minutos, o velho bibliotecário teria que dar instruções ao Conde acerca dos detalhes menos óbvios que constariam da sua rotina diária, com uma voz envelhecida e trémula, com os cantos da boca a tremerem-lhe entre frases. O Senhor limitar-se-ia a acenar silêncio-

samente com a cabeça em sinal de assentimento. Por vezes, os percursos marcados no diagrama para «o dia nove» já estavam obsoletos no primeiro tomo, como, por exemplo, a passagem em que se dizia que, às 2:37 da tarde, Lorde Groan deveria estar a descer pela escadaria de ferro, no vestíbulo cinzento que conduzia ao tanque das carpas. Essa escadaria há cerca de setenta anos que se encontrava completamente torcida e intransitável, quando esse vestíbulo fora consumido num grande incêndio. Teriam assim que encontrar um percurso alternativo, que se aproximasse, tanto quanto possível, do espírito da concepção original e que também demorasse o mesmo tempo. Sourdust desenhou esse novo itinerário, com os dentes de um garfo sobre a toalha, ainda com a mão a tremer. O Conde limitava-se a acenar afirmativamente com a cabeça.

Uma vez esclarecidas as actividades diárias, e apenas já só com um minuto para as dez, Sourdust acomodou-se melhor na cadeira e começou a derriçar pela sua barba preta e branca. A cada segundo que passava, ia olhando para o relógio.

O Conde deu um enorme suspiro. Por instantes, uma luz surgiu-lhe nos olhos, antes de se esvaír. A linha da sua boca, por momentos, parecia estar menos rígida.

«Sourdust» disse ele, «já ouviste alguma coisa acerca do meu filho?»

Este, com os olhos postos no relógio, nem sequer ouvira a pergunta do Conde. Estava a fazer pequenos ruídos com o peito e com a garganta, com os cantos da boca um pouco trémulos.

Lorde Groan olhou rapidamente para ele e o seu rosto tornou-se mais pálido sobre essa tez de azeitona. Pegando numa colher, dobrou-a, de modo a formar três quartos de círculo.

A porta abriu-se então de repente, na parede por detrás do estrado, e Flay entrou.

«Já são horas» disse ele, quando chegou perto da mesa.

Lorde Sepulchrove levantou-se e dirigiu-se para a porta.

Flay acenou tristemente com a cabeça para o homem vestido de serapilheira carmesim e, após ter enchido os bolsos de pêssegos, seguiu o Senhor através das colunas da Sala de Pedra.

A RÓTULA DO JOELHO DE PRUNESQUALLOR

Aos quatro cantos do quarto de Fuchsia amontoavam-se velhos brinquedos, livros e cortes de tecido colorido. Situava-se no segundo andar da Ala Oeste. Uma cama de nogueira ocupava o resto da parede onde estava a porta. As

duas janelas triangulares, abertas na parede em frente de quem entrava, davam para as ameias onde os mestres escultores, provenientes dos tugúrios de lama, moviam as suas silhuetas, após o pôr-do-sol e sob a luz do luar, em meses alternados. Para lá das ameias estendiam-se pastagens planas e, para lá dessas, viam-se os Bosques Contorcidos de espinhos que trepavam pelas vertentes cada vez mais íngremes da montanha de Gormenghast.

Fuchsia cobrira as paredes do quarto com impetuosos desenhos a carvão. Não houvera, por parte dela, qualquer tentativa de criar padrões decorativos sobre o estuque cor de coral, em cada uma das paredes laterais do quarto. Os desenhos tinham sido executados em variados e estranhos momentos de ódio e excitação e, embora não tivessem qualquer subtileza e as suas proporções atentassem contra qualquer perspectiva, revelavam uma energia extraordinária. Esses elementos violentos davam, a ambas as paredes do seu quarto, uma tal aparência de revolta que as pilhas amontoadas de brinquedos e de livros, acumulados aos quatro cantos, pareciam, de certo modo, arrumadas.

O sótão, o seu reino, apenas tinha acesso através do seu quarto. A porta das escadas em caracol, que ascendiam a essa escuridão, situava-se mesmo por detrás do espaldar da sua cama, de modo que, para abrir essa porta que se assemelhava à de um armário, a cama tinha que ser empurrada para o centro dessa divisão.

Fuchsia nunca deixava de voltar a pô-la no lugar, por precaução, para que o seu santuário não fosse invadido. Tal, porém, era desnecessário, pois só a Sr.^a Slagg entrava no seu quarto e, de qualquer modo, essa velha ama nunca teria conseguido subir essa centena de degraus estreitos e escuros que conduziam ao sótão que, desde os seus tempos de infância, Fuchsia considerava como o seu mundo mais secreto.

Através de sucessivas gerações, uma porção da madeira de Gormenghast fora armazenada nessa zona de luz mortiça, nessa região quente, irrespirável e fora do tempo, em que as vigas pareciam flutuar no ar, por entre nuvens de traças, onde o pó, como pólen, cobria suavemente todas as coisas.

O sótão era composto, principalmente, por duas galerias e por uma pequena divisão aberta, mais junto ao tecto. A segunda galeria distanciava-se em ângulos rectos da primeira, após um desnível de três degraus ragentes. Ao fundo, um escadote de madeira conduzia a um espaço semelhante a uma estreita varanda, na extremidade esquerda da qual havia uma porta, suspensa apenas por uma dobradiça, que dava para a terceira das três divisões que compunham o sótão. Esse pequeno espaço aberto, que para Fuchsia era um lugar intensamente secreto, era uma espécie de capela pagã, um lugar assombrado, uma cidadela, um reino nunca mencionado

— pois isso constituiria um abuso de confiança, quase uma blasfémia.

No dia em que o seu irmão nascera, enquanto no castelo por debaixo dela, de sala em sala, de galeria em galeria até às caves mais recônditas, tudo se inundava de vozes excitadas, Fuchsia, tal como Rottcodd na sua Sala das Esculturas de Cores Vivas, estava bem longe do bulício que permeava esse outro espaço.

Puxou então por uma corda escura e rude que pendia do tecto, a um dos cantos do seu quarto, e que fazia com que um sininho se agitasse no remoto aposento onde a Sr.^a Slagg habitava há já duas décadas.

A luz do Sol inundava os torreões de leste e parecia acender a Ameia dos Escultores, escorrendo pelas encostas da montanha mais ao longe. À medida que o Sol ia nascendo, árvore após árvore de espinhos, na montanha de Gormenghast, emergia na luz pálida, para se tornar um espectro, uma após outra, agora aqui, agora ali, sobre essa grande extensão, até que os seus contornos se esbatessem num radiante triângulo de lados irregulares, contra a escuridão. Sete nuvens, como um grupo de querubins nus ou de leitões, flutuavam os seus carnudos corpos rosados por um céu de ardósia. Fuchsia observava-as tristemente da sua janela. Depois, esticou o lábio inferior e pôs as mãos nas ancas. Os seus pés descalços estavam completamente imóveis sobre o sobrado.

«Sete» disse ela, maldizendo cada uma. «Há sete. Uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete. Sete nuvens.»

Apertou mais o xaile amarelo contra os ombros, pois estava a tremer na sua camisa de dormir, e voltou a puxar pela corda para chamar a Sr.^a Slagg. Remexendo numa gaveta, encontrou um lápis de carvão e, aproximando-se de uma superfície da parede que estava relativamente vazia, desenhou um ressentido «7» com um círculo em volta e com a palavra «NUVENS» escrita por baixo em letras gordas e firmes.

Quando Fuchsia se desviou da parede, deu um passo arrastado até à cama. O seu cabelo muito negro pendia-lhe sobre os ombros. Os olhos, que pareciam estar sempre acesos, fixavam a porta. E assim ficou, com um pé ainda suspenso, enquanto o puxador rodou antes de a Sr.^a Slagg aí entrar.

Ao vê-la, Fuchsia completou o seu passo interrompido, mas, em vez de se dirigir à cama, deu cinco passadas na direcção da Sr.^a Slagg e, pondo os braços em volta dessa mulher idosa, beijou-a intensamente. Largou-a logo em seguida e, pedindo-lhe que a acompanhasse até à janela, apontou para o céu. A idosa olhou para onde o braço esticado e o dedo da rapariga estavam a apontar, perguntando-lhe o que haveria aí que ela devesse ver.

«Nuvens gordas» disse Fuchsia, «há sete.»

A velha senhora esfregou os olhos e olhou mais uma vez, mas apenas por um breve instante. Depois emitiu um pequeno ruído vocal como se

para dizer que não estava nada impressionada.

«Porquê sete?» perguntou Fuchsia. «Sete é para qualquer coisa. Para que é o sete? Um para uma gloriosa campã dourada... dois para tochas terríveis de lata; três para cem cavalos ocos; quatro para um cavaleiro com uma espada de relva afiada; cinco para um peixe com belas barbatanas; seis... já me esqueci do seis, e do sete... que é o sete? Oito para uma rã com olhos de berlindes, nove, que é o nove? Nove é para... nove, nove... dez para uma torrada torre turbulenta... mas e o sete... Que é o sete?»

Fuchsia bateu o pé e olhou muito para o rosto da velha ama.

A Sr.^a Slagg fazia pequenos ruídos com a garganta, que eram o seu modo de preencher o tempo, e depois disse: «Quer tomar um leite quente, minha querida? É melhor dizer-me já, pois estou muito ocupada. Tenho ainda que ir dar de comer aos gatos da sua mãe... Lá porque ainda tenho bastante energia, minha linda, sou eu que tenho que fazer tudo. Porque me chamou afinal? Diga-me já, diga depressa. Por que razão me chamou?»

Fuchsia mordeu o seu lábio inferior, muito vermelho, afastou uma madeixa de meia-noite da sua fronte e voltou a olhar pela janela, com as mãos a apertarem os cotovelos, por detrás das costas. Tinha ficado muito hirta e parecia agora mais angulosa.

«Quero um grande pequeno-almoço» disse ela, por fim. «Quero muito que comer, pois hoje vou pensar...»

A Ama Slagg estava a examinar uma verruga que a rapariga tinha no braço esquerdo.

«Não sabe para onde vou, mas vou para um lugar onde posso pensar.»

«Sim, minha querida» disse a velha ama.

«Quero leite quente e ovos e montes de torradas só tostadas de um lado.» Fuchsia franziu o sobrolho e calou-se por momentos. «E também quero um saco de maçãs para levar comigo para o resto do dia, pois fico sempre com muita fome quando penso.»

«Sim, minha querida» voltou a dizer a Sr.^a Slagg, retirando uma linha solta da bainha da saia da rapariga. «Ponha mais achas no lume, só para prevenir, e eu já lhe virei trazer o pequeno-almoço e fazer-lhe a cama, embora não me sinta nada bem.»

Fuchsia voltou a abraçar e a beijar essa velha ama, empurrando-a gentilmente do quarto e fechando a porta atrás dela, com tal intensidade que esse ruído ecoou ao longo dos corredores.

Logo que se encontrou com a porta fechada, saltou para a cama, mergulhando de cabeça entre as cobertas, onde, ao que parecia, estaria envolvida numa luta de morte com algum monstro capturado. Mas a ondulação dessa roupa de cama acabou tão depressa como começara e ela emergiu

com um par de longas meias de lã que ela deveria ter retirado durante a noite. Sentada sobre as almofadas, começou a calçá-las, torcendo-se com uma certa dificuldade para, momentos depois, já ter os calcanhares das meias nos dedos dos pés.

«Hoje não vou ver ninguém...» disse para consigo. «Não, não vou ver mesmo quem quer que seja. Irei até ao meu quarto secreto para pensar melhor...» Sorriu, só para si. Era um sorriso malicioso, mas tão infantil que era quase adorável. Os seus lábios cheios, muito bem desenhados e extraordinariamente maduros, assemelhavam-se a pétalas carnudas, mostrando, ao entreabrirem-se, uns dentes muito brancos.

Logo que sorriu, o seu rosto alterou-se, e a expressão petulante que caracterizava as suas feições voltou a vincar-se. As suas sobrancelhas negras ficaram de súbito muito juntas.

À medida que se ia vestindo e antes de colocar mais uma peça de roupa, dava passos de dança que ela própria inventara. Não havia nada de elegante nessas atitudes a que se entregava, ficando por vezes, durante longos segundos, muito parada, numa determinada pose ou posição. Os olhos adquiriam uma expressão vaga como os da mãe e uma calma abstracta desafiava-lhe por vezes a concentração natural do rosto. Finalmente, o seu vestido cor de sangue, muito largo, era enfiado pela cabeça. Não lhe vincava quaisquer formas, excepto onde um cordão verde lhe apertava a cintura. Em vez de simplesmente usar as roupas, parecia habitá-las.

Entretanto, a Sr.^a Slagg não só lhe preparara o pequeno-almoço, no seu pequeno quarto, como vinha já com a bandeja cheia a tremer-lhe nas mãos. Ao contornar uma esquina do corredor, ficou muito parada quando viu aparecer de repente o Dr. Prunesquallor que, parando também subitamente, evitou esbarrar com ela.

«Ora bem, ora bem, ora bem... ah, ah, ah, eis aqui a cara Sr.^a Slagg, ah, ah, ah, que dramático, que tremendamente dramático...» disse o médico, com as mãos cerradas sob o queixo, com o seu risinho agudo a estalar pelos madeiramentos do tecto dessa passagem. Os seus óculos reflectiam em cada lente a imagem miniaturizada da idosa.

A velha ama nunca aprovara, verdadeiramente, a presença do Dr. Prunesquallor. De facto, ele pertencia a Gormenghast do mesmo modo que a própria Torre. Não era nenhum intruso, mas, até certo ponto, aos olhos da Sr.^a Slagg havia qualquer coisa de *demasiado estranho* acerca dele. Para começar, nada tinha a ver com a ideia que ela concebera sobre os médicos, se bem que ela nunca o pudesse ter explicado. Nem poderia atribuir a sua antipatia a causas específicas. Para a Ama Slagg, era-lhe difícil, na maior parte das vezes, organizar os pensamentos, mas, quando estes se misturavam com as suas emoções, não havia nada a fazer. O que ela sentia, mas

nunca antes chegara a analisar, era que o Dr. Prunesquallor nunca a vira com bons olhos e que, de um modo indirecto, chegava a fazer troça dela. Jamais pensara nisso. Porém, bem no fundo, sabia-o.

Ela olhou para esse homem com uma grande cabeleira, pensando qual a razão para ele nunca se pentear. Depois, sentiu-se culpada, por se permitir ter tais pensamentos acerca de um cavalheiro, e a sua bandeja voltou a tremer, tal como os seus olhos.

«Ah, ah, ah, ah, ah, minha cara Sr.^a Slagg, permita-me que a ajude com essa bandeja, ah, ah, até que se sinta mais disposta a conversar e me conte o que tem feito durante os últimos meses. Por que razão não a tenho eu visto, Ama Slagg? Por que motivo nunca mais ouvi os seus passos nas escadas, e a sua voz ao entardecer, a chamar... a chamar...?»

«A Senhora já não me quer, Sr. Doutor» disse ela, olhando para o médico de um modo reprovador. «Agora habito na Ala Oeste...»

«Então é isso, não é?» disse o médico, retirando a bandeja repleta das mãos da Ama Slagg, baixando-a e baixando-se também, ao mesmo tempo, para o chão dessa longa passagem. Ficou aí acorçado, com a bandeja a seu lado, e levantou os olhos para a idosa, que olhava muito assustada para os olhos dele, a nadarem enormes por baixo das lentes.

«Estão *mantêm-na* agora na Ala Oeste, não é isso?» Com o polegar e o indicador, o Dr. Prunesquallor parecia acariciar o queixo, com toda a concentração, enquanto franzia muito o sobrolho. «É a palavra “manter”, minha cara Sr.^a Slagg, que mais me aflige. É um animal, Sr.^a Slagg? Permita-me que repita, será que a senhora é um animal?» Ao dizer isso, levantou-se ligeiramente e, com o pescoço muito esticado, voltou a repetir a pergunta uma terceira vez.

A pobre Ama Slagg estava demasiado assustada para lhe poder dar uma resposta.

O médico voltou a equilibrar-se nos calcanhares.

«Responderei eu à minha própria pergunta, Sr.^a Slagg. Já a conheço há muito tempo. Digamos que... há uma década? É um facto que nunca nos entregámos ambos às profundidades da magia, nem discutimos o significado da existência — mas já me chega dizer-lhe que a conheço há algum tempo, e que a senhora não é nenhum *animal*. Nenhum animal, *de modo algum*. Sente-se aqui nos meus joelhos...»

A Ama Slagg, aterrorizada com essa sugestão, levou as suas pequenas mãos ossudas à boca e levantou muito os ombros. Em seguida, olhou muito preocupada para essa passagem, e já estava a pensar dar uma corrida, quando a agarraram pelos joelhos, mas não de um modo brusco. Efectivamente, e sem saber como aí chegara, via-se agora sentada sobre a rija rótulo do joelho do médico acorçado.

«A senhora *não é* nenhum animal» repetia Prunesquallor, «*pois não?*»

A idosa voltou para ele o rosto enrugado e começou a abanar a cabeça, com uma série de movimentos desligados.

«É claro que não é. Ah, ah, ah, ah, ah, é claro que não é... Então diga-me, *quem é* a senhora?»

A idosa voltou a levar o punho fechado à boca e o seu aspecto assustado voltou a revelar-se.

«Eu sou... Sou uma mulher idosa» disse ela.

«Mas é uma idosa muito especial» observou o médico. «Se não estou em erro, muito em breve irá provar tratar-se de uma idosa excepcional. Oh sim, ah, ah, ah, oh sim, uma senhora, de facto, muito excepcional...» (Houve uma pausa) «Desde quando não vê a Sr.^a Condessa? Provavelmente já há muito tempo...»

«Sim, sim» disse a idosa. «Já há muito tempo... Há meses e meses...»

«Tal como eu pensava...» disse o médico. «Ah, ah, ah, como eu, com efeito, pensava. Então não faz a mínima ideia por que motivo se irá tornar indispensável?»

«Não faço, Sr. Doutor!» disse a Ama Slagg, olhando para a bandeja onde a comida já começava a arrefecer.

«Gosta de bebés, minha caríssima Ama Slagg?» perguntou o médico, transferindo o peso da idosa para o joelho oposto muito dobrado, e esticando a outra perna para a aliviar. «Será que gosta de coisas pequeninas, de uma maneira geral?»

«De bebés?» perguntou a Sr.^a Slagg no tom mais entusiástico que até então tinha usado. «Podia comê-los com beijos, Sr. Doutor, comê-los...»

«Ótimo» disse o Dr. Prunesquallor, «ótimo, minha cara senhora. Poderia comê-los... mas isso não será necessário. De facto, não seria nada recomendável, minha cara Sr.^a Slagg, sobretudo dadas as circunstâncias acerca das quais a deverei esclarecer. Ficaré a tomar conta de uma criança. Mas não a devore, Sr.^a Slagg! É só para a senhora a criar, bem sei, mas não será caso para a engolir. Se assim fosse, iria engolir, ah, ah, ah, ah, um Groan.»

Tais notícias entranhavam-se, pouco a pouco, no cérebro da Ama Slagg e, de súbito, os seus olhos abriram-se muito.

«Não, oh não, Sr. Doutor!»

«Sim, oh sim, Sr. Doutor!» corrigiu o médico. «Embora a Condessa a tenha banido ultimamente da sua presença, a Ama Slagg irá ganhar, ah, ah, ah, irá ganhar um estatuto muito importante. Isso irá acontecer hoje mesmo, se não estou em erro, minha cara e surpreendida Sr.^a Slagg. Ir-lhe-

-ei entregar um Groan bem novo. Lembra-se do modo como eu desembarcei a Condessa de *Lady Fuchsia*?»

A ama começou a tremer e uma lágrima deslizou-lhe pelo rosto ao apertar as mãos entre os joelhos, quase perdendo o equilíbrio nesse pouso precário.

«Lembro-me de todos os detalhes, Sr. Doutor... de todos os detalhes. Quem teria pensado?»

«Pois é» interrompeu o Dr. Prunesquallor, «quem teria pensado. Mas tenho que me ir embora, ah, ah, ah, tenho que a desalojar da minha rótula — mas diga-me, não sabia nada acerca dos problemas que afligem a Sr.^a Condessa?»

«Oh, Sr. Doutor» disse a idosa. «Nada! Nada! Ninguém me diz nada!»

«Contudo, todas essas tarefas irão recair sobre si» disse Prunesquallor. «Se bem que, sem dúvida, até vá gostar disso. Não há que ter dúvidas sobre o assunto, pois não?»

«Oh, Sr. Doutor, outro bebé ao fim de tanto tempo!... Olhe que até já poderia dar uns açoitos nele...»

«Nele?» inquiriu o médico. «Ah, ah, ah, e está assim tão segura do seu sexo, minha cara Sr.^a Slagg?»

«Sim, sim, Sr. Doutor, é um rapaz. Oh, que coisa mais abençoada. Vão *deixar-me* ficar com ele, não é?... Vão deixar, não vão?»

«Não terão outra alternativa» disse o médico, de um modo demasiado brusco para um cavalheiro, revelando um sorriso absolutamente inane, com o seu nariz fino voltado para a idosa. A sua cabeleira cinzenta desprende-se então da parede. «E a minha *Fuchsia*? Será que ela suspeita de qualquer coisa?»

«Oh não, não suspeita de nada. De modo nenhum, Sr. Doutor, Deus a abençoe. Ela quase nunca sai do quarto senão à noite. Não sabe de nada e não fala com ninguém a não ser comigo.»

Retirando a Ama Slagg dos joelhos, o médico levantou-se. «O resto de Gormenghast não fala de outra coisa, mas a Ala Oeste ainda não está informada. É muito, mesmo muito estranho. A ama e a irmã da criança não sabem de nada, ah, ah, ah. Mas creia que isso não irá durar muito tempo, não muito tempo. Mais tarde ou mais cedo terão que...»

«*Sr. Doutor?*» inquiriu a Ama Slagg, quando este já se estava a ir embora.

«Que é?» disse Prunesquallor, examinando as unhas. «Que se passa, minha cara Sr.^a Slagg? Seja rápida...»

«Bem... como está *ela*? Como está a Sr.^a Condessa?»

«Rija que nem uma pedra» disse o médico, já de costas voltadas a

dobrar uma esquina. A Ama Slagg, com a boca e os olhos muito abertos, podia, ao levantar a bandeja, escutar os seus passos, numa passagem mais distante, a pisarem o chão e a desenharem uma elegante tatuagem, à medida que ia correndo como um pássaro, na direcção do quarto da Condessa de Groan.

Quando a Sr.^a Slagg bateu à porta de Fuchsia, tinha o coração a palpitar apressado. Demorava-lhe sempre muito a aperceber-se da importância das coisas que lhe eram ditas e, só agora, se começava a inteirar da dimensão de tudo o que o médico lhe dissera. Poder ser mais uma vez, ao fim de tanto tempo, a ama de um herdeiro da Casa de Groan — poder dar banho aos seus pequenos membros indefesos, poder passar a ferro as roupinhas e seleccionar a sua ama-de-leite, ente as mulheres que viviam na zona exterior... Adquirir uma complexa autoridade em tudo o que se relacionasse com os cuidados prestados ao precioso pequenino — tudo isso lhe pesava agora, com um certo e doloroso orgulho, sobre o coração que estava a bater tão depressa.

Estava de tal modo dominada por essa emoção que reparou que já batera à porta duas vezes, antes de ter reparado num recado escrito, preso na parte exterior da mesma. Observando-o, pôde finalmente destrinçar o que Fuchsia escrevera com o seu invariável lápis de carvão.

Não posso esperar até ao fim dos tempos — és tão LENTA!

A Sr.^a Slagg experimentou então rodar o puxador da porta, ainda que soubesse que esta estaria fechada à chave. Deixando a bandeja e as maçãs sobre o tapete, começou a dirigir-se para o seu quarto onde se poderia entregar a vislumbres tranquilos do futuro. A vida, segundo lhe parecia, ainda não acabara para ela.

O SÓTÃO

Entretanto, após ter esperado ansiosamente pelo seu pequeno-almoço, Fuchsia tinha ido a um armário onde guardava uma reserva de comida para as emergências — metade de um bolo de sementes e um pouco de vinho de dente-de-leão. Havia aí também uma caixa de tâmaras que Flay conseguira surripiar, e lhe trouxera há já algumas semanas, e duas peras já muito enrugadas. Tudo isto ela embrulhou num pano. Em seguida, acendeu uma vela e pousou-a no chão, junto à parede. Então, arqueando as suas costas fortes, levantou o espaldar da cama para a desviar suficientemente e se poder intrometer entre o espaldar e a parede, antes de abrir essa porta semelhante à de um armário. Estendendo um braço por cima desse espaldar gradeado, pegou na trouxa onde guardara a comida, levantou depois a vela

que estava a seus pés e, baixando a cabeça, entrou pela estreita abertura, ficando junto aos degraus mais baixos que conduziam à área superior através de espirais escuras. Fechou a porta atrás dela e aferrolhou-a. O temor que sempre sentia ao fechar-se aí apoderou-se dela e, por momentos, tremeu dos pés à cabeça.

Em seguida, com a vela a iluminar-lhe o rosto, e os três degraus que surgiam diante dela, subiu para o seu domínio.

À medida que se ia embrenhando por essa escuridão enrolada, o seu corpo foi percorrido — e ela quase se sentiu desmaiar — por uma vertigem de Abril verde. O coração batia-lhe aceleradamente.

Isso era um amor semelhante, na sua intensidade, ao amor de um homem por uma mulher e que a atingia no âmago mais profundo do seu ser. Era o amor de um homem ou de uma mulher pelo mundo. Pelo mundo e pelo seu centro, onde as suas vidas ardessem genuinamente como uma chama livre.

O amor do mergulhador pela imensidão de luz ondulante, pelo seu mundo de pérolas e gavinhas aquáticas e pela respiração a crescer-lhe no peito... Nascido como um mergulhador de profundidades, ele vive em unísono com cada cardume de peixes verde-lima, com cada esponja colorida. Ao pousar no chão feérico do oceano, com uma mão a roçar por uma costela de baleia, sente-se completo e infinito. O pulso, o poder e o universo oscilam-lhe no corpo. Está apaixonado.

O amor do pintor, de pé, sozinho, a olhar intensamente para a grande superfície colorida que está a criar... Também de pé, na mesma sala, a tela que se eleva olha para ele, com hipotéticas formas que se alteram através da sua execução, pulsando com um novo ritmo do chão ao tecto. As bisnagas retorcidas, a tinta ainda fresca espremida e espalhada pela superfície seca da sua paleta... O pó por debaixo do cavalete, a tinta que subiu pelo cabo dos pincéis... A luz branca num céu nórdico é silenciosa. A janela aspira intensamente enquanto ele absorve o seu universo. O seu mundo: um quarto alugado e terebintina. Então move-se na direcção desse objecto quase concebido. Está apaixonado.

A terra fértil esboroa-se pelos dedos de um jovem. À medida que o pescador de pérolas murmura «Estou em casa», ao deslocar-se vagamente nessa luminosidade aquática, e o pintor murmura «Eu sou eu», sobre a jangada de tábuas do sobrado. Também o lento camponês no terreno arável diz, tal como Fuchsia na sua escada em caracol, «Estou em casa.»

Era esse sentimento de pertença, em relação à escada encaracolada e ao sótão, que Fuchsia sentia ao deslizar a mão direita pela parede de madeira, ao ascender e encontrar, após alguns instantes, a tábua solta que ela esperava. Sabia que já só lhe faltavam dezoito degraus e que, após contornar

mais duas vezes a escadaria, esse indescritível brilho cizento-ouro aí filtrado a iria saudar.

Ao atingir o último degrau, curvou-se e inclinou-se para uma porta, que abria para ambos os lados, semelhante à porta de uma vacaria mas com cerca de um metro de altura. Destrancou-a e entrou na primeira das três secções do sótão.

Uma infiltração da luz matinal dava a todos os objectos certos contornos vagos, mas isso não bastava para afastar a escuridão. Aqui e ali, um fino raio de luz atravessava esse lusco-fusco parado e aquecido e enchia-se de pequenos grãos de pó em movimento como uma espécie de firmamento em miniatura, repleto de estrelas a girarem austeramente.

Um desses raios de luz, que aí penetrava, incidiu sobre a cabeça e sobre os ombros de Fuchsia; outro arrancou uma tonalidade vermelha ao seu vestido. À sua direita via-se um órgão já desmantelado. Os tubos estavam partidos e o seu teclado jazia agora em pedaços. Na parte da frente do instrumento, o trabalho de uma década de aranhas cinzentas tecera teias semelhantes a um xaile de renda que apenas ansiava pelo fantasma de uma infanta, para se levantar do pó e se envolver em torno da sua cabeça e dos seus ombros, como a mais fabulosa de todas as mantilhas.

Nessa penumbra, mal se poderiam ver os olhos de Fuchsia, pois a luz, que lhe incidia na testa, vincava-lhe, por contraste, sombras mais profundas pelo rosto. Porém, o seu olhar estava calmo. A excitação que despertara nele, quando ela subira as escadas, dera lugar a uma estranha tranquilidade. Ela estivera de pé, no cimo desses degraus, como se fosse já uma outra pessoa.

Essa divisão era a mais escura. No Verão, a luz parecia penetrar pelas fissuras das tábuas empenadas e pelos fragmentos partidos de lousa do telhado, de um modo mais indirecto do que seria característico na sala maior e na galeria à sua direita. A terceira, o sótão mais pequeno, com os seus degraus que ascendiam da pequena varanda interior com balaustrada, era o mais bem iluminado, pois tinha uma janela com persianas de madeira que, uma vez abertas, davam para um panorama de telhados, torres e ameias que se espalhavam num largo semicírculo mais abaixo. Entre altos bastiões poder-se-ia ver, mergulhando muitos metros nessa profundidade, um pedaço do pátio interior, onde, se alguém surgisse, não pareceria muito maior do que um dedal.

Fuchsia deu dois passos em frente, no primeiro dos sótãos, e depois parou, por momentos, para voltar a atar um fio por cima do joelho. Sobre a sua cabeça, surgiam vagas vigas e, enquanto se erguia, ela apercebeu-se delas e amou-as. Essa era a sala da madeira. Embora muito longa e espaçosa, parecia relativamente mais pequena do que de facto era, dado

o amontoado de toda a espécie de coisas que pudéssemos imaginar — do grande órgão à cabeça pintada e perdida de um leão de brincar, que deveria ter sido em tempos um dos entreténs dos antepassados de Fuchsia —, espalhadas ao longo de ambas as paredes, até já só existir uma pequena álea que conduzia à sala adjacente. Esse mesmo corredor, alto e estreito, rodeava o centro do primeiro sótão antes de voltar abruptamente à direita, num ângulo apertado. O facto de essa divisão estar cheia de madeira, a que até chamavam lenha, não significava que ela a ignorasse ou a usasse apenas como lugar de passagem. Oh não, pois era aí que longas tardes tinham sido passadas, enquanto ela abria caminho até aos seus profundos recessos, encontrando muitas e estranhas cavernas, entre as incongruentes relíquias do passado. Ela sabia como descobrir caminho através do centro do que parecia não passar de amontoados de mobílias, caixas, instrumentos musicais e brinquedos, papagaios de papel, quadros, armaduras e elmos de bambu, estandartes e relíquias de toda a espécie, tal como um índio sabe encontrar o seu carreiro verde e secreto. Ao alcance da sua mão, a pele e a cabeça de um macaco pendiam empoeiradas sobre um tambor rebentado, que se elevava um pouco mais ao fundo das escuras filas de objectos heteróclitos. Estes pareciam enormes e impenetráveis nesse parado e cálido lusco-fusco, mas Fuchsia, se o desejasse, poderia ter desaparecido desajeitadamente, mas com muita rapidez, por essas fantásticas montanhas, aproximar-se do seu centro e deitar-se sobre uma velha otomana, com um livro de gravuras junto ao cotovelo, e ficar aí escondida durante largos momentos.

Nessa manhã, dirigia-se para a terceira dessas divisões e caminhava por essa estreita garganta, baixando-se para passar por baixo da perna de uma girafa embalsamada onde incidia um raio da mesma luz empoeirada e que, a meio do seu caminho, formava como que um lintel, mesmo antes de essa passagem se encurvar para a direita. Quando ela ultrapassou essa esquina, viu então o que esperava ver. A cerca de cinco metros, abriam-se os degraus que davam acesso ao segundo sótão. As vigas por cima desses degraus estavam já abauladas, de modo que mal se poderia vislumbrar a sala para lá das mesmas. Mas a área de soalho desimpedido que restava dava uma ideia do conjunto. Ela desceu os degraus. Havia um rasgão de nuvens; um céu, um deserto, uma costa abandonada que se iam apossando do seu corpo.

Avançar, sobre essas tábuas vazias do chão, era para ela como caminhar pelo espaço. No espaço que os condores parecem preferir, através dos vislumbres com que as águias-reais o atravessam.

O silêncio adquiria aí um ritmo profundo. As muralhas, as torres, os quartos de Gormenghast pertenciam agora a outro planeta. Fuchsia agarrou numa longa madeixa de cabelo e atirou a cabeça para trás, à medi-

da que o seu coração se acelerava. Fascinada dos pés à cabeça, surgiam-lhe pequenos diamantes ao canto dos olhos.

Com que personagens ela não preencheria já esse palco vazio!... Era aí que via sempre as pessoas que imaginava, as temíveis personagens que ia criando e que passeavam de canto em canto, absortas como monstros, ou a voarem pelo ar como serafins de asas a arder, ou a dançarem, a lutarem, a rirem e aos gritos. Esse era o seu sótão do faz-de-conta, onde ela assistiria ao avanço e ao recuo dos companheiros da sua mente, através desse chão empoeirado.

Estreitando contra si a trouxa com a comida, os seus passos adquiriam um som oco. Continuava a andar em direcção ao escadote fixo que a levaria à varanda interior lá mais ao fundo, pousando ambos os pés sobre cada degrau, pois era-lhe difícil subir com a garrafa e a comida por debaixo do braço. Não havia aí ninguém que pudesse observar-lhe as costas e os ombros direitos e fortes, nem os movimentos desajeitados e indecorosos das suas pernas — enquanto ela ia subindo no seu vestido carmesim —, nem sequer o comprimento do seu cabelo muito escuro. A meio caminho, pôde por fim colocar as coisas que levava à cabeça e atirá-las para essa varanda. Depois inclinou todo o corpo, até ficar aí, erguida, com o grande palco a seus pés tão vazio como um coração esquecido.

Ao olhar para baixo, com as mãos pousadas sobre o gradeamento de madeira que protegia essa varanda interior, sabia que, com um simples gesto, poderia pôr em movimento as cinco figuras principais que ela criara. Aquelas que, vezes sem conta, vira por baixo dela, como se verdadeiramente aí estivessem. De começo, não fora fácil compreendê-las nem dizer-lhes o que deveriam fazer. Porém, agora, era com maior desenvoltura que essas personagens poderiam representar as mesmas cenas que ela tantas vezes observara. Havia o Munster, que saltaria de viga em viga para cair, rindo às gargalhadas, no meio do chão e numa nuvem de pó, para em seguida lhe fazer uma grande vénia, antes de se desviar à procura do seu barril de ouro reluzente. Ou o Homem da Chuva, que andava sempre de cabeça baixa e com as mãos atrás das costas e que apenas tinha que levantar uma pálpebra para dominar o tigre que trazia atrás dele preso por uma corrente.

Esses e outros dramas em que eles participavam estavam agora latentes na sala em baixo. Mas Fuchsia passou pela cadeira de espaldar alto, em que se costumava sentar junto à margem dessa varanda, e, abrindo com muito cuidado a porta que apenas tinha uma dobradiça, entrou na terceira das três divisões.

Colocou a trouxa em cima de uma mesa a um canto, foi até à janela e abriu as duas persianas de madeira. A meia já lhe descera outra vez até meio da perna, e atou melhor o cordão em torno da coxa. Era hábito seu,

sempre que estava nessa sala, falar alto para consigo mesma. Discutir em voz alta. Ao olhar através da janela para os telhados do castelo e para os edifícios adjacentes, saboreou o prazer do seu isolamento. «Estou sozinha» disse ela, com o queixo nas mãos e o cotovelo no parapeito. «Estou mesmo sozinha, como eu gosto. Agora posso pensar, pois ninguém aqui me provoca. Não no meu quarto... Não há ninguém aqui a dizer-me como me devo comportar por ser uma senhora... Oh, não. Aqui posso fazer o que me apetece. A Fuchsia está aqui muito bem. Ninguém sabe para onde vou. O Flay não sabe. O meu pai não sabe. A minha mãe também não sabe. Nenhum deles sabe. Até mesmo a ama não sabe. Só eu sei. Sei para onde vou. Venho para aqui. Este é o local para onde venho. Subo os degraus e chego até à minha sala da madeira. E através desta, até à minha sala de espectáculos. Onde subo depois os degraus do escadote até à minha varanda. Pela porta entro no meu sótão secreto. E é aqui que estou. Estou aqui agora. Tenho aqui estado muitas vezes, mas isso já foi no passado. Isso já acabou, mas agora estou aqui, no presente. Isto é o presente. Estou a olhar para os telhados do presente e estou a debruçar-me no parapeito do presente e, mais tarde, quando já for mais velha, hei-de voltar a debruçar-me outra vez neste parapeito. Vezes sem conta.

«Agora vou acomodar-me melhor e comer o meu pequeno-almoço» continuou ela a dizer para si mesma, mas, ao voltar-se, os seus olhos argutos observaram, a um canto de um dos pátios miniaturizado, lá muito em baixo, uma reunião pouco usual do que ela calculava serem criados das áreas da cozinha. Estava de tal modo habituada a que o panorama diante dela estivesse vazio de pessoas a essa hora da manhã, dado que os serviços estariam a desempenhar as suas múltiplas tarefas pelo castelo, que se desviou subitamente da janela para em seguida olhar para baixo, com uma certa suspeição e quase medo. Que a teria levado a pensar que algo de irreparável acontecera? Para um forasteiro, não teria havido nada de pouco comum ou de extraordinário no facto de um grupo se ter juntado, muitos metros mais abaixo, num canto cheio de sol desse pátio lajeado. Mas Fuchsia, que nascera e fora criada de acordo com os férreos rituais de Gormenghast, sabia que algo sem precedentes estaria a acontecer. Começou então a olhar fixamente para aí e, ao fazê-lo, o grupo ia aumentando. Era o suficiente para lhe estragar a disposição e para se sentir pouco à-vontade e zangada.

«Algo aconteceu» disse ela, «algo que ninguém me contou. Não me disseram nada. Não gosto deles. Não gosto de nenhum deles. Que estarão eles todos a fazer, como um amontoado de formigas, lá em baixo? Porque não estarão a trabalhar como deviam?» Voltou-se e olhou uma vez mais para a sua pequena sala.

Tudo aí parecia ter mudado. Pegou numa das peras e, distraída-

mente, deu-lhe uma dentada. Tinha planeado uma manhã de rumações e talvez uma peça ou duas, no sótão vazio, antes de voltar a descer as escadas para pedir um chá bem servido à Sr.^a Slagg. Havia qualquer coisa de agoi-
rento nesse grupo lá muito em baixo. O seu dia fora interrompido.

Passou os olhos pelas paredes dessa sala. Estavam cheias de pinturas que ela em tempos escolhera como as suas preferidas, por entre a grande quantidade que ela descobrira na sala da madeira. Numa das paredes via-se uma enorme paisagem de montanha, onde um caminho, semelhante a uma cobra enroscada em torno da mais impressionante escarpa, era ocupado por dois exércitos, um vestido de amarelo e o outro — a força invasora que os combatia no terreno mais baixo — vestido de roxo. Iluminado como estava pela luz das tochas, todo esse cenário era uma constante fonte de fantasias para Fuchsia. Contudo, nessa manhã, olhava para ele quase sem o ver. As outras paredes não tinham elementos tão impressionantes, dado que quinze pinturas se distribuíam por três paredes. Havia a cabeça de um jaguar; o retrato do vigésimo segundo Conde de Groan, com um cabelo imaculadamente branco e com um rosto cor de fumo, devido à grande quantidade de tatuagens; e um grupo de crianças, vestidas de musselina cor-de-rosa e branca, a brincarem com uma víbora. Estes eram os trabalhos que mais lhe agradavam. Deixara, na sala da madeira, centenas de cabeças muito aborrecidas e retratos de corpo inteiro dos seus antepassados. O que ela pretendia de uma pintura era algo de inesperado. Era como se gostasse que o artista lhe dissesse algo de novo e de original. Qualquer coisa em que ela nunca tivesse pensado.

Uma grande raiz torcida, há muito arrastada dos bosques da montanha de Gormenghast, estava no centro da sala. Tinha sido polida até atingir um raro brilho mesmo nas suas mais pequenas pregas e cavidades. Fuchsia atirou-se então para o artigo mais impositivo dessa sala, uma otomana que em tempos fora esplêndida e com uma suavidade de contornos em que os ângulos do seu corpo, enquanto aí se recostava, surgiam com uma severidade descomprometida. Os seus olhos que, desde que entrara no sótão, tinham adquirido a expressão calma que lhe era tão pouco característica, estavam agora outra vez acesos. Moviam-se por esse espaço como se à procura de um lugar onde descansarem, mas, nem essa raiz fantástica nem os engenhosos padrões da carpete tinham o poder de os atrair.

«Está tudo errado. Tudo. Tudo!» disse Fuchsia. Mais uma vez foi até à janela observar esse grupo no pátio. Porém, este já tinha aumentado a ponto de ocupar todas as lajes de pedra ainda visíveis. Através de uma ameia, ao seu lado esquerdo, podia ver quatro distantes caminhos numa zona pobre de Gormenghast. Esses caminhos enchem-se com pequenos grupos de pessoas, e Fuchsia acreditava poder ouvir o som distante das suas

vozes a elevarem-se pelo ar. Isto não queria dizer que ela revelasse qualquer interesse particular em «ocasiões» ou festividades que pudessem interessar a essas pessoas lá em baixo, mas que nessa manhã estava bem consciente de que algo em que se viria a envolver se estava a passar.

Sobre a mesa, havia um enorme livro colorido com versos e gravuras, sempre pronto para que ela o abrisse e devorasse. Fuchsia costumava voltar as páginas e ler os versos em voz alta, com um tom muito dramático. Nessa manhã, limitou-se a inclinar-se para o livro e a folhear essas páginas sem interesse. Ao deparar-se porém com um dos seus poemas favoritos, parou e começou a lê-lo devagar. No entanto, os seus pensamentos estavam noutro lado.

O BOLO FRÍVOLO

Havia um frívolo bolo sarapintado
 Que navegava num mar sem sentido
Ou por qualquer lúgubre lago
 Muito livre e bem assumido.
Desarticulado, quão desarticuladamente
 Esse bolo frívolo navegava
Sobre as ondas de um oceano sem mente
 Atirando peixes para um céu cor de malva.

Havia aí muitos, imensos pargos
 De uma glória incomparável
E todo o lucro desses trabalhos amargos
 Era atirado para esse céu arável.

Pelas lustrosas vagas sobre as cristas
 Junto aos pescadores voava, de uma maneira ociosa,
O bolo frívolo com uma faca espetada
 Nela e na sua tripulação de passas, melosa,
Como o sorriso de um espadarte saltitava com muita arte
 (Essa faca de mesa azul e poderosa)
E o bolo frívolo enchia-se até acima
 Com a sua tripulação de passas, melosa.

Havia aí muitos, imensos pargos
 De uma glória incomparável
E todo o lucro desses trabalhos amargos

Era atirado para esse céu arável.

Em torno das praias das Ilhas Elegantes
Onde o peixe-gato a saltar ronronava
Lambendo as patas com sorrisos brilhantes
E das suas barbatanas de pêlo cuidava,
Voava, voava sobre esse céu cor de malva
O bolo frívolo e a faca
Que piscava o seu olho azulado
À espera de um casamento anunciado.

As migalhas espalhavam-se por esse mar sem sentido
Pelo bater do coração desse bolo
E a faca de aço sentia o melaço
De uma paixão sem boca ou ouvido.
Pela velocidade da luz eram espalhadas
Essas migalhas aos peixes dedicadas,
E o ar tropical vibra agora a zumbir
Por esse bolo de amor ainda por vir.

Acabou o último verso muito rapidamente, não conseguindo reter nada do seu sentido. Ao acabar de ler mecanicamente a última estrofe, levantou-se e dirigiu-se para a porta. Deixara para trás a sua trouxa ainda aberta, à excepção da pêra, abandonada sobre a mesa. Já estava na varanda a descer pelo escadote até ao sótão vazio. Em poucos momentos avançara já até ao cimo das escadas, na sala da madeira. Ao descer a escadaria em caracol, ia remoendo certos pensamentos.

«Que teriam eles feito? Que teriam eles feito?» E foi muito precipitadamente que entrou no seu quarto e correu para o canto, onde puxou pela corda do sino como se quisesse arrancá-la do tecto.

Não tardou até que a Sr.^a Slagg surgisse a correr para o seu quarto, de chinelos nos pés, a arrastarem-se por esse chão irregular. Fuchsia abriu-lhe a porta e assim que essa pobre idosa apareceu, franqueando a entrada, a rapariga gritou-lhe: «Que se está a passar, ama? Se não mo disseres já, não gosto de ti. Diz-me o que se está a passar?»

«Não fale tão alto, menina» disse a Sr.^a Slagg. «Porque está assim tão preocupada, minha querida? Oh, minha pobrezinha, ainda há-de um dia dar cabo de mim...»

«Mas tens que me dizer, ama. Já! Já! Senão ainda te bato.» disse Fuchsia.

A partir de um mero início de suspeita, os medos da rapariga ti-

nham crescido até esse momento, e estava quase a suspeitar que seria capaz de bater na velha ama, de quem ela tanto gostava. Com oito dedos envelhecidos, a Ama Slagg pegou na mão de Fuchsia e apertou-a.

«É por causa do seu irmãozinho, minha querida. Agora já terá uma surpresa para a acalmar, um *irmãozinho*, muito parecido consigo, minha feia querida, nascido há pouco tempo.»

«Não!» gritou Fuchsia, com o sangue a subir-lhe às faces. «Não! Não! Não o quero! Oh, não, não, não! Não quero, não quero! *Não pode ser, não pode ser!*» E, atirando-se para o chão, esvaiu-se num mar de lágrimas.

«A SR.^a SLAGG AO LUAR»

Todas estas personagens: o Lorde Sepulchrave; a Condessa Gertrud; Fuchsia, a filha mais velha de ambos; o Dr. Prunesquallor; o Sr. Rottcodd; Flay; Swelter; a Ama Slagg; Steerpike e Sourdust; foram apresentadas aquando das suas tarefas, no dia do grande advento, e talvez tivessem sugerido a atmosfera em que Titus acabara de nascer.

Durante os primeiros anos de vida, Titus foi entregue aos cuidados da Ama Slagg, que arcou orgulhosamente com essa responsabilidade sobre os seus pequenos ombros descaídos. Durante a primeira metade dessas primeiras épocas, apenas duas cerimónias envolveram o bebé, das quais ele, felizmente, não se deu conta, nomeadamente o baptismo, que ocorreu doze dias após o seu nascimento, e um Pequeno-Almoço de cerimónia no dia do seu primeiro aniversário. Escusado será dizer que, para a Sr.^a Slagg, cada dia apresentava uma série de acontecimentos importantes, de tal modo ela estava envolvida em todos os pormenores relacionados com a educação da criança.

A velha ama começou a caminhar ao longo do estreito caminho lajeado, entre as acácias, nessa memorável noite da natividade, e a descer a colina para o portão, na parede do castelo, que conduzia até ao centro das habitações de lama. Enquanto se apressava, o Sol já iniciara o seu declínio por detrás da montanha de Gormenghast, num pântano de luz açafrão, e a sua sombra começava a apressar-se ao longo das acácias. Muito poucas vezes se aventurava ela fora de portas e foi com um certo sobressalto que abriu, com alguma dificuldade, a tampa pesada de uma arca que tinha no seu quarto, para retirar de lá, por baixo de um amontoado de pedaços de cânfora, o seu melhor chapéu. Este era demasiado negro, aliviado apenas, na sua alta parte central, por um cacho de uvas de vidro. Quatro ou cinco bagos já estavam partidos, mas não era coisa que se notasse muito.

A Ama Slagg tinha levantado o chapéu, até à altura do seu rosto, e

olhado obliquamente para ele, bafejando as uvas de vidro para lhes retirar o pó que nelas se tivesse acumulado. Ao ver que estavam agora baças, levantou a manga do casaco e, dobrada já sobre o chapéu, tentou polir esses mesmos bagos, um de cada vez.

Depois aproximou-se, quase furtivamente, da porta do seu quarto e pousou um ouvido sobre a madeira. Não ouvira nada, mas, sempre que pensava estar a fazer algo de pouco ortodoxo, não importaria a sua presente necessidade, sentia-se culpada e olhava em torno dela, com os seus olhos de contornos avermelhados muito abertos e a cabeça a tremer-lhe ligeiramente, ou, se estivesse sozinha num quarto, corria logo para a porta para se pôr à escuta.

Quando se certificava de que não estava aí ninguém, abria-a muito rapidamente e olhava para a passagem vazia, antes de continuar as suas tarefas com uma confiança renovada. Dessa vez, colocar o seu melhor chapéu às nove da noite, com a ideia de se ausentar do castelo por uma longa vereda, e depois para norte ao longo dessa álea rodeada de acácias, fora o suficiente para que corresse logo para a sua porta, suspeitando que alguém aí pudesse estar: alguém que estivesse à escuta dos seus pensamentos. Dirigindo-se em bicos de pés até à cama, aumentara uns trinta centímetros da sua estatura, ao colocar o chapéu de veludo. Em seguida, depois de sair dessa divisão, as escadarias pareceram-lhe demasiado vazias, ao descer os dois lanços.

Lembrando-se, ao contornar a porta principal da Ala Oeste, que a própria Condessa a encarregara dessa missão pouco comum, sentia-se um pouco mais forte, mas, fosse qual fosse a sua verdadeira autoridade, era algo de muito mais profundo o que a preocupava, algo que se baseava nas rígidas tradições desse lugar. Isso fez com que sentisse que estava a fazer algo de errado. Contudo, teria que arranjar uma ama-de-leite para o pequeno infante, e era a lógica imediata de tudo isso o que a impelia. Ao sair do quarto, tinha pegado num par de luvas de lã negra. Tratava-se de uma suave e quente noite de Verão, mas a Ama Slagg sentia-se mais confiante com elas.

As acácias, cujas silhuetas surgiam a seu lado, desenhavam padrões sobre a montanha, enquanto que à sua esquerda brilhavam vagamente como uma espécie de luz subterrânea. O seu caminho estava riscado, como a pele de uma zebra, pelas sombras de troncos de árvore. A Sr.^a Slagg, apenas uma anã contra a altura e inclinação dessa álea de folhagem escura, despertava pequenos ecos nas grandes pedras circundantes, devido ao bater dos saltos dos seus sapatos, sobre esse caminho lajeado.

Este estendia-se ao longo de uma distância considerável e, quando por fim se aproximou da parte norte, foi saudada pela luz fria de uma Lua nascente. As muralhas de Gormenghast levantavam-se agora diante dela, antes de ela passar por um pequeno arco.

A Sr.^a Slagg sabia que, a essa hora, os Residentes estariam a jantar. Ao recordar-se, a memória de uma ocasião muito semelhante assaltou-a: a altura em que tivera que fazer uma escolha semelhante para Fuchsia. Nesse tempo, também saíra à noite, se bem que cerca de uma hora mais cedo. O vento soprava por todos os lados e ela ainda se recordava de como fora difícil projectar a sua voz e de como eles a tinham percebido mal, imaginando que Lorde Groan tinha falecido.

Só por vezes, desde então, estivera ela na área dos Residentes. Nessas ocasiões, fora para levar Fuchsia a dar os longos passeios, em que esta tanto insistia, não importava o estado do tempo.

Mas os seus dias para longos passeios tinham terminado, se bem que ela tivesse, numa dessas ocasiões, passado por esses tugúrios de lama, enquanto os Residentes estavam a comer a sua última refeição. Sabia que eles jantavam sempre ao ar livre, em mesas que se estendiam por quatro longas filas sobre a poeira triste e acinzentada. Lembrava-se também de que nesse pó apenas alguns cactos conseguiam ganhar raízes.

Seguindo a inclinação de um verde assustador, que descia do arco até à poeira das miseráveis habitações, viu de súbito, ao levantar os olhos do chão, um desses grandes cactos.

Quinze anos é muito, para que a memória de uma idosa aí possa mergulhar desenvoltamente — mais do que as águas da sua infância, porém, quando a Sr.^a Slagg viu esse cacto, lembrou-se com nitidez do modo como parara, para olhar para essa grande planta monstruosa, no dia em que Fuchsia nascera.

Aí estava ele outra vez, com a sua copa de folhas carnudas divididas em quatro braços levantados para cima, semelhante a um enorme candelabro cinzento incrustado de espinhos, cada um deles tão grande e brutal como o corno de um rinoceronte. Nenhuma flor chamejante lhe avivava o escuro tom monocromático, embora há já muito tempo tivessem dito que florescera gloriosamente durante três horas. Para lá dessa arborescência, o chão elevava-se, formando uma longa e triste colina, e foi depois de a subir que a Sr.^a Slagg viu os Residentes, diante dela, sentados a essas longas mesas. Por detrás deles, esses tugúrios de barro colavam-se uns aos outros, formando um enxame cinzento até à base das muralhas. Havia quatro ou cinco cactos que aí cresciam e que se elevavam acima das mesas.

Estes eram semelhantes em tamanho e no modo como espalhavam os seus altos e desajeitados ramos ao que a Sr.^a Slagg acabara de ver e, ao aproximar-se deles, reparou que o brilho do Sol, que já desaparecera, ainda os enchia de calor.

Às mesas, perto da parte exterior da muralha, sentavam-se os mais

velhos, os avós, os aleijados. À esquerda, estavam as mulheres casadas e as crianças de que estas tomavam conta.

Às outras duas mesas, sentavam-se os homens e os rapazes. As raparigas, dos doze aos vinte e três anos de idade, comiam num pequeno edifício de lama, só para elas, estando algumas encarregadas de servir, todos os dias, os velhos que se sentavam nas mesas mesmo por baixo das ameias.

Para lá desse espaço, as terras afundavam-se num vale pouco profundo e seco onde se encontravam as residências, de modo que, à medida que ela avançava passo a passo, as figuras sentadas à mesa tinham, como pano de fundo, os rudes telhados de lama, estando as paredes ocultas devido aos contornos do terreno. Era uma paisagem desoladora. Das sombras luxuriantes dessa vereda de acácias, a Sr.^a Slagg irrompera, de súbito, num mundo árido. Viu logo, em frente deles, fatias de brancas raízes condais e as tigelas de vinho de abrunhos. Essas longas raízes tubulares eram desenteradas, todos os dias, nos bosques da vizinhança, e figuravam sempre à mesa, todas as noites, cortadas em montes de peças cilíndricas e estreitas. Era essa, segundo se lembrava ainda, a alimentação tradicional de todos eles.

Reparando nessas raízes brancas, espalhadas em perspectiva, cada bocado com a sua própria sombra, lembrou-se, com uma certa agitação, de que o seu estatuto social era bem superior ao dos habitantes desses casebres de lama. Era um facto que eles eram excelentes escultores, mas não viviam no *intramuros* de Gormenghast, e a Ama Slagg, ao aproximar-se de uma das mesas, ajustou melhor as suas luvas em torno de cada dedo, franzindo a boca.

Os Residentes tinham-na visto, assim que o chapéu dela aparecera acima da crista seca da colina. Cada cabeça se voltou então, fixando nela o olhar. As mães tinham parado, algumas delas com as colheres suspensas diante da boca das crianças.

Era raro que os «Castelãos», como eles chamavam a todos os que vivam no interior do Castelo, se aproximassem deles quando estavam a comer. Ficaram aí a olhar muito para ela, sem falarem e sem se mexerem.

A Sr.^a Slagg também parara, com o luar a brilhar-lhe nos bagos de uvas de vidro.

Um homem já muito velho, semelhante a um profeta, levantou-se, aproximou-se dela e ficou aí, em silêncio, até que uma mulher idosa, que tinha estado à espera que ele se aproximasse da ama, se levantou e, seguindo o seu exemplo, aproximou-se da Sr.^a Slagg para aí ficar também, em silêncio, a seu lado. Foi quando dois miúdos de cinco ou seis anos, também se levantaram das mesas, onde estavam com as mães. Estes, ao chegarem junto da Sr.^a Slagg, ficaram muito calados, depois, levantando os braços num gesto com que imitavam os mais velhos, juntaram os

pulsos, arquearam as mãos como se para sugerir uma tigela, curvando em seguida as cabeças.

Permaneceram nessa atitude durante algum tempo, até que o velho, levantando a sua cabeça desgrenhada, abriu os lábios ressequidos.

«Gormenghast» disse ele, e o som da sua voz era como um rolar de pedregulhos pelo vale. Ao dizer «Gormenghast», lia-se alguma reverência na sua entoação. Essa era a saudação dos Residentes a qualquer pessoa que viesse do Castelo e, uma vez pronunciada, a resposta apropriada seria: «Os Exímios Escultores». A conversa poderia então, e a partir daí, desenrolar-se normalmente. Essa maneira de os cumprimentar — atendendo ao facto de que os Residentes eram indiferentes a qualquer elogio, julgando-se os juízes supremos de todos os seus trabalhos e desinteressados por qualquer curiosidade vinda do exterior — era, de certo modo, um paliativo, dado que os colocava precisamente no nível a que eles julgavam pertencer de um modo espiritual, se não mundano e até hereditário. Introduzia assim uma certa concordância, logo de início. Fora um grande golpe de inteligência, uma verdadeira torre de tacto, quando o décimo sétimo Conde de Groan introduzira, há centenas de anos, essa expressão nos rituais do Castelo.

Os Escultores, no entanto, estavam muito longe de revelarem inteligência. Estavam vestidos com o mesmo uniforme de pano cinzento-escuro, preso à cintura com faixas vegetais, que retiravam da mesma planta que lhes fornecia as raízes brancas e cujas regiões carnudas, mais profundas e rijas, eles comiam. Nada indicava inteligência nos seus aspectos, à excepção de uma coisa: a luz no olhar das crianças mais novas. De facto, era possível vê-la entre os rapazes jovens e as donzelas, até à idade dos dezanove anos, por vezes até aos vinte. Esses jovens Residentes contrastavam tanto com os mais velhos, até com os que tinham vinte e cinco anos, que era quase difícil imaginar que pertencessem a um mesmo grupo. A razão trágica para tudo isso era que, após terem atingido uma certa maturidade física, todo o seu encanto se apagava, à medida que iam ficando murchos como flores, depois desses breves instantes de inteligência e de força.

Ninguém aparentava ser de meia-idade. À excepção das mães que tinham tido filhos ainda muito novas, as outras pareciam tão velhas como os seus pais.

E no entanto não morriam, como se se pudesse imaginar, mais cedo do que seria de esperar. Antes pelo contrário, a avaliar pela longa fila de rostos envelhecidos, sentados nas três mesas perto da muralha, até se poderia julgar que possuíam o dom da longevidade.

Só as crianças ainda revelavam um ar radiante, através dos seus olhos, do brilho do cabelo e, de uma outra forma, através das suas vozes e dos seus movimentos. Pareciam inteligentes, mas com uma inteligência

pouco natural. Não se tratava do lustro saudável de uma chama livre, mas do brilho que os relâmpagos dão por vezes aos ramos das árvores à meia-noite; do súbito reluzir, na escuridão, de um fragmento aceso pelo lume de uma tocha para, logo a seguir, se transformar num espectro.

Mas mesmo essa emanção pouco usual parecia morrer nos jovens logo que completavam dezanove anos; juntamente com a beleza das suas feições, também esse brilho se apagava. Apenas *no interior* dos corpos dos Residentes adultos existiria qualquer espécie de luz, ou talvez não fosse luz mas antes um calor — o calor da inquietação criativa. Esses eram os Escultores dessas peças de cores vivas.

A Sr.^a Slagg içou a mão, em forma de garra, a uma grande altura. As quatro pessoas em frente dela tinham adquirido poses menos formais. As crianças olhavam-na de alto a baixo, com os braços magros e empoeirados sobre os ombros umas das outras.

«Venho aqui» disse ela com uma voz que, embora fininha, como o piar de um maçarico-real, se projectava através das mesas. «Venho aqui — embora seja já muito tarde — para vos contar uma coisa maravilhosa.» Ajustou então o chapéu e sentiu com grande prazer, ao fazê-lo, o brilho vivo das suas uvas de vidro.

O velho olhou para as mesas por onde a voz lhe rolou como uma onda. «Ela veio contar-nos uma coisa maravilhosa.» A velha limitou-se a repeti-lo, com um eco distorcido e gritou: «Uma coisa maravilhosa.»

«Sim, sim. São óptimas notícias para vocês» continuou essa ama idosa. «Irão ficar todos muito contentes, estou certa.»

Agora que a Sr.^a Slagg começara a falar, sentia-se muito contente consigo mesma. Juntava ainda mais as suas mãos enluvadas, sempre que se sentia mais nervosa.

«Estamos todos muito contentes. Todos nós. O Castelo» (disse ela, com uma certa arrogância) «está muito satisfeito e, quando vos disser o que aconteceu, também vocês vão ficar contentes; oh, sim, estou segura disso. Porque sei que todos *dependem* do Castelo.»

A Sr.^a Slagg nunca soubera recorrer a qualquer táctica. «Vocês recebem a comida que vos é lançada das ameias todas as manhãs, não é verdade?» Franzira a boca e parara um momento para ganhar fôlego.

Um jovem levantou uma espessa sobranceira e cuspiu para o chão.

«De modo que no Castelo pensam muito em vocês. Todos os dias pensam em vocês, não é verdade? E é por isso que irão ficar muito felizes quando eu vos disser a coisa maravilhosa que em breve vos irei relatar.»

A Sr.^a Slagg sorriu por momentos para si mesma, mas, imediatamente se sentiu um pouco nervosa, apesar do seu saber superior, e olhou

rapidamente, como um pássaro, para um e outro rosto. Erguera, muito orgulhosa, a sua cabeça insignificante e observara, o mais austeramente que pudera, um rapazinho que lhe parecia responder com um sorriso descarado. O cabelo caía-lhe por cima dos ombros e, enquanto sorria, via-se, entre os seus dentes, uma partícula dessa branca raiz condal.

Desviou o olhar e bateu energicamente as palmas, duas ou três vezes, como se para pedir silêncio, se bem que ninguém aí estivesse a fazer barulho. Então, sentiu de súbito que lhe apetecia estar de volta ao Castelo, no seu quartinho, e disse, antes mesmo de se dar conta: «Um pequenino Groan acaba de nascer, um menino. Um rapazinho do mesmo Sangue. É claro que sou eu quem se irá encarregar dele e queria, *sem mais demoras*, uma ama-de-leite para o alimentar. Tenho que arranjar uma que possa vir já comigo. Bem, parece que vos disse tudo o que tinha a dizer...»

As mulheres mais velhas olharam umas para as outras e começaram a dirigir-se para as habitações miseráveis. Entretanto, os homens reuniram-se em círculo e repetiram a palavra Gormenghast setenta e sete vezes. Enquanto a Sr.^a Slagg esperava, olhando para as crianças que tinham começado a brincar, uma mulher avençou. Contou à velha ama que o filho dela morrera algumas horas após o nascimento, há já alguns dias, mas que tinha forças suficientes e estava disposta a acompanhá-la. Ela teria talvez uns vinte anos, mas a trágica desintegração da sua beleza já se iniciara, se bem que nos olhos ainda mantivesse um certo brilho. Essa foi então buscar um cesto como se não esperasse qualquer recusa. A Ama Slagg estava a ponto de lhe fazer algumas perguntas, que ela achava necessárias, quando a Residente, pondo um frasco de vinho de abrunhos e alguns bolos no cesto, deu silenciosamente o braço à velha senhora, que se viu a andar, na sua companhia, em direcção à Grande Muralha. Ainda tentou olhar de alto a baixo para essa mulher, interrogando-se se teria feito a melhor escolha. Então, apercebendo-se de que nem sequer a escolhera, parou a meio caminho, examinando-a nervosamente, por cima do ombro.

KEDA

Os enormes cactos erguiam-se sem tom por entre as longas mesas. Os Residentes já tinham retomado os seus lugares. A Sr.^a Slagg já não os interessava. Não havia aí quaisquer sombras, excepto sob cada objecto. A Lua levantara-se. Era uma paisagem pintada com tonalidades prateadas. A companheira da velha ama tinha esperado junto dela, sem dizer palavra. Havia uma espécie de força no modo como andava e se mantinha calada. Com o seu traje escuro até aos tornozelos, vincado apenas na cintura por uma fita

vegetal, com as suas pernas nuas e pés descalços e a cabeça ainda a ressumar o pôr-do-sol do seu dia obscuro, parecia contrastar bastante com a Ama Slagg, com os seus passinhos rápidos, com o seu escuro vestido de cetim e luvas negras e o seu enorme chapéu com uvas de vidro. Antes de descerem essa pequena colina seca até ao arco que se abria na muralha, um súbito grito gutural, como o de alguém a ser estrangulado, gelou o sangue da velha senhora, que apertou mais o braço forte a seu lado e se agarrou muito a ele, como se fosse uma criança. Depois, voltou a olhar para as mesas. Estavam já demasiado longe para que ela as pudesse distinguir, com os seus olhos fracos, mas julgou ter visto figuras levantadas e alguém que se acorrava, como um animal que estivesse prestes a investir.

A companheira da Sr.^a Slagg parecia, depois de ter olhado casualmente na direção desse som, não prestar grande atenção a esse incidente, porém, agarrada firmemente à velha ama, continuava a impeli-la em direção ao portal de pedra.

«Não deve ser nada» foi o único comentário que a idosa ouviu. Por essa altura, já estavam ambas a andar pela álea de acácias e ela já se sentia mais descansada.

Quando estavam quase a abandonar esse longo caminho para entrarem na grande porta de Gormenghast — através da qual a ama saíra para o ar nocturno, de um modo tão sub-reptício, cerca de uma hora antes —, olhou para a sua companheira e, encolhendo um pouco os ombros, tentou assumir uma expressão de falsa importância.

«O teu nome... qual é o teu nome?» disse ela.

«Keda.»

«Pois bem, cara Keda, se me seguires, levar-te-ei até onde o menino se encontra. Eu própria to irei mostrar. Ele está perto da janela, no meu quarto.» A voz da velha ama adquiriu então um tom confidencial, quase patético: «Eu não tenho um quarto muito grande» disse ela, «mas sempre tive o mesmo, não gosto de nenhum dos outros» acrescentou, mentindo desse modo. «Assim, posso estar mais perto de *Lady Fuchsia*.»

«Talvez eu a possa ver» disse a rapariga, após um instante de silêncio.

A ama parou então de súbito, junto às escadas. «Isso é uma coisa que não *te posso* garantir. Ela é muito estranha. Acabo por nunca saber o que ela irá fazer a seguir...»

«Fazer?» perguntou Keda. «Que quer a senhora dizer com isso?»

«Acerca do pequenino Titus» acrescentou ela, com um olhar pensativo. «Não, não sei o que ela irá fazer. Ela pode ser um verdadeiro terror — a pessoa mais endiabrada deste Castelo...»

«Porque está a senhora com tanto medo?» perguntou Keda.

«Sei bem que ela irá odiá-lo. Ela gosta de ser a única, não sei se estás a ver... Gosta de sonhar que é a rainha e que, quando os outros morrerem, já não haverá ninguém a dizer-lhe o que deve fazer. Ela até disse, minha cara, que era capaz de deitar fogo a tudo, de incendiar Gormenghast, e que quando fosse ela a governar, viveria sozinha. Avisei-a de que eram pensamentos muito maus, mas ela disse-me que tudo era mau, absolutamente todas as coisas, excepto os rios, as nuvens e alguns coelhos. Olha que, por vezes, até me mete medo.»

Acabaram de subir os restantes degraus, percorreram um corredor e subiram mais um lanço de escadas, em silêncio, até ao segundo andar.

Ao chegarem ao quarto da idosa, esta pôs-lhe um dedo sobre os lábios e sorriu de um modo que seria impossível descrever. Era uma mistura de esperteza com um sentimentalismo à flor da pele. Depois de rodar o puxador, abriu a porta muito devagarinho e, inserindo o seu chapéu com as uvas de vidro através da pequena abertura, como se para anunciar a sua presença, seguiu-o com o resto do corpo.

Keda entrou no quarto. Os seus pés descalços não faziam qualquer barulho no chão. Quando a Sr.^a Slagg se aproximou do berço, levou os dedos aos lábios e debruçou-se sobre ele, como se sobre os recessos mais profundos de um mundo ainda por descobrir. Aí estava ele. O infante Titus. Tinha os olhos abertos mas estava muito sossegado. Aí estava o rosto enrugado de uma criança recém-nascida, velha como o mundo, sábia como as raízes das árvores. O pecado estaria aí, mas também a bondade, o amor, a piedade e o terror, e uma beleza serena, pois os seus olhos eram cor de violeta. As paixões da terra, os desgostos, os incongruentes e ridículos humores da terra — tudo isso estava implícito, contudo visível, nessa carinha desperta e torta.

A Ama Slagg, debruçando-se mais sobre ele, agitou um dedo arqueado por cima dos seus olhos. «Meu torrãozinho de açúcar» murmurou ela. «Como *pôde*, como *pôde*...»

Então voltou-se para Keda com uma nova expressão no rosto. «Achas que o devia ter deixado sozinho?» disse ela. «Quando te fui buscar, achas que o devia ter deixado sozinho?»

Keda olhou para Titus. Tinha lágrimas nos olhos enquanto observava a criança. Depois foi até à janela. Daí, podia ver as grandes muralhas que sustentavam Gormenghast. As muralhas que a isolavam do seu povo, como se quisessem manter bem longe a peste; as muralhas que a separavam do mau cheiro da terra árida para lá dos tugúrios de lama, onde o seu filho fora recentemente sepultado.

Penetrar nessas muralhas era já algo de muito excitante para quem vivia nesses casebres, algo que, normalmente, estava apenas confinado

ao dia das Esculturas de Cores Vivas, mas poder estar *dentro* do próprio Castelo era algo único. No entanto, Keda não parecia estar muito impressionada para se dar ao trabalho de fazer quaisquer perguntas à Sr.^a Slagg ou para olhar para tudo cheia de curiosidade. A pobre ama envelhecida achava que esse comportamento tinha um rasto de impertinência, mas não sabia se deveria ou não fazer quaisquer comentários acerca do assunto.

Titus, no entanto, roubara todas as atenções e em breve a indiferença de Keda foi esquecida, pois ele estava a começar a chorar e esse choro era cada vez mais forte, apesar de a velha ama ter começado a balançar um colar diante dos seus olhos tão estranhos, e a tentar cantar uma canção de embalar, do seu reportório já meio esquecido. Pegou nele ao colo, mas os seus gritos eram cada vez mais fortes. Os olhos de Keda ainda estavam fixos na muralha, mas de repente, desviando-se da janela, colocou-se atrás da Ama Slagg e, desviando da garganta o tecido castanho-escuro para libertar o seio esquerdo, pegou na criança para a amamentar. Não demorou muito até esse pequeno rosto estar colado a ela e os gritos e o choro terem acabado. Em seguida, ao sentar-se junto à janela, sentiu-se dominada por uma calma que lhe parecia surgir do centro do corpo. O leite do seu peito e as emoções do seu amor frustrado acumularam-se, assegurando assim a segurança da criança que agora ficaria ao seu cuidado.

«SANGUE LEGÍTIMO»

Titus, sob os cuidados da Ama Slagg e de Keda, ia-se desenvolvendo de hora a hora, na Ala Oeste. A sua cabecinha estranha tinha vindo a mudar de forma, cada dia, como geralmente acontece com a cabeça das crianças, até ter atingido as suas proporções. Tinha qualquer coisa de volumoso e de longo, que prometia desenvolver-se em algo de raro.

Na opinião da Sr.^a Slagg, os seus olhos absolutamente violeta compensavam qualquer estranheza no formato da cabeça e nas suas feições que, apesar de tudo, não eram nada de admirar num membro dessa família.

Mesmo desde o princípio, Titus tinha qualquer coisa de amoroso. É certo que o seu choro esganiçado podia ser quase insuportável, e a Sr.^a Slagg, que insistia em encarregar-se dele entre as refeições, era por vezes levada a um inquietante desespero.

Ao quarto dia, já todos lhe estavam a preparar a cerimónia do baptismo.

Tal solenidade tinha sempre lugar na tarde do décimo segundo dia, numa sala espaçosa e agradável do andar térreo, que, com as suas janelas salientes, dava para um renque de cedros e para um relvado muito bem apa-

rado que se inclinava até aos terraços de Gormenghast, onde a Condessa se passeava, ao nascer do dia, na companhia dos seus gatos brancos.

Essa sala era talvez a mais acolhedora e, ao mesmo tempo, a mais elegante do Castelo. Não havia aí sombras a pairarem aos cantos. O aspecto geral era de uma sossegada e agradável distinção e, quando o sol da tarde iluminava os relvados para lá das janelas, transformando-os numa carpete verde e dourada, a sala, com as suas cores refrescantes, tornava-se um local em que as pessoas se sentiam bem. Era, contudo, raramente usada.

A Condessa nunca aí entrava, preferindo as partes do Castelo onde as luzes e as sombras se moviam constantemente e em que não houvesse tanta claridade. Sabia-se que Lorde Sepulchrave gostava de a percorrer de alto a baixo, em raras ocasiões, e de olhar para os cedros no relvado, ao passar junto às janelas. Depois, tinha por hábito abandonar essa sala, por um mês ou dois, até que lhe voltasse a apetecer aí entrar.

A Ama Slagg só em algumas ocasiões se sentara nessa divisão, tricotando furtivamente, com um saco de papel cheio de lã, sentada à longa mesa de jantar, ao centro, com as costas altas e trabalhadas da cadeira a elevarem-se por cima dela. Em torno, sentia o espaço dessa sala amena e as outras mesas, com as suas jarras de flores de jardim que Pentecost, o jardineiro-mor, apanhara. No entanto, na maior parte dos casos, esse local estava vazio, semana após semana, excepto durante uma hora pela manhã, em que Pentecost vinha para arranjar as flores. Mesmo que ninguém aí entrasse, o jardineiro não permitia que se passasse um dia em que não mudasse a água das jarras, para as voltar a compor artisticamente e com gosto, pois ele nascera nos tugúrios de lama e tinha bem entranhado em si o amor e a compreensão pelos arranjos de cores, característicos dos artesãos das Estátuas de Cores Vivas.

Na manhã do baptizado, ele estivera lá fora, para apanhar flores para essas jarras. Os torreões de Gormenghast erguiam-se no nevoeiro matinal, bloqueando um amontoado de nuvens carregadas, mais a leste. Ao ficar por momentos nos relvados, Pentecost olhou para as enormes paredes de alvenaria e pôde discernir vagamente, por entre as sombras, as esculturas corroídas e as cabeças partidas de pedra cinzenta.

Os relvados, por baixo da muralha oeste onde ele se encontrava, estavam enegrecidos de orvalho, mas onde, junto ao tronco de um dos sete cedros, caía um pastoril raio de sol, formando um pequeno charco de luz, a relva húmida parecia cravejada de diamantes de todas as cores. O ar do início da manhã era frio e ele puxou mais para si a capa de couro que usava pela cabeça, como um monge. Esta era forte e maleável e fora tingida e escurificada por muitas tempestades e pelas gotas de chuva que escorriam das

árvores enluvadas de musgo. De uma corda, pendurada à cintura, pendia-lhe a tesoura de podar.

Por cima das torres, como uma asa arrancada a uma águia, uma nuvem solitária deslizava para norte, através do espaço que despertava por entre franzidos de sangue.

Por cima do jardineiro, os cedros, como grandes desenhos a carvão, logo começaram a expor as suas estruturas: as camadas de folhagem plana, crescendo fila após fila, com as margens debruadas pela luz do Sol.

Pentecost voltou as costas para o Castelo e começou a caminhar entre os cedros, deixando para trás nesse processo, sobre as brilhantes pinceladas de orvalho, pegadas escuras que se inclinavam para dentro. Enquanto caminhava, parecia que se estava a deslocar cada vez mais para o âmago da terra. Tratava-se de uma busca que se articulava verticalmente, como se soubesse o que era importante para ele. O que de facto compreendia e o que o interessava estava por baixo dele, por baixo do movimento lento dos seus pés. Estava na terra — era a terra.

Pentecost, com o seu hábito de couro, não era de grandes dimensões, e o seu modo de andar, ainda que repleto de sentido, tinha, no entanto, algo de ridículo. As pernas eram demasiado curtas em relação ao corpo, mas a sua cabeça, envelhecida e enrugada, albergava uma majestosa nobreza, devido à sua testa alta e sólida e ao seu nariz afilado.

Acerca de flores, tinha um conhecimento melhor do que o de qualquer botânico, ou do que o de um artista que se interessasse mais pelo crescimento do que pelo resultado final. Tinha um entusiasmo orgânico que encontrava a sua satisfação no ouro e no azul e não nas meras cores, nos padrões de qualquer coisa visível.

Como a mãe que não gostaria menos de um filho cujo rosto tivesse sido mutilado, assim era ele com as flores. Para tudo o que crescesse, contribuía ele com o seu conhecimento e amor, mas era às macieiras que se dedicava inteiramente.

Sobre a encosta norte de uma colina não muito alta, que descia gradualmente até um ribeiro, viam-se bem vivas as árvores do seu pomar, e cada uma possuía para ele uma personalidade própria.

Nos dias de Agosto, Fuchsia podia vê-lo, desde a janela do sótão, lá muito em baixo, de pé sobre um pequeno escadote; por vezes, quando os ramos estavam suficientemente carregados, observava-o pela relva, com o seu corpo longo de pernas curtas, e a capa sobre a sua bela cabeça, escondendo-lhe as feições. Embora parecesse diminuto desde essas alturas, ela podia vê-lo a polir as maçãs, até estas parecerem espelhos pendurados dos ramos. Inclinava-as mais para a terra, para as poder bafejar e, em seguida, com um pano de seda, puxava-lhes o lustro, até se ver um claro reflexo nas

suas cascas carmesins — mesmo da distância desse estranho lugar nessa varanda sombria.

Depois, desviava-se da árvore que tinha polido e começava a andar devagar em torno dela, contente pelo modo como se agrupavam os frutos, os ramos retorcidos e o tronco que a suportava.

Pentecost passou algum tempo nesse jardim murado, a cortar as flores para a sala onde se realizaria o batizado. Movia-se de um lado para o outro até se certificar e poder visualizar as jarras nesse local, tendo já decidido qual a cor mais apropriada para esse dia.

O Sol estava agora limpo de brumas, um disco brilhante elevava-se no céu como se tivesse sido arrastado por um fio invisível. Na Sala do Batismo ainda não havia luz, mas Pentecost entrou aí pelas janelas salientes, uma figura escura e desproporcionada com flores acesas nos braços.

Entretanto, o Castelo ou despertava ou já tinha acordado. Lorde Sepulchrave estava a tomar o pequeno-almoço com Sourdust no refeitório. A Sr.^a Slagg estava a arrumar uma série de lençóis que Fuchsia deixara todos enrolados a um canto escuro. Swelter tomava um copo de vinho na cama, que um dos seus aprendizes lhe trouxera, e estava apenas meio acordado, com o volume do seu corpo todo dobrado sobre si mesmo, de uma forma assustadora. Flay murmurava coisas para consigo, ao passear para lá e para cá, numa passagem cinzenta que parecia não ter fim, com as articulações dos joelhos a tiquetaquearem como um relógio a cada passo que dava. Rottcodd estava a espanejar a terceira escultura e a levantar nuvens de pó à medida que ia andando de um lado para o outro; e o Dr. Prunesquallor estava a cantarolar para si mesmo, enquanto fazia as suas abluções matinais. As paredes da sua casa de banho estavam cheias de diagramas anatómicos pintados sobre longos pergaminhos. Mesmo no banho usava óculos e, ao espreitar pela borda da banheira para agarrar um pedaço de sabonete, cantou para a obliquidade do seu peito, como se essa fosse a sua paixão.

Steerpike estava a ver-se ao espelho e a examinar um insípido bigode. Keda, no seu quarto da Ala Norte, estava a contemplar a luz do Sol, à medida que esta se ia movendo sobre os Bosques Contorcidos.

O Lorde Titus Groan, sem saber que o nascer desse dia anunciava a hora do seu batismo, ainda dormia profundamente. A sua cabeça descansava de lado, com o rosto quase tapado pela almofada e um dos seus pequenos punhos todo metido na boca. Tinha uma camisa de dormir amarela, estampada com estrelas azuis, e a luz, vinda das persianas semifechadas, iluminava-lhe o rosto.

A manhã continuava a avançar e havia uma grande quantidade de

movimento. A Ama estava quase louca de entusiasmo e, sem a ajuda silenciosa de Keda, teria sido incapaz de lidar com a situação.

O vestidinho da criança tinha que ser passado a ferro, os anéis e a pequena coroa com jóias tinha que ser retirada da arca de ferro na Sala de Armas. Só Shrattle tinha a chave e ele era surdo como uma porta.

O banho e o modo como a criança estaria vestida tinham que ser perfeitos e, com tanto que havia ainda a tratar, as horas passavam a correr para a Sr.^a Slagg. Eram já duas da tarde quando ela se deu conta de onde estava.

Keda tinha por fim descoberto Shrattle e tinha-o persuadido, através de uma série de sinais muito bem estudados, que havia um baptizado nessa tarde, que a coroa seria indispensável e que ela a traria de volta logo que a cerimónia terminasse. Também suavizara ou resolvera grande parte das dificuldades que faziam com que a Ama Slagg torcesse as mãos e abanasse a sua velha cabeça em sinal de desespero.

A tarde estava perfeita. Os grandes cedros erguiam-se magnificamente no ar parado. Os relevados tinham sido aparados e pareciam espelhos cor de esmeralda. As esculturas pelas paredes, que tinham sido devoradas pela noite e clareadas pela madrugada, estavam agora nítidas e livres no interior dessa claridade.

A própria Sala de Baptismo parecia fresca e clara, sem sinais de perturbação. Cheia de espaço e claridade, esperava pela entrada das personagens. As flores nas jarras tinham uma graça incrível. Pentecost escolhera o tom lavanda como nota dominante, mas, aqui e ali, uma flor branca parecia espelhar outra igual nos espaços atapetados de verde, e uma orquídea dourada ecoava uma outra.

Podia observar-se uma grande actividade em todos os recantos de Gormenghast, à medida que as três da tarde se aproximavam, mas essa sala fresca esperava num sereno silêncio. A única vida aí residia tão-só na garganta das flores.

De súbito, a porta abriu-se e Flay entrou. Envergava o seu fato longo e escuro, já roído pelas traças, mas, houvera uma tentativa da sua parte para se ver livre das nódoas e por aparar os fiapos dos punhos e das calças, de modo a tornar-se mais apresentável. Por sobre todos esses melhoramentos, tinha uma pesada corrente de latão ao pescoço. Numa mão, balançava numa salva uma taça com água. A dignidade da sala parecia fazê-lo sobressair como um espantalho, se bem que ele não se desse conta disso. Ajudara a vestir Lorde Sepulchrave e fizera uma rápida viagem, com essa taça para o baptizado, enquanto o Conde polia as unhas à janela, já completamente arranjado. Encher essa taça e colocá-la na mesa central dessa sala fresca era a sua única tarefa, até que a cerimónia se iniciasse. Colocando-a na mesa,

coçou sem cerimónia a parte detrás da cabeça e depois afundou as mãos nos bolsos das calças. Já se demorara muito nessa Sala Fresca. Não era um local que lhe despertasse grande interesse. Segundo lhe parecia, nem sequer era uma parte de Gormenghast. Com um gesto de desafio, esticou o queixo como se fosse uma peça de maquinaria e começou a passear em torno da sala, olhando malevolamente para as flores, quando ouviu uma voz por detrás da porta, uma voz espessa e tremendamente untuosa.

«Olá... quem está aí? Quem está aí? Cuidado com os pés, minhas pequenas ratazanas! Para *trás*, para *trás*, ou ainda vos faço em filetes!... Fiquem quietos, muito *quietos*! Que mal fiz eu a Deus para ter que lidar com gente desmiolada!?...»

O puxador rodou e a porta começou a abrir-se. O oposto de Flay surgiu então pela abertura. Durante algum tempo, ou assim lhe teria parecido. Só se via um grande volume de roupas enfunadas, para depois, finalmente, surgir por cima delas uma cabeça, onde os olhos, que aí se enterravam, olharam muito para ele.

Flay ficou muito hirto — se fosse possível que algo semelhante a uma tábua de teca ainda pudesse ficar mais hirto —, deixou descair a cabeça até ao nível das clavículas e levantou os ombros como um abutre. Os braços estavam completamente esticados, desde os ombros até aos punhos fechados e enterrados nos bolsos das calças.

Assim que Swelter viu de quem se tratava, ficou sem pinga de sangue e, pelo seu rosto, viram-se pequenas ondas de carne a tremer rapidamente, aqui e ali, até que, já determinadas a tornarem-se mais aderentes, se acalmaram nos dois oceanos dessas faces flácidas, deixando entre elas um vazio, um segmento ainda aberto, como num melão a que tivessem retirado uma fina fatia. Era horrível. Era como se a natureza tivesse perdido o controlo. Como se o sorriso, como conceito ou uma mera manifestação de prazer, tivesse sido um erro, pois no rosto de Swelter toda essa noção fora forçada.

Uma voz irrompeu então desse rosto: «Bem, bem, bem... Eu seja cego se não é o Sr. Flee, o único e incomparável Flee. Bem, bem, bem, aqui mesmo, na Sala Fresca. Com certeza entrou pelo buraco da fechadura, segundo me parece. Oh, minha Virgem Santa, se não é o próprio Sr. Flee...»

A linha na boca de Flay, sempre fina e dura, ficou ainda mais fina, como se tivesse sido rasgada por um estilete. Os seus olhos observaram de alto a baixo essa montanha branca, com o seu chapéu alto de cozinheiro, pois até esse desmazelado se vestira para a ocasião.

Se bem que Flay o tivesse evitado sempre que podia, encontros ocasionais como esse eram inevitáveis e, através de outros encontros ocasionais no passado, o idoso aprendera que essa enorme mansão de carne diante

dele, apesar de todos os seus defeitos, tinha uma queda para o sarcasmo, bem para lá dos limites da sua natureza taciturna. Assim, fora sempre a prática do Sr. Flay ignorar, sempre que possível, esse chefe de cozinha, como quem ignorasse um monte de dejectos à beira de uma estrada e, se bem que o seu orgulho tivesse sido ofendido pelo facto de o outro não ter pronunciado bem o seu nome e pela referência à sua magreza, Flay conseguira controlar a sua ira, ao caminhar para a porta, depois de ter observado o volume desse cozinheiro, e ao cuspir pelas janelas salientes, como se a tentar expelir um veneno do corpo. Embora tivesse aprendido, por experiência, a ser um indivíduo muito calado, cada palavra mordaz vinda de Swelter não cessava de aumentar um grande ódio que lhe ardia por baixo das costelas.

Quando o Sr. Flay começou a cuspir, Swelter tinha começado a recuar, como se estivesse muito assustado, com a cabeça muito enterrada nos ombros e uma expressão de falsa concentração. Olhara várias vezes para Flay e depois para a área para lá das janelas. «Bem, bem, bem» disse ele, com a mais provocadora das vozes que parecia desprender-se de um pão em massa — «bem, bem, bem — os seus feitos não param de me fascinar. Raios me partam! Nunca! Estamos sempre a aprender até morrer!» Voltando então as costas para Flay, vozeou ainda: «Que avancem e o façam depressa! Que o triunvirato avance!... As pequenas criaturas que se feriram em torno do meu coração... Que avancem e se tornem vistas...»

Na sala entraram então três rapazes que não teriam mais de doze anos. Cada um deles trazia uma bandeja carregada de acepipes.

«Sr. Flee, permita-me que lhos apresente» disse Swelter, à medida que os rapazes se aproximavam, os olhares assustados muito atentos à natureza precária das suas mercadorias. «Sr. Flee — Mestre Springers, Mestre Springers — Sr. Flee. Sr. Flee — Mestre Wrattle, Mestre Wrattle — Sr. Flee. Sr. Flee — Mestre Spurter, Mestre Spurter — Sr. Flee. Flee — Springers — Flee — Wrattle — Flee — Spurter — Flee!»

Isso fora dito com uma tal mistura de eloquência e de impertinência que o Sr. Flay fora levado a pensar que a coisa ultrapassara todos os limites. Que ele, o primeiro criado de Gormenghast — o confidente de Lorde Sepulchra —, tivesse sido apresentado aos miseráveis criadinhos de cozinha do Swelter era já levar as coisas demasiado longe e, ao passar pelo chefe, a caminho da porta (pois o Sr. Conde estava à sua espera), retirou a corrente que trazia ao peito, atirando as espessas cadeias de latão contra o rosto desse indivíduo sarcástico e inoportuno. Antes de Swelter se ter restabelecido, já o Sr. Flay estava a percorrer os corredores. O rosto do chefe de cozinha sofrera uma transformação. Todo o vasto material da sua cabeça se tornou, tal como barro sob a mão de um oleiro, numa bem exteriorizada manifestação de ódio. Escrito nele, em letras bem gordas, desenhava-se a

palavra *vingança*. Os olhos tinham parado quase instantaneamente de chispar, para se transformarem em pedaços de vidro.

Os três rapazes tinham distribuído os acepipes pela mesa, e, depois de terem deixado no centro essa simples taça de baptismo, encolhiam-se junto a uma das janelas salientes, desejosos mais do que nunca de correrem, de correrem como nunca o teriam feito antes, para a luz do Sol e através dos relvados, saltando os ribeiros e os campos, até estarem bem longe, bem distantes dessa presença branca com as marcas vermelhas e febris dessa corrente ainda marcadas no rosto.

O chefe de cozinha, com o seu ódio tão entranhado em relação a Flay, tinha-se esquecido deles e não descarregara nesses serviçais a sua ira. Esse seu ódio não era como o que se levantava de súbito, como uma tempestade, para depois se acalmar. Era, logo que se restabeleceu do choque inicial de dor e de ultraje, algo de calculado que ia alastrando friamente. O facto de três dos seus criaditos terem visto o patrão a ser humilhado não era algo, de momento, assim tão importante para Swelter, pois podia ver essa situação à luz das devidas proporções, das quais tais criaturas nem sequer faziam parte.

Sem uma palavra, foi até ao centro da sala. As suas mãos gordas voltaram a arranjar frouxamente alguns dos pratos em cima da mesa. Depois dirigiu-se até um espelho que estava pendurando por cima de uma jarra de flores, para examinar com mais vagar as mazelas que ainda lhe doíam. Reparando nos três rapazes, ao voltar a cabeça para se observar melhor nesse espelho, pois apenas conseguia ver segmentos da mesma de cada vez, fez-lhes sinal para saírem. Não tardou muito a segui-los, dirigindo-se para a sua área por cima das padarias.

Por essa altura, já eram horas para que tudo se iniciasse. As pessoas convidadas começaram então a sair dos seus vários aposentos, cada uma delas com o seu modo de andar particular. Com os seus olhos peculiares, narizes, bocas, cabelo, pensamentos e sentimentos. Muito contidos, estavam imensamente concentrados enquanto caminhavam, como um vaso que contivesse um vinho especial, seco ou doce. Essas sete pessoas fecharam então as portas atrás delas, eram tremendamente *elas mesmas*, ao dirigirem-se até à Sala Fresca.

Havia nesse Castelo duas senhoras que, se bem que raramente vistas, tinham o sangue dos Groan e que, sempre que se tratava de uma cerimónia de família como aquela, eram, como é óbvio, convidadas. Tratava-se das Senhoras Cora e Clarice, cunhadas de *Lady* Gertrud, irmãs de Sepulchrave e ambas gémeas. Viviam nuns aposentos da Ala Sul e compartilhavam de uma paixão obsessiva por se lamentarem acerca das ironias de um destino, segundo o qual não podiam ter qualquer palavra a dizer no que respeitasse

aos assuntos de Gormenghast. Estas duas, tal como os outros, iam já a caminho da Sala Fresca.

A tradição, desempenhando o seu papel vazio de qualquer remorso, tinha forçado Swelter e Flay a voltarem para essa sala, para esperarem os primeiros convidados, mas, felizmente, alguém aí chegara antes deles, Sourdust, com o seu trajo de serapilheira. Ficou por detrás da mesa, com o livro aberto à frente dele. Igualmente à sua frente, a taça com água, em torno da qual Swelter exibira os exemplos da sua arte, estava pousada em salvas de ouro, rodeada de cálices do mesmo metal, que brilhavam à luz do Sol.

Swelter, que conseguira disfarçar os vergões que tinha na cara, com a ajuda de uma mistura de mel e de farinha, colocou-se no seu lugar, à esquerda do bibliotecário, sobre cuja figura se agigantava como um galeão enalhado numa escarpa. Em volta do pescoço também tinha uma corrente cerimonial, semelhante à de Flay, que aparecera logo alguns instantes depois. Este entrou pela sala, sem mesmo olhar para o cozinheiro, e colocou-se do outro lado de Sourdust, equilibrando assim de um ponto de vista artístico, quicá racional, todas as componentes desse quadro.

Tudo estava pronto. Os participantes nessa cerimónia iriam chegar um a um, sendo os menos importantes os primeiros a entrarem, até que o penúltimo convidado, a Condessa, arrastasse consigo alguém que já fazia parte da mobília, a Ama Slagg, que iria trazer nos braços esse ser predestinado — o Futuro dessa Linhagem. Era como se esse pequeno ser, quase sem peso, fosse Gormenghast, um Groan de puro sangue — Titus, o Septuagésimo Sétimo.

«ASSEMBLEIA»

O primeiro a chegar foi o forasteiro, esse indivíduo sem origens nobres que, dado o serviço que prestava à família, era honrado com uma certa igualdade artificial de estatuto, pronta a ser posta em causa a qualquer altura: o Dr. Prunesquallor.

Este entrou abanando as mãos perfeitas, aproximando-se aos saltinhos até à mesa, e esfregou-as ao nível do queixo, de um modo rápido e animado, enquanto o seu olhar se estendia pelo que via diante dele.

«Caríssimo Swelter, ah, ah, ah, será que lhe posso dar os meus parabéns, ah, ah, como um médico que sabe algo acerca de estômagos, ah, ah, meu caro Swelter, algo que tem que ver com estômagos?... E não só, também acerca de paladares, de línguas, e da membrana, meu caro senhor, que cobre o céu-da-boca... E também não apenas acerca desta,

mas das extremidades sensíveis dos nervos que lhe posso assegurar, com toda a certeza, estarem a vibrar, meu caro e excelentíssimo Swelter, só de anteciparem entrar em contacto com estas raridades de aspecto positivamente delicioso, que sem dúvida teria cozinhado num ápice, ah, ah, muito provavelmente, diria eu, mesmo muito, ah, ah, sim, na melhor das probabilidades...»

O Dr. Prunesquallor sorriu, exibindo duas filas de novas pedras tumulares entre os lábios e, esticando a sua bela mão branca, com o dedo mindinho espetado e arqueado, pegou num bolo cor de esmeralda, com um monte de creme em cima, e retirou-o de uma travessa dessas trivialidades, com tal desenvoltura, que parecia estar muito à vontade, na sua sala de dissecação, a remover um órgão qualquer a uma rã. Porém, antes de o levar à boca, uma espécie de som reprovador fê-lo parar. Vinha de Sourdust e fez com que o médico voltasse a colocar o bolo na travessa, ainda com mais destreza do que quando o retirara. Tinha-se esquecido, nesse momento, ou pretendia ter-se esquecido, do modo como Sourdust era um fanático no que dizia respeito à etiqueta. Ninguém poderia começar a comer antes de a Condessa ter entrado na sala.

«Ah, ah, ah, ah, ah, ainda bem que me avisou, Sr. Sourdust... foi muito simpático da sua parte» disse o médico, piscando o olho a Swelter. A imagem muito aumentada dos seus olhos dava a tal familiaridade um tom desagradável muito peculiar. «De facto, fez muito bem. Mas é este nosso Swelter que nos provoca, com os seus irresistíveis pedacinhos de paraíso... Ah, ah, é como se nos transformasse em bárbaros. Não é isso o que o senhor faz, Swelter? Transforma-nos em bárbaros, ah, ah, não é verdade? Positivamente, é isso mesmo que acaba por fazer...»

Swelter, que não estava com disposição para esse tipo de brincadeiras, e que, em todo o caso, preferia manter a compostura, não fosse perder algum discurso eloquente, limitou-se a tremer tristemente com a boca e continuou a olhar para fora da janela. Sourdust estava a seguir com o dedo e a reler uma linha num dos seus livros. Flay era uma efigie de madeira.

Porém, nada parecia fazer descer o barómetro do Dr. Prunesquallor. Depois de ter olhado de rosto em rosto, começou a examinar as suas unhas, uma a uma, com um interesse ridículo. Então, desviando-se dessa tarefa, após ter completado o exame pormenorizado da décima unha, dirigiu-se até à janela, um acto incongruentemente grotesco para alguém da sua idade e, encostando-se numa pose forçadamente elegante contra o caixilho da janela, fez um gesto muito efeminado e característico com a mão esquerda, de que ele tanto parecia gostar, juntando o indicador ao polegar e formando um «O», enquanto os outros três dedos se arqueavam em pequenas letras «C» de tamanho decrescente. O seu cotovelo, muito dobrado, mantinha-

-lhe a mão a cerca de trinta centímetros do corpo, ao nível da flor que trazia na lapela. Com o peito estreito, como um tubo negro, pois ele estava vestido com um tecido da cor da morte, deu uma série de irritantes risadinhas, que apenas poderão ser transcritas como «ah, ah, ah» mas cujo som agudo parecia arranhar as paredes interiores do crânio de todos os presentes.

«Os cedros» disse o médico, tentando observá-los diante de si, com a cabeça de lado e os olhos semicerrados, «são árvores excelentes. Muito, muito excelentes. Eu adoro os cedros, mas será que eles gostam de mim? Ah, ah... Será que gostam, meu caro Sr. Flay? Ou estou a dizer-lhe coisas muito complicadas? Será que esta minha filosofia é muito difícil para si?... Pois eu gosto muito de um cedro, mas este, ah, ah, até pode nem gostar de mim... Assim, tenho que estar sempre numa posição de compromisso, sendo ignorado, se assim se pode dizer, pelo mundo vegetal, que seria capaz de nem pensar duas vezes, repare bem meu caro senhor, que nem pensaria duas vezes em ignorar um carro cheio de palha húmida, ah, ah, ou, antes pelo contrário...»

Mas aí as reflexões do Dr. Prunesquallor foram interrompidas pela chegada dos primeiros membros da família: as irmãs gémeas, as Senhoras Cora e Clarice. Abriram a porta muito devagar e inspeccionaram o recinto antes de entrarem. Já há vários meses que não se aventuravam fora dos seus aposentos e desconfiavam de tudo e de todos.

O Dr. Prunesquallor desviou-se da janela e veio logo ter com elas. «Minhas Senhoras, será que perdoam, ah, ah, a ousadia de vos receber na que é, ah, ah, apesar de tudo, mais a vossa sala do que a minha, ah, ah, ah, mas que, no entanto, tenho razões para o suspeitar, um pouco estranha para vocês, se é que poderei ser assim tão directo... tão absurdamente indiscreto, de facto...»

«É o médico, minha cara» murmurou *Lady Cora* para a sua irmã gémea, interrompendo o Dr. Prunesquallor.

Lady Clarice limitou-se a olhar muito para esse cavalheiro magro, ainda que qualquer pessoa, excepto ele mesmo, se tivesse logo desviado e fugido.

«Bem sei que é» disse ela por fim. «Mas que problema tem ele nos olhos?»

«Deve ter com certeza alguma doença, creio eu. Então não sabias?» respondeu *Lady Cora*.

Ela e a irmã estavam vestidas de roxo, com fivelas de ouro sobre as gargantas, em jeito de medalhões, e também fivelas semelhantes na ponta dos alfinetes de chapéu que elas usavam sobre cabelos cinzentos, para que tais adornos condissessem uns com os outros. Os seus rostos eram revoltantemente idênticos e quase sem qualquer expressão, como se fossem

alicerces para caras, à espera de uma licença para acabarem de ser construídos.

«Que está o senhor a fazer aqui?» perguntou Cora, olhando inumanamente para o médico.

O Dr. Prunesquallor inclinou-se um pouco mais para ela, mostrando os dentes. Depois, juntou as mãos. «Sou uma pessoa com esse privilégio» disse ele. «Creia que sou, creia que sou mesmo...»

«Porquê?» perguntou *Lady Clarice*. A sua voz era de tal modo uma réplica da de sua irmã, que quase poderíamos supor que as cordas vocais de ambas teriam sido feitas a partir das mesmas tiras de tripas, numa região obscura onde tais elementos pudessem ter sido montados.

As irmãs estavam agora de pé, cada uma de um dos lados do médico, e olhavam muito para ele, com uma expressão vazia que o obrigava a voltar o olhar à pressa para o tecto, pois já tentara mudá-lo, de uma para outra, por uma questão de alívio. Por contraste, esse tecto branco parecia encher-se de interesse e ele mantinha os olhos bem fixos nele.

«Minhas Senhoras» disse ele, «será que desconhecem a importância do meu papel na vida social de Gormenghast? Digo vida social, mas quem, ah, ah, ah, quem poderia contradizer-me se eu dissesse que se tratava de bem mais do que da vida *social*, ah, ah, ah... Positivamente, minhas caríssimas Senhoras, é a vida orgânica deste Castelo que eu alimento e controlo, ah, ah, na medida em que, especializado como sou, indiscutivelmente, nessa ciência que... e na outra, ah, ah, ah, relacionada com todas as coisas da anatomia, dos pés à cabeça. Eu, como parte do meu trabalho neste local, entrego as novas gerações às mais velhas — os que não têm pecado aos pecadores, ah, ah, ah, os que não têm mácula aos que estão já maculados... Oh, meu Deus, os que são brancos aos que estão negros, os saudáveis aos que estão doentes... É esta cerimónia hoje, minhas caríssimas senhoras, é o resultado da minha destreza, ah, ah, ah, por ocasião do nascimento de um novo Groan.»

«Que disse?» perguntou-lhe *Lady Clarice*, que estivera a olhar para ele, durante todo esse tempo, sem mexer um músculo.

O Dr. Prunesquallor fechou os olhos e manteve-os assim durante um longo período. Em seguida, abriu-os e deu um passo em frente, respirando tão fundo quanto o seu peito estreito o permitia. Depois, voltando-se de súbito, espetou um dedo na direcção de ambas as irmãs vestidas de roxo.

«Minhas Senhoras» disse ele, «terão que saber *escutar*. Nunca poderão avançar na vida se não souberem *escutar*.»

«Avançar na vida?...» disse logo *Lady Cora* «Avançar na vida?... Olhe que gosto disso. Mas quais serão as nossas oportunidades quando a

Gertrud tem o que, por direito, nos deveria pertencer?»

«E isso o que é, minhas caríssimas Senhoras?» inquiriu o Dr. Prunesquallor, inclinando para elas a cabeça.

«Poder» responderam elas sem expressão e em simultâneo, como se tivessem ensaiado essa resposta. A total ausência de tom nas suas vozes contrastava tão violentamente com o teor do assunto que até o próprio Dr. Prunesquallor ficou, por momentos, sem saber o que dizer, desapertando o colarinho gomado em volta da garganta, com o seu dedo indicador.

«Poder é tudo o que nós queremos» repetiu *Lady* Clarice. «Gostaríamos de o ter.»

«Sim, é isso mesmo o que queremos» ecoou Cora, «muito poder. Assim já poderíamos obrigar as pessoas a fazerem certas coisas» acrescentou.

«Mas Gertrud detém todo o poder» era mais uma vez um eco, «que nos deveria pertencer por direito, mas não é nosso.»

Então olharam muito para Swelter e, por sua vez, para Sourdust e para Flay.

«Será que *elas* têm mesmo que estar aqui?» perguntou Cora, apontando-os, antes de ambas voltarem novamente os olhares para o médico, que já recorrera ao seu stratagem de observar o tecto. Mas, antes mesmo que ele pudesse responder, a porta abriu-se e Fuchsia entrou, vestida de branco.

Já se tinham passado doze dias desde que ela descobrira que já não era filha única. Recusara-se sistematicamente a ver o irmão e, nessa ocasião, pela primeira vez, via-se obrigada a estar junto dele. O seu desespero inicial, que ela mesma mal poderia explicar, transformara-se numa ressentida aceitação. Por que possível motivo, não o sabia, mas o seu desgosto fora bem real. Ela própria não tinha a consciência do que, efectivamente, lamentava.

A Sr.^a Slagg não tivera tempo para ajudar Fuchsia a tornar-se mais apresentável. Apenas se limitara a sugerir-lhe que se penteasse e vestisse um vestido branco, mas *só à última da hora*, para não o amachucar. Depois dissera-lhe para aparecer na Sala Fresca, dois minutos depois das três.

A luz do Sol nos relvados e as flores nos vasos e a própria sala tinham parecido bons augúrios para essa tarde, antes da entrada dos dois criados e do lamentável incidente que ocorrera. Essa violência tingira de amargura as horas que se sucederam.

Fuchsia entrou com os olhos vermelhos de choro. Fez uma desajeitada vénia diante dos primos de sua mãe, para depois se sentar num canto distante, mas quase se viu obrigada a levantar-se de pronto, pois o pai, seguido de perto pela Condessa, entrou e caminhou com passos lentos até ao centro da sala.

Sem qualquer palavra de aviso, Sourdust bateu com os nós dos dedos sobre o tampo da mesa e gritou com a sua velha voz: «Estamos aqui todos excepto ele, para quem esta reunião foi organizada. Estamos todos aqui menos aquele por quem todos nós aqui viemos hoje. Ponham-se nas vossas posições diante da mesa do seu baptismo, como se o quisessem servir, enquanto eu anuncio a entrada da Vida e do herdeiro de Groan, esse espelho de Gormenghast, sob a forma de recém-nascido.»

Sourdust tossiu de forma doentia e pôs uma mão no peito. Depois olhou para o livro, indicando com o dedo uma outra linha. Em seguida, cambaleou em torno da mesa, com a sua barba cinzenta e branca cheia de nós, a balançar de um lado para o outro, colocando nos lugares indicados as cinco pessoas, até estas formarem um semicírculo em volta da mesa, todos de costas para a janela. No centro estavam a Condessa e o Lorde Sepulchreve. Fuchsia estava à esquerda do pai e o Dr. Prunesquallor do lado direito de *Lady* Groan, mas um pouco mais desviado desse semicírculo. As irmãs gémeas tinham sido separadas, cada uma delas estava agora na extremidade desse arco. Flay e Swelter estavam alguns passos mais atrás, de pé e muito parados. Flay mordiscava os nós dos dedos.

Sourdust retomou a posição que era só sua, por detrás da mesa, e tinha adquirido de momento um aspecto mais impressionante, nesse momento em que nem o alcantilado Flay nem o montanhoso Swelter lhe diminuam, por comparação, a estatura física. Levantou mais uma vez a voz mas era-lhe difícil falar, pois sentia-a embargada devido à solenidade do seu ofício. Como um homem sábio, na tradição dos Groan, sabia-se espiritualmente responsável pelo corrente procedimento. Momentos como aqueles eram apogeu no ciclo ritualista da sua vida.

«Os sóis e as mudanças nas luas sazonais; as folhas das árvores que não conseguem manter as folhas e os peixes das águas oliváceas têm as suas vozes!»

Tinha as mãos postas, como se estivesse a rezar, e a sua cabeça enrugada aparecia surpreendentemente desenhada contra a luz clara da sala. A voz aumentou então de tom.

«As pedras têm as suas vozes tal como as penas dos pássaros; a ira dos espinhos, os espíritos feridos, as armações dos veados, as costelas que se encurvam, o pão, as lágrimas e as agulhas. Os pesados pedregulhos e o silêncio dos frios paus — têm as suas vozes — as nuvens insurgentes, os galispos e os vermes.»

Sourdust inclinou-se mais sobre o livro, encontrou a linha com o dedo e depois mudou de página.

«Vozes que trituram a noite vindas de pulmões de granito. Os pulmões de ar azul e os pulmões brancos dos rios. Todas essas vozes assom-

bram os momentos de todos os dias; todas essas vozes preenchem as fendas de todas as regiões. Vozes que ele ouvirá, quando escutar, e quando os seus ouvidos estiverem atentos a Gormenghast, cujo falar será o infinito dos infinitos. Este é o som ancestral que ele terá que continuar, a voz das pedras amontoadas em torreões cinzentos até que ele morra entre a torre-mortal dos Groan. E estandartes serão arrancados então de ameias e paredes, e ele será levado para a Torre das Torres para fazer entre os despojos dos seus antepassados.»

«Ainda falta muito?» perguntou a Condessa. Ela tinha estado a ouvir tudo com menos atenção do que esse momento solene pudesse exigir, enquanto alimentava com migalhas, que ia tirando do bolso, um pássaro cinzento que tinha no ombro.

Sourdust levantou os olhos do livro e, após tal pergunta, olhou para a Senhora. O seu olhar enevoou-se pois estava contristado devido à irritação na voz dela.

«O mundo ancestral do décimo segundo lorde está completo, Sr.^a Condessa» disse ele, de olhos ainda no livro.

«Pois bem» disse *Lady* Groan. «E que mais?»

«Creio que nos deveremos voltar agora e olhar para o jardim» observou Clarice, vagamente, «não é Cora? Ainda te lembras quando trouxeram até à sala *Lady* Fuchsia? Voltámo-nos todos e olhámos para o jardim através da janela. Tenho a certeza de que foi isso que fizemos, há muito tempo.»

«E onde têm estado desde então?» perguntou *Lady* Groan, interpellando de súbito as suas cunhadas e olhando intensamente para cada uma delas. O seu cabelo de um ruivo-escuro começava a cair-lhe sobre o pescoço, e o pássaro arranhara com as patas as pregas na negrura cor de tinta do seu vestido de veludo, de modo que este parecia amarrotado e cinzento em torno dos seus ombros.

«Temos estado sempre na Ala Sul, Gertrud» disse Cora.

«É aí mesmo que temos estado» disse Clarice. «Sempre na Ala Sul.»

Lady Groan lançou um olhar amoroso na direcção do seu ombro esquerdo e o pássaro cinzento, que até então aí estivera, com a cabeça por baixo da asa, deu três passadinhas para lhe ficar mais perto da garganta. Depois ela voltou a olhar para as cunhadas. «E a fazerem o quê?» perguntou.

«A pensar» disseram as gémeas em unísono, «foi isso que estivemos a fazer, a pensar profundamente.»

Uma gargalhada alta e incontrolada irrompeu alguns passos atrás da Condessa. O Dr. Prunesquallor acabara de perder a compostura. A altura não seria apropriada para vincar a sua presença. Ele estava apenas aí por

um mero consentimento tácito. Porém, uma batida forte sobre a mesa veio salvá-lo e todas as atenções se voltaram para Sourdust.

«Meu Senhor» disse ele, lentamente, «como septuagésimo sexto Conde de Groan e Lorde de Gormenghast, está escrito nas leis que se deverá dirigir agora para a porta da Sala de Baptismo para chamar o seu filho através do corredor vazio.»

Lorde Sepulchrave que, tal como a filha a seu lado, estivera até esse momento perfeitamente imóvel e calado, de olhos melancólicos postos no colete sujo do seu criado Flay, que mal conseguia ver do outro lado da mesa, voltou-se para a porta e tossiu para aclarar a garganta.

A Condessa seguiu-o com o olhar, mas a sua expressão era demasiado vaga para que a pudéssemos entender. As gémeas seguiram-no com o rosto — duas áreas de carne em tudo idênticas. Fuchsia estava a chupar os nós dos dedos e parecia ser a única pessoa na sala que não estava interessada nas acções do pai. Flay e Swelter, contudo, tinham também os olhos postos nele, pois embora ainda estivessem a pensar na violência que ocorrera há cerca de meia hora, eram de tal modo parte do ritual dos Groan que seguiam o mais pequeno movimento do Senhor com uma espécie de enfadada fascinação.

Sourdust, ansioso por poder testemunhar um perfeito instante nesse procedimento tradicional, estava a torcer a barba branca e preta, no que sem dúvida resultariam inextrincáveis nós. Debruçou-se sobre a taça de baptismo, com as mãos nessa mesa de refeições.

Entretanto, escondida atrás de uma esquina do corredor, a Ama Slagg, com Titus nos braços, estava a ser acalmada por Keda, enquanto esperava que a chamassem.

«Deixe estar, Sr.^a Slagg, não se apoquente, que tudo irá acabar em breve» disse Keda para essa pequena coisa trémula que estava vestida com o seu mais brilhante fato de cetim verde-escuro, e sobre cuja cabeça o chapéu com as uvas surgia em desproporção com o seu franzino rosto.

«Está bem, está...» disse a Ama Slagg, com uma voz fina e sumida. «Se ao menos soubesses o que é estar numa posição de honra como esta, minha pobre querida! Não te atreverias a tentar acalmar-me. De facto, nunca tive que lidar com tanta ignorância. Porque está ele a demorar-se tanto? Não será já altura para me chamar? E esta coisinha preciosa, tão caladinha e bem comportada, mas que não tarda irá começar a chorar... Oh, minha querida, porque estará ele a levar tanto tempo? Escova-me outra vez o vestido.»

Keda, a quem fora ordenado que trouxesse uma escova macia com ela, ter-lhe-ia estado a escovar o vestido, praticamente toda a manhã, se lhe tivesse dado ouvidos. Mas fora-lhe pedido, através de um gesto irritado

da Sr.^a Slagg, que o voltasse a escovar. Foi o que ela fez, para satisfazer a idosa.

Titus olhava, com os seus olhos violetas, para o rosto de Keda, com as suas pequenas e grotescas feições alteradas por essa luz mortiça, junto à esquina do corredor. No rosto, lia-se-lhe a história da humanidade. Um fragmento do enorme rochedo do Homem. Uma folha vinda da floresta da paixão, da dor e do conhecimento humanos. Era essa a ancestralidade de Titus.

A face da ama estava envelhecida, flácida e cheia de rugas, com olhos de contornos avermelhados e pregas ao canto da boca — uma velhice anatómica, vazia.

O envelhecimento de Keda era o trabalho do destino, uma alquimia. Uma idade oculta. Uma escuridão transparente. Um pomar destruído e misterioso. Uma tragédia, uma glória, uma ruína...

Esses três seres apagados esperavam, junto à escuridão dessa esquina. A Ama Slagg tinha sessenta e nove anos, Keda vinte e dois e Titus apenas doze dias.

Lord Sepulchrave já aclarara a garganta. Só depois gritou:
«Tragam o meu filho.»

TITUS É BAPTIZADO

A voz dele ecoou pelo corredor até dobrar a esquina de pedra e, logo que ouviu o ruído dos passos excitados da Sr.^a Slagg, continuou com essa parte do procedimento que Sourdust lhe viera a recitar, há já três dias seguidos, durante o pequeno-almoço.

Idealmente, o tempo de que dispunha para completar o seu discurso deveria coincidir com o tempo que a Ama Slagg, desde essa esquina escurecida, demoraria até chegar à Sala Fresca

«Herdeiro dos poderes que detenho» disse a sua voz melancólica junto à ombreira da porta, «continuador do sangue e da linhagem das pedras, impetuosa corrente de um rio sem fim, aproxima-te de mim agora. Eu, um simples elo na cadeia dinástica, conjuro-te para que avances, como um pássaro branco por férreos céus, através de muros de solenes nuvens. Aproxima-te agora da taça, onde, nomeado e celebrado, serás consagrado em Gormenghast. Filho meu! Sê bem-vindo!»

Infelizmente, a ama, que tropeçara numa laje solta do chão, a três metros desse «Sê bem-vindo», e Sourdust, cuja sólida testa se perlava já de algumas gotas de suor, pareceram sentir de súbito esses três longos segundos a passarem, com uma sombria lentidão, antes de a idosa ter surgido à porta da sala. Mesmo antes de ela ter abandonado a esquina, Keda coloca-

ra, com muito cuidado, a pequena coroa de ferro na cabeça da criança, para grande satisfação da ama, e as duas, ao aparecerem perante essa assembleia, acabaram por compensar esses três segundos de atraso, através de uma in-creditável presença em perfeita harmonia com a situação.

Sourdust ficou satisfeito quando as viu, e o atraso que as detivera em breve foi esquecido. Aproximou-se da Sr.^a Slagg com esse enorme livro por baixo do braço e, quando chegou perto dela, abriu esse tomo perfeitamente a meio. Depois, estendendo esse livro na direcção da velha ama, disse:

«Está escrito, e o que assim está sempre será seguido, que entre estas páginas em que o linho é sabedoria, o primogénito da Casa de Groan deverá ser deitado ao comprido, com a cabeça na direcção da taça de baptismo, e que as páginas onde pesam as palavras deverão ser encurvadas e colocadas sobre ele, para que ele seja coberto por esse texto de folhas ressequidas, rodeado pelo Profundo, para que se torne uno com a Lei inviolável.»

A Ama Slagg com uma estúpida expressão de importância espelhada no rosto, baixou Titus até ao obtuso «V» do livro entreaberto, de modo que a coroa na sua cabeça saltava para além da lombada do volume e ficava voltada para Sourdust, permanecendo os pés da criança voltados para a ama.

Em seguida, Lorde Sepulchrove dobrou duas páginas por cima desse corpo indefeso, prendendo ao centro esse tubo de espesso pergaminho com um alfinete-de-ama.

Deitado contra a lombada desse tomo, com os seus pés diminutos a saírem desse tronco de papel e as pontas salientes da coroa espetadas do outro lado, ele era para Sourdust a quintessência do proprietário tradicional. Tanto assim que, ao levar o livro para a mesa de jantar, os seus olhos se encheram de tantas lágrimas de satisfação que lhe era difícil abrir caminho entre as mesas mais pequenas e os dois vasos de flores que, muito parados e nítidos no ar fresco da sala, se reflectiam nos seus olhos, numa névoa lilás de neve desfocada.

Não os podia esfregar para desimpedir a vista, pois as mãos estavam ocupadas, de modo que teve que esperar até que estes se libertassem por si da humidade que os cobria.

Fuchsia, apesar de saber que deveria ter ficado onde estava, juntou-se à Ama Slagg. Ficara irritada com a tentativa, por parte de Clarice, de a acotovelar de um modo furtivo, sem que ninguém se desse conta.

«Nunca me vens ver, embora sejas da família, mas isso é porque não quero que venhas e nunca to pedi» dissera-lhe a tia. Depois, esta olhara em volta, para ver se alguém estava de olhos nela e, reparando que Gertrud estava numa espécie de transe hipnótico, continuou:

«Não sei se estás a ver, minha menina, mas eu e a minha irmã Cora

somos mais velhas do que tu e ambas tivemos convulsões quando tínhamos mais ou menos a tua idade. Já deverias ter reparado na rigidez dos nossos braços esquerdos, bem como na das nossas pernas do mesmo lado. Isso não é por culpa nossa.»

A voz da irmã surgiu então do outro lado desse semicírculo de figuras, num murmúrio neutro e enrouquecido, como se estivesse a tentar encontrar os ouvidos de Fuchsia, sem contudo passar pela fileira de orelhas que se encontravam entre ambas. «Não é de modo nenhum culpa nossa» disse ela, «nem por sombras. Olha que não é mesmo...»

«Os ataques epiléticos, minha querida» continuava Cora, depois de ter acenado com a cabeça, em sinal de concordância com o que a irmã dissera, «deixaram-nos um pouco transidas do lado esquerdo. Praticamente transidas. Tínhamos esses ataques, não sei se estás a ver...»

«Quando tínhamos mais ou menos a tua idade» comentou um eco vazio.

«Sim, mais ou menos a tua idade» disse Cora, «e, estando praticamente transidas do lado direito, vemo-nos obrigadas a fazer as nossas tapeçarias bordadas apenas com uma mão.»

«Só com uma mão» observou Clarice. «Temos que recorrer a certos estratagemas, mas ninguém nos vê.»

Debruçou-se um pouco mais, ao introduzir esse comentário forçado nos ouvidos de Fuchsia, como se todo o futuro de Gormenghast dependesse do mesmo.

A rapariga estava inquieta, encaracolando desesperadamente o cabelo nos dedos.

«Não faças isso» disse Cora. «O teu cabelo é demasiado negro, não faças isso.»

«Demasiado negro» era ainda o eco.

«Especialmente quando o teu vestido é tão branco.»

Cora debruçou-se ainda mais, de modo que o seu rosto estava a escassos centímetros do de Fuchsia. Em seguida, de olhos desviados, mas com a cara quase colada à da sobrinha, comentou: «*Não gostamos* da tua mãe.»

A moça ficou espantada. Depois ouviu a mesma voz vinda do outro lado: «*Não gostamos mesmo nada.*»

Fuchsia voltou-se subitamente, abanando a sua cabeleira cor de tinta negra. Cora desobedecera a todas as regras e, incapaz de se manter longe dessa conversa, tinha avançado, como uma sonâmbula por detrás desse grupo escuro, mantendo sempre um olho no volume de veludo negro da Condessa.

Porém, estava condenada a permanecer desapontada, pois, assim

que aí chegou, Fuchsia, elevando violentamente os olhos, encarou a Sr.^a Slagg, desviando-se das suas tias, para ver a cerimónia que se desenrolava na mesa, em que Sourdust ainda mantinha o seu irmão entre as folhas de um livro. Logo que a ama deixou de ter a criança ao colo, a rapariga foi logo ter com ela, agarrando-lhe o magro braço de cetim verde. Sourdust aproximava-se agora da mesa, seguido por Lorde Sepulchrave, e voltara a retomar a sua pose inicial. Contudo, o seu agrado pelo modo como as coisas se iam desenrolando foi bruscamente interrompido quando os olhos, já limpos de névoas, não se depararam com esse círculo cerimonial, mas com uma sala onde as pessoas estavam dispersas. Ficou chocado. Os únicos indivíduos que ainda estavam nos seus lugares eram a Condessa que, não por uma questão de obediência mas devido a uma espécie de coma, continuava na mesma posição, e o marido que voltara para o seu lado. Sourdust oscilava em volta da mesa, ainda com o livro cheio. Cora e Clarice estavam lado a lado, de corpos voltados uma da outra, mas com os olhares na direcção de Fuchsia. Esta e a Sr.^a Slagg tinham-se aproximado de Prunesquallor que, em bicos de pés, estava a observar o estame de uma flor branca numa jarra, através dos óculos de lentes grossas e muito graduadas que ele retirara do bolso. Não havia necessidade nenhuma de se ter esticado para cima, pois não se tratava de uma mesa alta, nem de uma jarra ou de uma flor colocada a grande altura. Mas a atitude que lhe agradava mais, quando examinava essas mesmas flores, era uma em que o corpo se encurvava sobre as pétalas, desenhando assim uma curva elegante.

Sourdust estava chocado. Tremiam-lhe os cantos da boca. O seu rosto velho e fissurado transformara-se numa área fantástica de rápidos e cruzados riscos a carvão, enquanto os olhos fracos lhe iam traindo um certo desespero. Ao tentar pousar sobre a mesa esse volume pesado, diante da taça de baptismo, nesse espaço que aí estava precisamente para isso, os dedos entorpeceram-se-lhe, perdendo assim a firmeza com que agarravam o couro do livro que lhe deslizou das mãos. Titus escorregou das páginas para o chão, rasgando no processo o canto de uma folha em que estivera embainhado, pois a sua mão agarrara-a ao cair. Esse fora o seu primeiro acto de blasfémia digno de registo. Violara o Livro de Baptismo. A coroa de metal caiu-lhe da cabeça. A Ama Slagg agarrou-se mais ao braço de Fuchsia, para depois exclamar num grito: «Oh, minha riqueza!», e se apressar aos tropeções até ao local onde o bebé chorava comovedoramente no chão.

Sourdust dava puxões à serapilheira da roupa, gemendo de desespero, à medida que tentava recobrar a força das suas velhas mãos. Estava magoadíssimo. Os nós dos dedos do Dr. Prunesquallor tinham-lhe viajado até à boca, com uma velocidade espantosa, e ele ficou aí, oscilando um pouco. Voltou-se, logo a seguir, para *Lady Groan*.

«Até parece que é feito de borracha, Sr.^a Condessa, ah, ah, ah, ah. Como se tivesse dentro dele uma bola de borracha, perfeitamente elástica. Oh sim, sem dúvida, olhe que é isso mesmo. Elasticidade nem sequer é a palavra com que o possamos definir... Ah, ah, ah, nem sequer é a palavra... meu Deus, creia que não. Cada bocadinho se lhe agita e saltita, ah, ah, ah! Cada pedacinho saltita e olhe que se agita...»

«Mas de que é que está a falar?» perguntou a Condessa.

«Estava a falar do seu filho que acabou de cair ao chão.»

«Caiu?» inquiriu a Condessa, com uma voz áspera. «Para onde?»

«Para o chão, Sr.^a Condessa, ah, ah, ah. Caiu positivamente para o chão, ainda que este tenha alguma camada de lajedo, sobrado e carpete, entre a terra bárbara e o nosso pequeno Conde que, sem dúvida, estará a ouvir gritar...»

«Então é isso o que estou a ouvir...» disse *Lady Groan*, de cuja boca franzida, como se estivesse a assobiar, o pássaro ia debicando um pedaço de bolo seco.

«Sim» disse Cora, à sua direita, que corra para ela assim que o bebé caíra, e continuava a observar o rosto da cunhada. «Sim, é isso mesmo...»

Clarice, que aparecera pelo outro lado, oposto à posição da sua irmã, confirmou a interpretação dela, «é precisamente isso mesmo.»

Em seguida, ambas espreitaram uma para a outra, por detrás da Condessa, trocando olhares de cumplicidade.

Quando o pássaro cinzento conseguiu retirar o pedacinho de bolo da boca da Senhora, voou-lhe do ombro para lhe ir pousar num dedo arqueado, onde ficou imóvel como uma escultura, enquanto ela, abandonando as gémeas (que, como se o facto de a Condessa se ter desviado tivesse deixado entre elas um vácuo que elas logo se apressaram a preencher, juntando-se muito uma à outra), se dirigia ao local da tragédia. Foi aí que viu Sourdust a tentar retomar a sua dignidade, mas a tremer, no processo, por dentro da sua serapilheira carmesim. O marido, que sabia que não se tratava de uma situação que dissesse respeito a homens, desviou-se da cena, mas olhou nervosamente para o filho. Estava a morder na férula da sua vara com a bola de jade, com os olhos entristecidos a moverem-se erráticamente, porém, a pousarem no pequeno infante sem coroa, que chorava nos braços da ama.

A Condessa retirou Titus dos braços da Sr.^a Slagg e dirigiu-se para a janela.

Fuchsia, ao ver a mãe, foi assaltada, apesar de tudo, por um certo sentimento de comiseração pelo pequeno fardo que ela carregava. Era quase uma nauseante sensação de proximidade, pois, desde que vira o irmão rasgar as

folhas onde o tinham encaixado, ficara a saber que havia outro ser nessa sala para quem toda a linguagem empolada de Gormenghast era algo de que fugir. Imaginara, num acesso vivo de ciúmes, que o irmão era um bonito bebé, mas ao vê-lo e reparar que de beleza ele nada tinha, passou a gostar mais dele, e viu-se então nos olhos dela, por um breve instante, a expressão que a sua mãe parecia guardar apenas para os pássaros e para os gatos brancos.

A Condessa levou Titus até à luz do Sol que vinha da janela, para lhe examinar o rosto, continuando, enquanto a tal procedia, a fazer ruídos com a boca para o pássaro cinzento. Em seguida, voltou-o para poder, durante largo tempo, inspeccionar-lhe a parte detrás da cabeça.

«Tragam a coroa» disse ela.

O Dr. Prunesquallor veio logo, de cotovelos levantados e com os dedos de ambas as mãos muito torcidos, erguendo a coroa. Os olhos rolavam-lhe por detrás das lentes.

«Quer que o coroe à luz do Sol? Ah, ah, ah. Que, de facto, o coroe?...» disse ele, mostrando à Condessa a mesma série de teimosos dentes com que honrara Cora alguns minutos atrás.

Titus parara de chorar e parecia incredivelmente pequeno nos braços prodigiosos de sua mãe. Não se ferira, mas assustara-se com a queda. Apenas um ou outro soluço sobreviviam ainda, percorrendo-lhe o corpo de vez em quando.

«Ponha-a na cabeça dele» disse a Condessa. O médico inclinou as ancas numa linha recta e oblíqua. As suas pernas pareciam tão magras nesse seu traje negro que, quando uma aragem soprava do jardim, era como se o tecido fosse sugado bem para lá da zona onde ele deveria ter os ossos das canelas. Baixou então a coroa sobre essa cabecinha semelhante a uma batata branca.

«Sourdust» chamou ela sem se voltar. «Venha cá.»

Este levantou a cabeça. Já tinha apanhado o livro do chão e estava a pôr os bocadinhos de papel rasgado ao canto da página danificada, a alisá-los e a tremer com o indicador.

«Venha, venha agora!» exigiu a Condessa.

Rodeou a mesa e ficou diante dela.

«Vamos dar um passeio pelo relvado, Sourdust. Depois poderá acabar a cerimónia de baptismo. Veja se consegue recompor-se» acrescentou. «Pare de tremer!»

O idoso fez uma vénia e, ainda a pensar que interromper desse modo o baptizado de um herdeiro directo era um sacrilégio, seguiu-a pela porta envidraçada, enquanto ela dizia por cima do ombro: «Venham todos, todos vocês, os criados também.»

Sáiram, de facto, todos, escolhendo, cada um deles, tonalidades pa-

raletas de relva cortada que convergiam na distância em perfeitas linhas rectas e verdes. Foi assim que começaram a andar em silêncio, para cima e para baixo, durante quarenta minutos.

Acertaram o passo por Sourdust, o mais lento de todos. Ao iniciarem o passeio, os cedros estendiam-se por cima deles, do lado norte, com as suas silhuetas a diminuírem, prolongando a esmeralda nua dessa relva cortada. Pareciam brinquedos, soltos e pintados, cada um a andar na sua faixa muito bem aparada.

Lorde Sepulchrave dava passadas lentas, de cabeça baixa. Fuchsia parecia ter amuado. O Dr. Prunesquallor continuava aos saltinhos. As gémeas caminhavam como se num vazio. Flay estendia as suas pernas de aranha, enquanto Swelter arqueava as dele.

Durante todo esse tempo, a Condessa manteve Titus nos braços, assobiando várias notas que arrastavam pelo ar dourado vários pássaros estranhos vindos de florestas ainda não assinaladas em mapas.

Quando por fim se voltaram a juntar na Sala Fresca, Sourdust já se sentia melhor, se bem que ainda estivesse cansado do passeio.

Indicando-lhes os lugares, voltou a pôr muito calmamente as mãos sobre esse volume rasgado, dirigindo-se ao semicírculo diante dele.

Titus voltara a ser posto no Livro, que o idoso pousara cuidadosamente na mesa.

«Aqui te coloco, Infante-Herdeiro» disse ele, na mesma passagem que fora interrompida pela idade dos seus dedos, «Infante-Herdeiro dos rios, da Torre das Pedreneiras e dos seus recessos escuros por baixo dos degraus frios e dos relvados ensolarados de Verão. Infante-Herdeiro das brisas primaveris que sopram das florestas condais e da tristeza outonal das pétalas, escamas e asas. Que escutem o brilho branco do Inverno, em mil torreões, e o torpor estival entre as muralhas que se esboroam. Que escutem com a humildade de príncipes e que compreendam com a compreensão das formigas. Escuta, Infante-Herdeiro, e medita. Interioriza agora o que te disse.»

Sourdust voltou a entregar o bebé, ainda em cima da mesa, à sua mãe. Arqueou a mão e mergulhou-a na taça de baptismo. Em seguida, com o pulso e a mão a escorrerem, deixou que a água lhe caísse dos dedos por sobre a cabeça de Titus, onde a coroa deixava, entre as pontas, uma área oval de pele contra o osso.

«O teu nome é TITUS» disse Sourdust com grande simplicidade, «TITUS, o septuagésimo sétimo Conde de Groan e Lorde de Gormenghast. Suplico-te que consideres sagrada cada pedra fria que se prende às cinzentas muralhas ancestrais. Suplico-te que consideres sagrada a terra escura que alimenta as tuas árvores altas e carregadas de folhas. Suplico-te que mantenhas sagrados os princípios que ramificam as crenças de Gormenghast.

Dedico-te ao Castelo de teu pai. Titus, sê verdadeiro.»

O bebé voltou então para os braços de Sourdust, que o passou à Ama Slagg. A sala estava muito agradável com o perfume fresco das flores. Quando o idoso deu o sinal, ao fim de alguns minutos de meditação, para que começassem a comer, Swelter avançou, equilibrando quatro travessas de acepipes em cada braço e outras duas em cada mão, para servir os presentes. Depois encheu copos com vinho, enquanto Flay continuava a seguir, como uma sombra, Lorde Sepulchrave. Nenhum dos convidados tentava entabular qualquer tipo de conversa. Limitaram-se apenas a ficar aí, a comer e a beber, em diferentes partes da sala, ou junto à janela saliente, mastigando e bebericando, enquanto olhavam para os relvados que se estendiam diante deles. Só as gémeas se sentaram a um canto, gesticulando para Swelter, logo que acabaram o que tinham no prato. Essa tarde iria ser para elas um tema para futuras e variadas reminiscências. Ao passarem os acepipes, Lorde Sepulchrave não tocou em nada e, quando Swelter se aproximou dele com uma travessa de cotovias assadas, Flay desviou-o peremptoriamente. Notando, ao fazê-lo, uma expressão diabólica nos pequenos olhos de porco do chefe de cozinha, apenas ergueu desmesuradamente os ombros ossudos.

À medida que o tempo ia passando, Sourdust tornou-se cada vez mais consciente das suas responsabilidades como mestre do ritual. Por fim, após ter verificado as horas através da luz do Sol, que estava agora cortado ao meio por um magro ramo de ácer, bateu palmas e começou a andar até à porta.

Era altura para toda essa assembleia se juntar no centro da sala e para que cada um passasse diante de Sourdust e da Ama Slagg que, com Titus ao colo, estava ao lado dele.

Todas essas posições foram devidamente tomadas, e o primeiro a dirigir-se para a porta foi Lorde Sepulchrave, que elevou a cabeça melancólica e, ao passar pelo filho, pronunciou uma única palavra, «Titus», com uma voz solene e abstracta. A Condessa seguia-o volumosamente, gritando «TITUS» para a criança enrugada.

Todos se lhes seguiram: as gémeas atrapalhando-se uma à outra na tentativa de não falarem ao mesmo tempo e o médico exibindo os dentes ao dizer «Titus», como se se tratasse de fazer avançar uma romântica cavalaria de sabres. Fuchsia sentia-se pouco à vontade e limitou-se a olhar muito para as pontas da coroa do irmão.

Finalmente, já todos tinham saído, após terem dito, com as suas entoações peculiares, a palavra «Titus», enquanto alteavam as cabeças. Só a Sr.^a Slagg aí ficou, pois até Sourdust a abandonara para seguir o Sr. Flay.

Agora que estava sozinha nessa Sala Fresca, olhava em volta dela,

cheia de nervosismo, observando todo esse vazio e a luz do Sol que jorrava ainda por essa enorme janela saliente.

De súbito, começou a chorar de emoção e fadiga devido ao choque que recebera quando a Condessa gritara, diante dela, para o pequeno Conde. A velha ama parecia uma estranha criatura patética sentada numa cadeira de espaldar alto com um boneco coroado nos braços. O cetim verde brilhava mordazmente sob a luz da tarde. «Oh, minha riqueza» dizia ela entre soluços, com as lágrimas a escorrerem-lhe das diminutas faces enrugadas, como frutos sorvados. «Meu pobre querido — como se fosse um crime amar-te...» Encostou então o rosto do bebé à sua pele húmida. Tinha os olhos marejados, com lágrimas coladas às pestanas, e os lábios tremiam-lhe. Fuchsia entrou então e ajoelhou-se, pondo os braços em torno da Sr.^a Slagg e do irmão.

Esta abriu os seus olhos vermelhos e inclinou-se para a frente, enquanto todos três se fundiam num único nó de solidariedade.

«*Adoro-te*» murmurou a rapariga, levantando os olhos tristes. «Adoro-te, adoro-te.» Depois, voltando-se para a porta, acrescentou: «Fizeram-na chorar» como se estivesse a dirigir-se à fileira de figurantes que aí tinham desfilado. «Fizeram-na chorar, seus animais!»

MEIOS DE FUGA

O Sr. Flay estava possesso devido a duas grandes ofensas. A primeira tinha que ver com a contenda que se acendera entre ele e essa montanha de carne pálida, ou seja, com o conflito que se agudizara, dando azo ao modo como agredira o chefe de cozinha. Evitava assim, ainda mais escrupulosamente, cada corredor, átrio ou claustro onde as proporções inconfundíveis do seu inimigo pudessem de súbito surgir. Ao desempenhar as suas tarefas, o Sr. Flay estava para sempre consciente de que esse inimigo estava no Castelo, e sentia-se atormentado pelo facto de se dar conta de que alguma maqui-nação diabólica pudesse estar a ser planeada, de momento, nessa cabeça hidrópica, alguma conspiração infernal, numa palavra: *vingança*. Flay não conseguia imaginar que oportunidades o chefe de cozinha poderia encontrar ou conceber, por isso, estava sempre alerta, tentando congeminar, no seu crânio escuro, quaisquer possibilidades que lhe ocorressem. Se Flay não estava propriamente assustado, estava pelo menos apreensivo e não muito longe de sentir medo.

O segundo dos seus receios prendia-se com o desaparecimento de Steerpike. Há catorze dias, fechara à chave esse vagabundo, mas, ao voltar doze horas mais tarde, com um jarro de água e um prato de batatas,

encontrara a sala vazia. Desde então que ninguém sabia nada dele, e o Sr. Flay, se bem que não estivesse interessado propriamente no rapaz, estava contudo preocupado com essa espantosa desapareição e com o facto de ele ter sido um dos aprendizes de cozinha de Swelter. Caso o rapaz voltasse para as regiões fétidas de que se escapara, poderia muito bem contar-lhe o encontro que tivera com ele e talvez, numa versão já distorcida do assunto, contar ao chefe de cozinha que fora desviado da sua zona habitual e, por alguma razão sinistra inventada por ele, que fora enclausurado. E não era apenas isso, pois Flay ainda se lembrava do modo como Steerpike escutara os comentários que Lorde Groan fizera acerca do filho, observações que seriam prejudiciais à dignidade de Gormenghast se fossem badaladas entre a gentilha do Castelo. Não iria cair nada bem se, logo no começo de carreira do novo Lorde Groan, se viesse a saber que a criança era feia e que Lorde Sepulchrave estava muito preocupado com isso. Flay ainda não descobrira o que poderia fazer para se assegurar da discrição do rapaz, contudo, não havia dúvida de que primeiro haveria que o encontrar. Durante as suas horas livres, já revistara divisão após divisão, varanda após varanda, mas não encontrara sequer rasto dele.

À noite, deitado em frente à porta do seu amo, dava voltas e acordava, sentando-se de súbito no soalho. Primeiro, era o rosto de Swelter o que surgia diante dele, enorme e indistinto, com pequenos olhos redondos enterrados nas pregas de carne, frios e impiedosos. Em seguida, à medida que esse repelente fantasma se dissolvia na escuridão, a sua mente atraía-o até à sala vazia onde vira Steerpike pela última vez. Na sua imaginação, voltava a percorrer as paredes e a apalpar com as mãos os painéis de madeira, para depois regressar à janela através da qual ele olharia, através de uma profundidade de doze metros, para o pátio lá muito em baixo.

Voltando a esticar as pernas, os joelhos estalavam-lhe no escuro, enquanto voltava a distender o corpo todo, com a chave entre os dentes a saber-lhe a ferro.

O que acontecera de facto na Sala Octogonal e os acontecimentos que depois tinham envolvido Steerpike eram os seguintes:

Quando o rapaz ouviu a chave a rodar na fechadura, correu logo para a porta e colou o olho no buraco da mesma para ver o fundo das calças do Sr. Flay a desaparecerem pelo corredor. Tinha-o ouvido a dobrar uma esquina e depois o estrondo de uma porta a fechar-se mais ao longe, em seguida, só conseguia ouvir o silêncio. A maior parte das pessoas teria experimentado o puxador da porta. Esse instinto, por demais irracional que fosse, teria levado a sua avante, pois tratar-se-ia do primeiro impulso de alguém que se quisesse libertar. Steerpike olhou por momentos para esse puxador.

Ouvira o rodar da chave, de modo que não desobedeceu à sua lógica simples. Desviou-se da única porta nessa sala e, debruçando-se à janela, deu-se conta dessa altura abrupta.

O seu corpo parecia deformado, mas era difícil dizer o que lhe daria essa característica de quase corcunda. Se lhe observássemos os membros, ter-nos-ia parecido uma pessoa saudável, mas era o conjunto dos mesmos que parecia resumir-se numa totalidade torcida. O seu rosto era branco como a cal e, à excepção do seu olhar, assemelhava-se a uma máscara. Tinha os olhos muito juntos, pequenos e avermelhados, mas que revelavam, simultaneamente, uma espantosa concentração.

A túnica de cozinha que ele tinha estava-lhe muito apertada. Desviado para a parte detrás da cabeça, ainda trazia o boné branco.

Ao olhar para essa espécie de precipício, franziu a boca, e os seus olhos percorreram rapidamente o pátio lá no fundo. Só depois abandonou de repente a janela e, com a sua maneira típica de andar, entre o passo normal e a corrida, começou a andar em volta da sala, como se fosse importante que o seu cérebro se harmonizasse com a sua forma de a percorrer. Mais tarde, voltou à janela. Nada se movia. A luz da tarde começara a esmorecer no céu, se bem que a imagem dos torreões e dos telhados, delimitada apenas pelo enquadramento da janela, ainda se enchesse de tons quentes. Deu uma última olhadela abrangente, por cima do ombro, às paredes e ao tecto dessa sala prisional, para depois pôr as mãos atrás das costas e dirigir a atenção para o caixilho da janela.

Dessa vez, debruçado precariamente no parapeito, de rosto voltado para o céu, examinou as pedras irregulares da parede, *por cima* do lintel, para verificar que, após uns seis metros, terminavam num inclinado telhado de ardósia. Esse telhado erguia-se até a uma longa aresta horizontal semelhante à das ameias que, por sua vez, conduzia, através de curvas tortuosas, até aos telhados principais de Gormenghast. Os seis metros acima dele, embora a princípio parecessem impossíveis de escalar, só o eram, de facto, nos primeiros três metros e meio, onde apenas raras saliências de pedra poderiam oferecer locais onde se agarrar e apoiar. Por cima dessa altura, uma lúgubre trepadeira semimorta, de troncos enovelados sobre a ardósia, baixava um braço eriçado que, se não se partisse com o seu peso, lhe facilitaria em muito a operação.

Steerpike pensou que, uma vez fora da cornija, poderia, com uma certa facilidade, abrir caminho até ao revestimento exterior da parte central de Gormenghast.

Mais uma vez, atentou nos primeiros seis metros de pedra vertical, escolhendo muito atentamente os pontos onde se iria agarrar. Essa inspecção deixou-o um pouco descorçoado. Não iria ser nada fácil. Quanto mais

ele observava essa parede, menos lhe agradava tal hipótese, mas poderia ver que era *exequível* se ele concentrasse todos os pensamentos e todos os nervos do corpo nessa tentativa. Voltou então a escorregar para a sala que, de súbito, parecia juntar uma atmosfera de segurança ao seu silêncio. Tinha afinal duas opções. Poderia esperar, e eventualmente Flay iria aparecer para tentar levá-lo até às cozinhas; ou poderia tentar essa perigosa provação.

De repente, sentado no chão da sala, descalçou as botas e atou-as uma à outra para as colocar em volta do pescoço. Depois meteu as meias nos bolsos e levantou-se em bicos de pés no meio dessa divisão, tentando movê-los e massajando também os dedos das mãos. Não havia mais tempo a perder. Ajoelhou-se no parapeito da janela e pôs-se de pé lentamente, já com o corpo fora do caixilho e o sol poente a brincar-lhe nos ombros.

«UM CAMPO DE LAJES»

Recusou-se a pensar nessa queda abrupta e colou os olhos ao primeiro dos pontos de apoio. A sua mão direita agarrou-se ao lintel logo que saiu pela janela, e com o pé do mesmo lado, conseguiu arquear os dedos do mesmo em volta de uma saliência na pedra. Quase imediatamente começou a suar. As mãos treparam mais um pouco, encontrando uma ranhura que ele já observara convenientemente. Mordendo o lábio inferior até este lhe sangrar já profusamente sobre o queixo, ergueu o joelho esquerdo pela superfície da parede. Pelo relógio, demorara-lhe bem uns dezassete minutos. Mas, seguindo os batimentos do coração, parecia-lhe ter estado todo um fim de tarde a equilibrar-se nessa parede. Por vezes, pensara mesmo desistir de tudo, até mesmo da própria vida, e atirar-se para o espaço, onde todo o cansaço e as dores que sentia acabariam de uma vez; outras, ao agarrar-se desesperadamente, tentava a escalada já com uma tontura de enjoo, enquanto repetia um verso ou dois de uma balada que há muito esquecera.

Já tinha os dedos dormentes e as mãos e os joelhos a tremerem descontroladamente quando reparou que o rosto estava a ser arranhado pelas fibras ressequidas de uma das pontas da trepadeira. Após tê-la agarrado com a mão direita, os pés perderam então o apoio de que ainda dispunham e, por alguns momentos, ficou suspenso no ar a balançar o corpo. Porém, as suas mãos poderiam recorrer a músculos que ele ainda não usara e, embora sentisse os braços a estalarem-lhe, lá conseguiu trepar os restantes quatro metros e meio, com esse troncos secos e espessos a suportarem o seu peso e apenas alguns ramos de lado a partirem-se. Logo que conseguiu ultrapassar as caleiras, deitou-se, de cabeça para baixo, já muito fraco e a tremer descontroladamente. Ficou aí durante uma hora. Depois, ao levantar a cabeça,

reparando estar num mundo de telhados, pôde sorrir. Era um sorriso tímido, um sorriso que tinha que ver com os seus dezassete anos e que, de súbito, lhe apagou a ausência de expressão na parte inferior do rosto, para desaparecer logo em breve. No local em que se encontrava, atravessado sobre as lousas ainda quentes do sol, apenas fragmentos desse mundo de telhados se tornavam visíveis e a vastidão do céu em que a luz quase se ia esvaindo. Ergueu-se mais tarde nos cotovelos, para notar de imediato que os pés se apoiavam numa parte da caleira que já estava a dar de si. Esse pedaço de metal corroído era tudo o que restava entre o peso do seu corpo, inclinado sobre as placas de ardósia, e uma longa queda até ao pátio. Sem perder mais tempo, começou a subir de rastos por essa inclinação, usando os pés descalços como alavancas, enquanto os ombros iam percorrendo esse telhado por onde se espalhavam manchas de musgo.

Ainda que sentisse mais força nos braços e nas pernas depois dessa pausa, ia dando vómitos à medida que trepava por essa inclinação. Esta era mais extensa do que antes lhe parecera. Efectivamente, todas as várias estruturas do telhado — parapeitos, torreões e cornijas — tinham dimensões muito maiores do que antecipara.

Steerpike, ao atingir a aresta do telhado, sentou-se nela, com uma perna de cada lado, para recobrar forças pela segunda vez. Estava rodeado por charcos de luz mortiça.

Porém, conseguia ver como essa mesma aresta em que se encontrava conduzia, através de uma longa curva, até onde, a oeste, era interrompida pela primeira de quatro torres. Para lá desta, continuava a orientação desse telhado, completando à direita o resto do semicírculo, que terminava junto a uma alta parede lateral. Havia, no entanto, degraus de pedra que subiam por essa parede, no topo da qual, através de uma passagem estreita, se poderia ter acesso a uma área do tamanho de um campo. Esta estava rodeada, se bem que a um nível mais baixo, por pesadas estruturas apodrecidas de telhados adjacentes e de torres, entre os quais se poderiam vislumbrar outros telhados mais ao longe e outras torres.

Os olhos de Steerpike repararam então que, ao longo da vasta superfície de ardósia, um parapeito rodeava toda essa área. É claro que não poderia, de onde se encontrava, calcular as dimensões desse enorme pátio empedrado, uma vez que este se situava bastante longe e muito acima do seu ângulo de visão, mas, ao ver a grande massa de Gormenghast erguer-se a oeste, começou a gatinhar nessa direcção, ao longo da aresta do telhado.

Demorou pelo menos uma hora até o rapaz ter atingido o parapeito que lhe obstruía a vista desse terraço empedrado. Ao trepar a esse muro, com toda a tenacidade, não se dera conta de que apenas alguns blocos verticais de pedra o separavam de algo que ninguém vira nos últimos

quatrocentos anos. Equilibrando um joelho por cima das pedras mais altas, pôde finalmente erguer-se no cimo dessa parede rude. Ao levantar a cabeça, preocupado em ver qual seria o seu próximo obstáculo, viu diante dele, entendendo-se por uma área de quatro acres quadrados, um deserto de lajes cinzentas. O parapeito, onde agora se sentara sem dificuldade, rodeava toda essa superfície e, estendendo as pernas, saltou essa altura de mais ou menos um metro e meio até ao chão. Ao cair e ao encostar-se à parede para se apoiar, viu uma garça levantar voo no canto distante desse campo de pedra, com um ligeiro bater de asas, planando sobre as distantes ameias antes de desaparecer. O Sol começava agora a esvair-se numa névoa violeta e esse vasto campo de pedra, à excepção da pequena figura de Steerpike, abria-se completamente vazio, com as lajes frias a reflectirem ainda as tonalidades prevalentes do céu. Entre estas via-se um musgo escuro e caules ressequidos de ervas daninhas. Os olhos gananciosos de Steerpike devoraram logo toda essa área. Para que poderia ela servir? Desde a sua fuga, essa era sem dúvida a carta mais forte no baralho que planeara recolher. Por que motivo, como e quando iria usar esses pedaços de informação ainda não sabia bem. Mas isso seria num futuro. De momento, apenas sabia que ao arriscar a vida descobrira um enorme pátio tão secreto quanto vazio, tão escondido quanto aberto à ternura e à fúria dos elementos. Ao esmorecerem-lhe os joelhos até ele cair num novelo meio a dormir meio acordado junto à parede, esse campo de pedra tremeu com um último arrepio arroxeadado, e o Sol já não era visível.

«POR CIMA DE UMA PAISAGEM DE TELHADOS»

A escuridão caiu sobre o Castelo e até pelos Bosques Contorcidos, bem como sobre a montanha de Gormenghast. As longas mesas dos Residentes estavam agora escondidas pela espessura de uma noite sem estrelas. Os cactos e as acácias, por onde a Ama Slagg passara, e o velho espinheiro no pátio dos criados, fundiam-se sob uma mesma mortalha. A escuridão abatia-se sobre as quatro alas de Gormenghast. Havia escuridão contra as portas envidraçadas da Sala do Baptismo, abrindo caminho, com o seu corpo impalpável, através das folhas de hera que quase tapavam a janela de *Lady Groan*; escuridão contra as paredes, escondendo-as de todos os sentidos excepto do tacto, escondendo-as e soterrando tudo, e tudo devorando, com a sua insaciável omnipresença; escuridão sobre esse campo de pedra por cima do qual as nuvens se moviam invisíveis; escuridão sobre Steerpike que dormia, acordava e voltava a adormecer para acordar uma vez mais, apenas com essa sua pouca roupa, mais apropriada à atmosfera asfíxiante das cozinhas

do que à nudez do ar nocturno. A tremer, ele olhava para esse muro espesso que a noite construía e onde nem sequer se via o brilho de uma única estrela. Depois lembrou-se do seu cachimbo, ainda tinha algum tabaco numa lata de folha que trazia no bolso de trás das calças.

Encheu o forno do cachimbo na escuridão, pressionando-o com o seu magro e triste dedo indicador e foi com dificuldade que conseguiu acender esse tabaco cortado em grossos pedaços. Incapaz de ver o fumo que dele voluteava e da sua boca, esse minúsculo clarão e o calor crescente do forno já lhe eram alívio suficiente. Segurou-o com ambas as mãos e, de joelhos contra o queixo, saboreava essas folhas de tabaco na língua, à medida que longos minutos se iam arrastando. Depois de fumar, reparou que estava demasiado desperto e enregelado para poder adormecer, e concebeu a ideia de dar um passeio às escuras por esse enorme pátio de pedra, mantendo sempre uma mão no muro baixo a seu lado, até regressar ao local onde agora estava. Retirando o boné da cabeça, colocou-o sobre o parapeito e começou a caminhar pelo lado direito, com a mão a roçar por essa irregular superfície de pedra, mesmo por baixo da altura dos seus ombros. A princípio ainda começou a contar os passos, de modo que, de regresso, pudesse entreter parte da noite e calcular a área desse pátio. Em breve, porém, lhes perdeu a conta, enquanto ia avançando lentamente.

Tanto quanto se poderia lembrar, não havia aí quaisquer obstáculos nem grandes fendas no parapeito, mas as memórias da escalada e da primeira visão desse terraço empedrado pareciam misturar-se, e ele não conseguia, nessa escuridão de se cortar à faca, basear-se inteiramente na sua memória. De modo que calculava cada passo, por vezes quase com a certeza de que iria ser impedido por uma parede ou por um intervalo no lajedo. Parava então e caminhava ainda mais lentamente apenas para verificar que a intuição o enganara e que esse percurso monótono, plano e sem fim, diante dele, se encontrava livre de quaisquer obstáculos. Muito antes de já estar a meio caminho do primeiro dos quatro lados, já estava à procura do boné, para se lembrar em seguida que ainda nem sequer chegara à primeira esquina.

Parecia-lhe estar já a caminhar há algumas horas quando sentiu a mão esbarrar, como se tivesse sido atingida, no súbito ângulo recto do parapeito. Ainda teria que lidar, três vezes mais e no escuro, com essa mudança de direcção e, só após esse percurso, poderia encontrar o boné.

Sentindo que há muito iniciara esse passeio cego, os seus passos pareceram-lhe, por dentro dessa escuridão, tornarem-se mais descuidados, apesar da grande calma com que avançava. Uma vez ou duas, ao longo da segunda parede, parou e debruçou-se sobre o parapeito. O vento começava a soprar e ele pôs os braços em volta do corpo.

Ao aproximar-se, mesmo sem saber, da terceira esquina, uma espécie de peso parecia levantar-se do ar e, embora não pudesse ver nada, a atmosfera em torno dele parecia mais rarefeita. Parou como se lhe tivessem retirado uma venda dos olhos. Parou, encostou-se à parede e olhou para cima. As trevas ainda aí estavam mas já não eram essa negrura opaca de que ele ainda se lembrava.

Depois teve a impressão, mais do que se teria dado conta, de um certo movimento por cima dele. Nada podia discernir, mas não poderia duvidar de que havia forças que viajavam pela escuridão. Então, como se outra camada de áspero pano tivesse sido retirada dos seus olhos, Steerpike pôde vislumbrar, por cima dele, formas enormes de nuvens indistintas que se perseguiram quase solenemente, como se a caminho de uma missão portentosa.

Não era ainda, como ele suspeitara, um anúncio de alvorada. Se bem que o tempo lhe tivesse parecido infinito, desde que saltara do parapeito, ainda faltava bem uma hora antes de o dia nascer. Não demorou muito até se inteirar de que as suas esperanças tinham sido goradas, pois ao contemplá-las, as nuvens vagas começaram a abrir-se, à medida que iam avançando, e entre elas se viam outras, mais ao fundo, que, por sua vez, revelavam regiões mais distantes ainda. Essas três camadas de nuvens continuavam a deslizar, as mais próximas, e também as mais negras, eram as mais velozes. Esse enorme empedrado ainda era invisível, mas Steerpike podia agora ver a mão em frente dos olhos.

Em seguida, o véu cinzento que tapava o rosto da noite começou a desintegrar-se e, para lá da película das nuvens mais distantes, dispostas em socalcos, irrompeu de súbito um enxame de cristais acesos e, no seu centro, um fragmento de fogo arredondado.

Observando o ângulo da luz e calculando as horas que, para seu aborrecimento, não eram tão adiantadas quanto ele desejava, Steerpike, olhando para o céu, não pôde deixar de notar como as nuvens pareciam estar paradas, nem como, no seu lugar, um cacho de estrelas e a finura da Lua se tinham posto em movimento, deslizando obliquamente através do céu.

Esses prodigiosos elementos brilhantes corriam velozmente e com um propósito ainda mais determinado do que o das nuvens. Aqui e ali, sobre essa imensidão de céu esfarrapado, pontos de fogo libertavam-se e corriam, até que a última marca de nuvem escura tivesse desaparecido do firmamento e até que, por fim, essa beleza deslizada de sóis flutuantes tivesse cessado de aparecer e uma noite de estrelas fixas tivesse iluminado esse fantasmático campo de lajes.

Agora que as alturas despertavam com pedras amareladas, era possível para Steerpike continuar sem medo a sua caminhada. Continuava as-

sim o seu itinerário, preferindo-o a um corte diagonal sobre o lajedo até ao seu boné de pano. Ao chegar ao ponto de onde partira, pô-lo logo na cabeça, pois, nessas horas, tudo o que pudesse aliviar o frio era bem-vindo. Nessa altura, já mal podia suportar tanta fadiga.

O castigo dessas últimas doze a quinze horas roubara-lhe as forças. O inferno asfixiante das regiões ébrias de Swelter, o horror das Passagens de Pedra onde desmaiara antes de Flay o ter encontrado, e depois o pesadelo dessa escalada pela parede e pelas ardósias do telhado, para não falar do menos perigoso mas não inteiramente fácil percurso até essa enorme superfície lajeada em que se encontrava agora — e onde ao chegar desmaiara pela segunda vez nesse dia — tinham-lhe esgotado as forças. Nesse momento, nem sequer o frio o conseguia manter acordado. Deitou-se então subitamente e, com a cabeça sobre os braços, dormiu até acordar mal-disposto e com fome, com o Sol já alto pelo céu da manhã.

Se não tivesse sentido as pernas e os braços tão doridos — o que lhe dava provas irrefutáveis da realidade a que se submetera —, todas as provações por que passara lhe teriam parecido tão irreais como um sonho. Nessa manhã, quando se levantou desperto pela luz do Sol, era como se tivesse sido transplantado para um novo dia, para o que seria quase uma nova vida num mundo novo. Apenas a fome o impedia de se debruçar, cheio de contentamento, sobre esse parapeito aquecido, e, com centenas de torres lá mais abaixo, planear para si mesmo um incrível futuro.

As horas que se seguiam não lhe anunciavam grande descanso. O dia anterior arrasara-o. No entanto, o dia que agora se iniciava seria igualmente fatigante e, embora nenhuma memória dessa escalada pudesse adquirir o desespero das aventuras do dia prévio, a fome e a fraqueza que sentia auguravam-lhe, para esse imediato futuro, um pesadelo à luz do Sol.

Logo na primeira hora, desde que acordara, já descera um longo tecto inclinado, após ter saltado quase de uma altura de três metros do parapeito. Atingira então uma pequena escada de pedra em caracol que o conduziu, através de uma fenda entre duas paredes muito altas, até onde uma confluência de telhados cónicos o tinham obrigado a fazer um longo e perigoso desvio. Logo que chegou ao outro lado dessa mesma confluência, desfalecido e tonto de cansaço, de tantas áreas vazias sob um sol cada vez mais forte, viu, então, abrir-se diante dele, e através de enormes fachadas, um cenário esboroado, a paisagem de telhados de Gormenghast, com as suas fissuras em hirtas muralhas semelhantes a escarpas, esburacadas por inomináveis janelas. Nesse instante, Steerpike perdeu o ânimo, ao encontrar-se numa zona tão estéril como a Lua. Sentiu-se desesperar de súbito por dentro da sua fraqueza e, caindo de joelhos, vomitou convulsivamente.

O ralo cabelo cor de estopa aderiu-lhe à enorme testa, como se aí tivesse sido colado, e começava a adquirir um tom sépia. A boca descaía-lhe um pouco aos cantos. Qualquer mudança, nas suas feições de máscara, seria por demais notada no seu caso. Ajoelhou-se a cambalear. Em seguida, sentou-se muito deliberadamente nos quadris, e desviou o cabelo pegajoso do sobrolho, de modo a que este se lhe espetava da testa numa pasta rígida e desagradavelmente gelada. Descansou o queixo nos braços cruzados para então, de um modo muito lento, espriar os olhos pela tela sinuosa que se estendia diante dele, com o mesmo rigor metódico que usara para observar a parede por cima da janela dessa sala de clausura.

Ainda que esfomeado, nunca hesitou nesse escrutínio. Se bem que só uma hora mais tarde se tivesse inteirado de cada ângulo, de cada superfície, descontraíu-se e desviou o olhar desse panorama e, depois de o ter feito durante algum tempo, voltou a fixá-lo sobre uma certa janela que encontrara, alguns momentos atrás, num precipício distante de pedra cinzenta.

«PERTO E LONGE»

Quem poderá dizer quanto tempo requerem os olhos do abutre ou do lince para se inteirarem da totalidade de uma paisagem, ou quando, durante um plausível instante, uma aparente confusão de detalhes inesgotáveis encontra esses mesmos olhos — como uma ordenada e inteligível série de distâncias e formas — onde o último pormenor se percebe em relação a todo um conjunto?

Talvez o falcão não veja mais do que essas verdes terras altas e, entre as ervas silvestres, de um modo mais directo do que no seu próprio campo, o coelho e o rato observem não a paisagem na sua vastidão, mas apenas essas áreas acesas como se por uma tocha, onde as pedreiras se esquivam e as regiões circundantes se fundem em nuvens e escuridão nesses olhos amarelos.

Se bem que o olhar limpo e assexuado do pássaro ou da ave de rapina se disperse e tudo veja, ou se concentre e se alheie de tudo, salvo do que procura, não haverá dúvida de que o olhar menos potente dos seres humanos não poderá alcançar, mesmo se exercitado durante toda uma vida, uma paisagem no seu conjunto. Nenhum olhar poderá ver sem paixão. Não existe compreensão numa mera passagem rápida do olhar. Apenas o reconhecer da donzela, cavalo ou mosca e a suposição dessa mesma donzela, cavalo ou mosca. Assim se passa com os sonhos e para lá destes, pois o que assombra o coração, quando se descobre, salta sempre mais além, piscando o olho e abandonando a parte principal da Vida na escuridão.